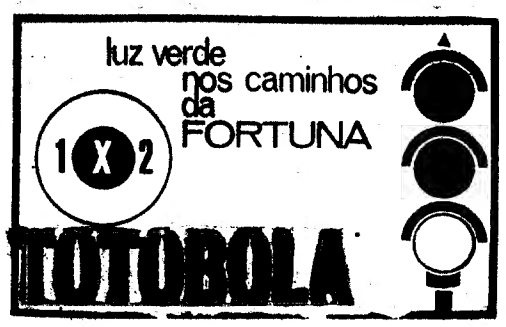
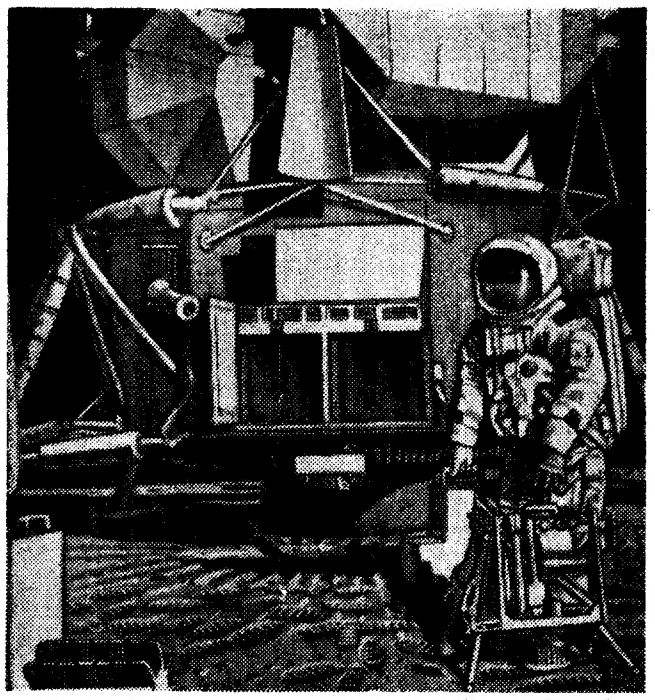
EM MESA REDONDA: DIFICULDADES DE INTEGRAÇÃO DOS PORTUGUESES NO CANADÁ

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 21 DE NOVEMBRO DE 1969 N.º 16 855 ANO 49.º PREÇO 1$50





MATERIAL NO VALOR DE DOIS MILHÕES DE CONTOS foi deixado na Lua pelos astronautas da Apolo-12. Aquela soma inclui o custo do andar inferior do módulo lunar e, ainda, o do mini-laboratório Alsep

APOLO-12

Não haverá antecipação do regresso

HOUSTON, 21 — (R.) — A estação de «contrôle» da missão Apolo 12 rejeitou hoje a sugestão para que os astronautas regressem á Terra um dia antes daquele que estava previsto.

(Continua na página 8)

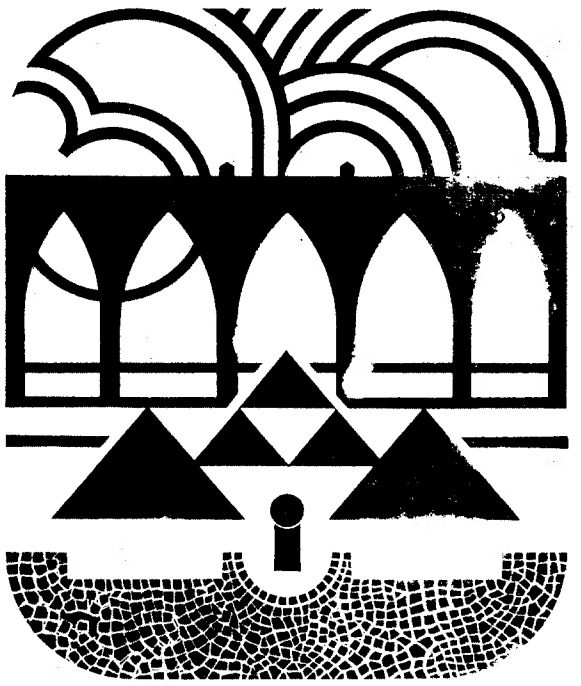
LISBOA TEMA DE UMA GRANDE INICIATIVA

CIDADE de fisionomia invulgar e original; cidade sempre jovem, risonha e alegre; autêntica capital com carácter próprio, Lisboa vai ser o tema duma grande iniciativa popular.

Não há duvida que, mercê das suas condições, os portugueses escolheram Lisboa para sua capital e para sua dilecta cidade. Depois, a projecção portuguesa nos continentes desconhecidos confirmou flagrantemente Lisboa. Certas cidades brasileiras e as capitais ultramarinas portuguesas são, nem mais nem menos, a Saudade de Lisboa, são a recriação da Lisboa, são outras tantas Lisboas, por processo de criação e edificação em longes terras da mesma vivência da Natureza, que nenhum povo como o português soube desenvolver e actualizar. E perante tudo isto, a cidade aí está: serena perante o rumo imposto pelo seu coração — rasgando largas janelas sob o céu estrelado, sabendo sempre oferecer um pouco de Amor, um pouco de sonho, um pouco de esperança...

Pois esta cidade — a nossa cidade, «triste e alegre», como lhe chamou Fernando Pessoa —, vai ser, efectivamente, o motivo maior duma grande iniciativa popular que o nosso jornal vai levar a efeito.

Realizações a que esteja ligado o nome de Lisboa têm de envolver qualquer aspecto aliciante, porque Lisboa é bonita «á priori». Lisboa é bonita porque cresceu sobre sete colinas, porque tem aos pés, como que ajoelhado, um rio tão característico como é o Tejo, porque tem, quase sempre, este céu cristalino e azul. Diz-se, com frequência, que o principal encanto de Lisboa deriva duma configuração



geográfica anterior à acção do homem. A maior percentagem de beleza e de personalidade de Lisboa residiria no puramente natural: colinas, vales, rio e céu.

Com a grande iniciativa popular que o nosso jornal vai empreender, todos os nossos leitores poderão testemunhar (ou contrariar) estas razões. Para muitos, Lisboa é feita de muitas Lisboas, pela história e pela tradição topográfica, mas constituida, afinal, por duas Lisboas, em face das realidades que sobrelevem qualquer sorte de considerações. E estas duas Lisboas são a Lisboa estática, eterna, margem e afluente do Tejo, mãe e irmã, cidade antiga eternamente menina, e essa outra cidade que nela nasceu e se expande e se enraíza no século XX, mas já a sonhar com o século XXI

Todos os leitores do «Diário de Lisboa» podem participar nesta grande iniciativa onde estará presente o sentimento que a cidade conserva, um sentimento feito de imponderáveis objectivos e subjectivos — carácter, história, responsabilidade e, depois, humildade e grandeza. As cidades eternas ou universais prendem-se intimamente a grande número de realizações. Com esta que, muito brevemente, o «Diário de Lisboa» vai empreender, reatamos o ciclo das iniciativas de carácter popular que o nosso jornal levou a efeito em várias épocas, sempre com êxito assinalável. Recordamos a eleição da «Rainha dos Mercados», o Concurso de Quadras Populares, as Festas da Uva e do Vinho, as Figuras e Factos Históricos e o Domingo Feliz — realizações que os nossos leitores acompanharam com o maior entusiasmo, o que nos faz acreditar que a nova iniciativa do nosso jornal merecerá também o seu interesse.

Muitos são os aspectos aliciantes desta nova realização que tem Lisboa como tema.. Oportunamente as revelaremos.

Edição da noite

HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Os alunos do curso de mergulho amador, que está a decorrer na piscina de Arcoiro, tomaram contacto, pela primeira vez, com um aparelho de reanimação. (LER PÁG. CENTRAL)

Segurança na construção civil: segunda jornada de esclarecimento em Setúbal

A segunda jornada da campanha organizada pela Associação Técnica da Industria de Cimento subordinada ao tema «A segurança na construção civil» efectuou-se esta tarde em Setubal, no edifício dos Paços do Concelho.

A iniciativa, especialmente destinada aos técnicos das Camaras Municipais, serviços municipalizados e outros organismos oficiais, reveste também o maior interesse de quantos se ocupam na construção civil, dado que se pretendem fornecer elementos que constituam instrumentos para uma mais eficaz acção fiscalizadora de modo que as estruturas existentes ofereçam as melhores garantias de segurança.

Na sessão da Camara Municipal de Setubal falou em primeiro lugar o eng.º Lourenço Antunes, director técnico da Associação Técnica da Industria do Cimento, que saudou os presentes, expondo, depois, os motivos que conduziram á organização das Jornadas. A seguir proferiu uma palestra o eng.º Joaquim dos Santos Viseu, chefe do Gabinete de Engenharia Civil da Siderurgia Nacional, o qual começou por evidenciar os tipos de construção das edificações, referindo-se especialmente aos aspectos de segurança a que devem obedecer, tanto nos projectos como nas obras.

A importância das dosagens do cimento

O eng.º Joaquim Viseu referiu-se á importancia decisiva das dosagens correctas de cimento nas obras, aliás perfeitamente definidas na legislação citada, como factor de segurança no qual são grandes as responsabilidades dos técnicos e da fiscalização oficial.

Ainda como medida de confiança nas percentagens de cimento utilizadas e da conveniente preparação dos betões, abordou a importancia das centrais de betão idóneas, que fornecem betões da melhor qualidade garantindo á fiscalização camarária ou outra que a construção civil utiliza os melhores materiais, oferecendo por consequência as melhores condições de segurança das estruturas.

A exposição foi completada com a projecção e comentário de uma colecção de diapositivos, que, mostrando diversas fases da preparação de betões, evidenciou claramente a importancia dos laboratórios de ensaios, que estão perfeitamente ao alcance dos municípios e outros serviços oficiais que tenham a seu cargo as responsabilidades de fiscalização.

A' sessão de Setubal — a segunda das jornadas, patrocinadas pelos Ministérios das Obras Publicas e do Interior — assistiram técnicos do distrito dos seguintes concelhos: Almada, Setubal, Moita, Palmela, Alcácer do Sal, Sesimbra, Seixal, Barreiro, Sines, Alcochete, Grandola, Montijo e Santiago de Cacém.

A próxima sessão efectua-se no Porto

A terceira jornada osbre betões, subordinada ao tema «A segurança na construção civil», efectuar-se-á no próximo dia 28, ás 18 horas, na sala de conferências da secção regional do Porto da Ordem dos Engenheiros. Os trabalhos serão dirigidos pelo eng.º Joaquim Sampaio, professor da Faculdade de Engenharia daquela cidade e director do Laboratório de Ensaios de Materiais.

Para esta jornada foram convidados técnicos dos concelhos de Amarante, Baião, Felgueiras, Gondomar, Lousada, Maia, Marco de Canaveses, Matosinhos, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel, Vila do Conde, Vila Nova de Gaia, Póvoa de Varzim, porto, Santo Tirso e Valongo.

ora diga-nos...

— Já caíste alguma vez por umas escadas abaixo?

«Só cai quem quer» — pensamento sempre actual.

● *Disse-nos Carlos Alberto Santos Cruz, empregado numa agência de publicidade:*

— Já.

— E ficaste ferido?

— Não

— Que sorte, hem?

— Sou de borracha.

— Tá bem, mas não caias muitas vezes.

● *Respondeu-nos Manuel Augusto da Costa Francisco, aluno da primeira classe:*

— Nunca caí.

— Sempre cuidadoso, não?

— Sempre. Pareço uma lesma a subir as escadas. A subir e a descer...

— Então nunca caírás. As lesmas não caem...

— Pois não: escorregam...

● *Finalmente, disse-nos Vítor Manuel da Paz Varela, também aluno da instrução primária:*

— Ia escorregando uma vez, mas agarrei-me ao corrimão e não caí. Torci foi a mão. Mas já está boa. Há, no entanto, velhinhas que rolam pelas escadas abaixo e ficam muito magoadas...

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo Domingo e nos Sectores e Zonas abaixo indicados, teremos de interromper a corrente eléctrica para efectuar trabalhos de ampliação e reparação das nossas redes, considerados indispensáveis.

O corte da corrente durará apenas algumas horas, a partir do começo da manhã, de modo a causar o menor transtorno possível aos nossos consumidores.

Os Sectores e Zonas atingidos são:

4.º Sector — Concelho de Lisboa: Av.ª António Augusto de Aguiar, 40 a 42. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Rua Francisco Lázaro, Rua Álvaro Coutinho, Rua dos Anjos. (Das 8 ás 12 horas).

9.º Sector — Av.ª Afonso III n.ºs pares entre Ruas Domingos Jardo e Adolfo Coelho. (Das 8 ás 12 horas).

10.º Sector — Estrada da Luz (parte), 1.ª e 2.ª Ruas Particulares ás Laranjeiras e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

10.º Sector — Rua Neves Costa, Rua do Machado, Rua da Fonte, Rua da Mestra, Largo Jogo da Bola a Carnide, e imediações. (Das 8 ás 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras: ALGÉS:** Av.ª Pedro Álvares Cabral, Av.ª Miguel Bombarda, Rua Elias Garcia, Rua José Joaquim de Almeida, Rua João de Castro, Rua Infanta D.ª Isabel, Rua S. Pedro do Arieiro, Rua José Diogo da Silva e Est. da Torre. (Das 8 ás 15 horas).

2.ª Zona — **VENDA NOVA:** Rua Latino Coelho (parte). (Das 8 ás 15 horas).

3.ª Zona — **VENDA NOVA:** Rua Elias Garcia, Rua 28 de Maio, Rua Óscar Monteiro Torres, Rua D. Dinis, Bairro do Girassol (parte), Rua das Fontainhas, Rua Carlos Amaro Matos. (Das 8 ás 15 horas).

4.ª Zona — **QUELUZ DE BAIXO:** Rua dos Moinhos, Rua das Palmeiras. (Das 8 ás 15 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Sintra:** RECOVEIRO / BARATA / PROBLEGAIS / MELEÇAS / PALA. (Das 8 ás 15 horas).

6.ª Zona — AREEIRO DOS MARINHEIROS / TOJEIRA / BOLEMBRE / MAGOITO (praia) e GOUVEIA. (Das 8 ás 15 horas).

7.ª Zona — **Concelho de V. F. Xira:** ALVERCA. (Das 5 ás 14 horas).

8.ª Zona — Linha de A. T. entre ALHANDRA e VERDELHA. (Das 5 ás 5-30 e das 13 ás 13-30 horas).

9.ª Zona — **Concelho do Sobral de M. Agraço:** SOBRAL DO MONTE AGRAÇO. (Das 7 ás 14 horas).

10.ª Zona — **Concelho de Torres Vedras:** FELITEIRA / DOIS PORTOS / RUNA / MATACÃES e linha de A. T. entre SOBRAL e ORDASQUEIRA. (Das 7 ás 14 horas).

11.ª Zona — **Concelho de Azambuja:** AZAMBUJA e linhas de A. T. entre ESPAIDANAL e CRUZ DO CAMPO. (Das 7 ás 14 horas).

12.ª Zona — **Concelho do Cartaxo:** RIBEIRA DO CARTAXO / CARTAXO / VALADA / PORTO MUGE / REGUENGO e linhas de A. T. entre CRUZ DO CAMPO e CARTAXO e CRUZ DO CAMPO e VALADA. (Das 7 ás 14 horas).

ATRASOS NOS COMBOIOS DE SINTRA

Esta manhã, a partir das 7 e 50, ocorreu, no túnel que antecede a estação de Sintra, uma avaria eléctrica que afectou, durante duas horas, o tráfego ferroviário entre aquela vila e Lisboa.

Os utentes da linha residentes em Sintra (vila) Portela e Algueirão-Mem Martins tiveram de utilizar táxis para apanharem o comboio nas Mercês, uma vez que a corrente eléctrica se mantinha a partir desta estação até á do Rossio

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

OPEL LICAR
Kadett
OLYMPIA
REKORD
COMMODORE
OPEL
LICAR
AV. CASAL RIBEIRO, 48-A-LISBOA1

ELEIÇÕES NAS FILIPINAS

A vitória de Marcos pode significar uma mudança nas relações filipino-americanas

MANILA — O presidente Ferdinando Marcos conseguiu uma vitória tão esmagadora para si e para o seu Partido Nacionalista que a primeira reacção é a do receio que a democracia corra perigo nas Filipinas.

«Será um genuíno reflexo da vontade do povo ou terá Marcos transformado o aparelho governamental num carro de Krishua bem aparelhado, que dominou o país pelo sistema de apadrinhamento e com uma certa dose de intimidação?», perguntou um filipino proeminente.

Embora esta personalidade tenha já, e com frequência, falado livremente, a verdade é que desta vez não gostaria de ser publicamente identificado como autor da pergunta.

Marcos e o seu vice-presidente, Fernando Lopez, tiveram uma vitória esmagadora sobre os adversários — a maior vitória eleitoral que até hoje se registou na história do país.

No Senado (24 lugares) do Congresso Filipino, o partido de Marcos ganhou igualmente por larga maioria; na Câmara Baixa (110 membros) haverá mais de 80 nacionalistas.

Osmena classificou estas eleições como as «*mais sujas*» da História, «*ganhas à custa de compras de votos, intimidações e terrorismo*». Osmena desafiou os jornalistas a irem à sua ilha natal de Cebre, onde ele ganhou na cidade e perdeu no resto da província. Disse-lhes que «*vissem por si mesmos como os «cabras» de Marcos controlam ainda muitas áreas*».

Os jornalistas aceitaram o desafio e foram imediatamente à ilha de Cebre. A primeira coisa que viram foi a casa de Osmena marcada por um recente tiroteio, na noite da véspera das eleições a casa tinha sido atacada por um grupo de atiradores...

Sabe-se que de um lado e de outro se ofereceram de 1 a 3 dólares por voto. E houve quem recebesse de ambos os lados. Também se diz que não é por acaso que uma das áreas recentemente declaradas

Por JACK FOISIE

(Exclusivo «The Los Angeles Times»-«D. L.»)

«*sujeitas a legislação de reforma*» abrange um rancho de Osmena...

● As relações filipino-americanas

Embora esteja provado que as eleições estiveram muito longe da estrita legalidade, o certo é que terá havido outras razões para a vitória de Marcos. Razões que têm que ver com o estatuto especial das relações filipino-americanas, em vigor desde o fim da II Guerra Mundial.

Apesar de, na generalidade, a política estrangeira de Marcos e do rival deste, Sergio Osmena Jr., serem semelhantes, Marcos falou com mais dureza das futuras negociações com os E. U. A. acerca das bases militares e da manutenção de um estatuto de favor para os negócios americanos.

Osmena, homem de negócios, foi bastante moderado nas discussões sobre a política a assumir para com a América de tal modo que deu azo a que os colunistas livres da Imprensa de Manila o acusassem de receber fundos da C. I. A. para financiar a sua campanha.

Os comentários mais severos de Marcos sobre o «paternalismo americano» resultaram em votos, como em parte (e com as limitações acima indicadas) se deduz da sua vitória decisiva e pela esmagadora vitória do senador José Diokno, do Partido Nacionalista de Marcos.

Diokno era quem mais veementemente advogava a liquidação dos interesses dos negócios americanos no país. «*Soy pelo nacionalismo económico e o capital estrangeiro terá de passar por cima da minha derrota*».

Diokno voltou ao Senado com o segundo maior numero de votos populares entre os candidatos que disputavam oito lugares na Camara Alta.

Não é provável que o sentimento antiamericano venha a ser virulento nas Filipinas. Parece haver um respeito genuíno pelos americanos baseado numa camaradagem que vem dos tempos da guerra, e, apesar de todos os seus erros, por uma esclarecida administração colonial, durante quase 30 anos de governo americano.

Mas a presença americana substancial, militar e económica, tornou-se um problema oportuno para os políticos, incluindo Marcos, que assim distraem o filipino médio da sua vida lugubre sob um sistema onde a classe governamental inclui algumas das famílias mais ricas do Mundo, enquanto a maioria do povo tem menos de 200 dólares (5.600$00 escudos) por ano.

Com aquilo que um Marcos vitorioso pode agora olhar como um zelo excessivo, os seus «compaigners» pediram novas negociações sobre os arrendamentos das bases americanas — ao que a Embaixada Americana de Manila replicou prontamente que os E. U. A. estavam dispostos a encetá-las a qualquer tempo. O começo das conversações está marcado para Fevereiro.

Entretanto, dados os cortes no orçamento geral da Defesa e dada a quebra de actividade na guerra do Vietnam, os americanos tencionam anunciar em breve o fim da utilização da base aérea filipina de Mactan.

Há também hipóteses de a base naval americana de Langley, em Manila Bay — que em tempos foi um dos maiores problemas do país ser abandonada.

Outro conflito filipino-americano irá ocorrer durante o segundo mandato de Marcos. As duas nações terão de negociar a substituição do acordo Laevel-Langley, que termina em 1974. Nos termos desse acordo, as importações filipinas (sobretudo o açucar) gozam de um estatuto de favor. Em compensação, os negócios americanos usufruem de um tratamento de favor no país.

PIEDADE, QUEM A QUER?

— ...para o mundo não acabar!...

Olé, isto interessa-me, de que se trata? Virei a cabeça. Tomei de relance conhecimento da situação e continuei a andar.

Foi precisamente quando me dispunha a atravessar a Rua do Ouro, após ter descido a Rua do Carmo. A mulherzinha estava no meio da multidão, a falar alto. Percebi, principalmente, o seu tom agressivo, quase provocador. Não ouço a voz melíflua. Parece sempre que vou escorregar por ela e há gumes afiados no fundo das palavras, quando a voz se afunila e extingue.

— ...para o mundo não acabar!...

O bebé nos seus braços teria oito meses. O seu ventre quase sete de dilatação. «Tem alguma coisa com isso? É para o mundo não acabar!»

Todos ouvimos, até o que não chegou aos nossos ouvidos. Uma frase compõe uma história, denuncia.

Não tive dúvidas de que foram as duas senhoras — bem vestidas, bem tratadas, amaneiradas, iriam, por certo, tomar chá á «Quinta» — que se apiedaram, cottadinha, com um bebé tão pequenino e já grávida outra vez!

«Quem lhes pediu piedade? Pois é para o mundo não acabar, sim, senhoras, ou pensam que eu tenho medo, lá porque não tenho boa roupa, boa casa e boas maneiras?»

As senhoras afastaram-se depressa. Toda a gente caminhou rápido, porque o sinaleiro abrira passagem e os carros fazem «bicha», prontos a arremeter.

Quem deseja piedade?

ANTÓNIA DE SOUSA

Nota do dia

CONTRIBUIÇÕES POSSÍVEIS

DAVID FERREIRA, velho «seareiro», grande testemunha do tempo, cujo depoimento se revela sempre indispensável quando se trata de analisar ou simplesmente de observar algum episódio pelo menos de há meio século para cá, com o pano de fundo necessário dos seus antecedentes, tem andado a contar no «Diário de Lisboa» o que foram entre nós as universidades livres e o papel que tiveram na intensa acção de extensão cultural do nosso povo. É um depoimento e é uma lição em que vale a pena meditar.

Essa experiência portuguesa de há meio século não pode ser ignorada num momento, como o actual, em que se reconhece o valor da cultura e da divulgação do conhecimento como imprescindível instrumento de acção ligado ao próprio progresso económico. Não pode ser ignorada, por outro lado, quando permanecem na mesa da discussão, sob tão variados aspectos, o problema geral do ensino e, particularmente, o problema da universidade. Tem de se ouvir a lição.

O que é que nos legou essa experiência? Quais são os pontos críticos da reforma do ensino universitário que as circunstâncias reclamam? Onde é que estão e quais é que são as perguntas? Que respostas é que estamos em condições de recolher desde já para preencher algumas das lacunas que se mostram? Todos os elementos de possível coincidência entre o «deve» e o «haver» deste grande livro da nossa vida que devem ser recolhidos, identificados, analisados e valorizados.

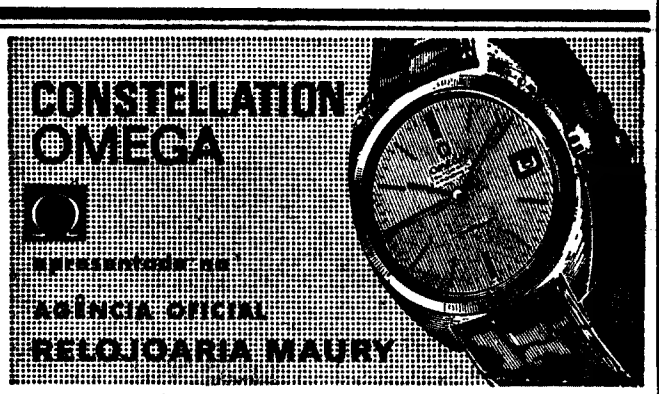
Quem se tem ocupado entre nós do problema, por interesse próprio pelas coisas que são de todos ou até mesmo por incumbência oficial, aponta em geral duas conclusões: a universidade actual, com as suas estruturas estabelecidas, não responde já às solicitações imperiosas da vida do nosso tempo; a universidade actual não chega para o mundo de gente que dela pretende abeirar-se e nela recolher os ensinamentos necessários para andar o seu caminho. Isto é, as universidades têm de ser mais e têm de ser diferentes.

As dificuldades são muitas. Não há dinheiro. Não há locais. Não há professores. Tudo isto é certo, mas só em certa medida é que é impeditivo. A verdade é que todas estas objecções resultam de se raciocinar utilizando um conceito de universidade que parece precisamente ser aquele que o condicionalismo actual põe em dúvida. Tudo isso assenta na ideia de estruturas rígidas, como as actuais, quando a resposta possível parece estar, pelo contrário, em esquemas fluídos.

A fluidez ou fluência será aquela que for capaz de se adaptar às circunstâncias. O que é que é preciso ensinar? Quantas matérias novas nascem todos os anos, no cérebro dos pensadores, na experiência da vida ou na experiência dos laboratórios? E em relação a quantas delas é que se verifica não caberem em qualquer cadeira das que constituem o «curriculum» oficial dos programas universitários? E quem é que ensina? Onde é que podem estar os professores «do quadro» em dia com esses novos ensinamentos?

Isto tudo quer dizer que os programas devem poder variar, que quem ensina deve ser quem souber e não simplesmente quem tenha o título, que as faculdades ou escolas devem poder funcionar onde seja possível, onde haja condições, onde haja meios de acção. Isto não coincide com o conceito e a prática do esquema oficial? Pois podem admitir-se universidades provisórias, particulares que sejam, onde quer que seja. Temos nisso alguma tradição e alguma experiência. Precisamos de aproveitar e valorizar tudo o que temos.

NOVIDADE
OS IDÓLATRAS
MARIA JUDITE DE CARVALHO
PRELO
PREÇO 40.00
PRELO EDITORA
R. Misericórdia, 67-2 LISBOA



Rua do Ouro, 202 LISBOA

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

BANCO TOTTA & AÇORES

COMUNICADO

Por despacho de S. Ex.ª o Ministro das Finanças, de 14 de Novembro de 1969, foi autorizada a fusão entre o Banco Lisboa & Açores e o Banco Totta-Aliança.

Um novo Banco
o Banco Totta & Açores
surge desta fusão para
prestar maior assistência aos clientes
e melhor serviço à Economia Nacional

CIBA-NCE-84

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ROMA

TÍTULO — «Divórcio á Italiana» («Divorzio all'Italiana»).

REALIZAÇÃO — Pietro Germi, 1962 (Itália).

1. Pietro Germi, que durante anos foi «tabu» arredado das nossas platéias, arrisca-se agora (dada a insistência com que é apresentado e dado ainda o relativo repisar de temas e situações que caracterizam o seu cinema) a provar o fastio no publico lisboeta. Na verdade, num curto lapso de tempo estrearam-se nada menos do que três películas suas: «Seduzida e Abandonada», «Serafino» e este «Divórcio á Italiana». Como sempre acontece nestas coisas, a cronologia viu-se perfeitamente alterada. Assim, vimos primeiramente um filme de 1964, depois o seu trabalho mais recente (1968) e finalmente «O Divórcio» que data de 1962. O que poderia não ter qualquer importancia noutro autor, adquire um peso muito especial em Germi. Por exemplo: este «Divórcio á Italiana», visto depois de «Seduzida e Abandonada», poderá parecer um «pastiche» desta ultima. Ora o que realmente acontece é precisamente o contrário: «Sedotta e Abandonata» é que prolonga e intensifica a situação delineada na obra de 1962. Passemos, porém, por cima destas considerações cronológicas e falemos de mais esta comédia que nos volta a falar da «honor», do casamento e do amor tal como são entendidos e sentidos na primitiva Sicília.

2. Um nobre decadente siciliano, casado com uma mulher nada apetecível e ainda menos inteligente, apaixona-se por uma prima que estuda num colégio de freiras e só vem passar alguns dias a casa pelas férias. Não podendo suportar por mais tempo a mulher e não podendo também divorciar-se (dado o condicionalismo da lei italiana), o aludido siciliano opta por meios mais drásticos: resolve arranjar para a mulher um amante, surpreendê-los depois em flagrante delito e, «limpando a sua honra ultrajada», disparar alguns tiros definitivos sobre a adúltera. O que faz. Dado também o condicionalismo particular da lei italiana (aliado á mentalidade característica dos juízes sicilianos) acaba por apanhar apenas três anos de cadeia que lhe permitem sair em liberdade pouco depois, regressando para os braços da bem amada prima. Exemplar!

3. Pietro Germi é um homem bem intencionado. Repetimo-lo. Gosta de abordar o cinema pelo seu lado «social», interveniente, moralizante. Fá-lo com entusiasmo. Direi mesmo que com ardor. Acredita no que diz e di-lo, normalmente, com ferocidade. O seu estilo é populista, sentimentalão, retórico. Os seus actores gesticulam, gritam, correm, barafustam... As situações enredam-se umas nas outras. Os problemas multiplicam-se. A graça nem sempre se resolve pela subtileza. Muito pelo contrário: corre ao encontro da vulgaridade, de que se alimenta. Fá-lo no entanto (e normalmente com uma cer-

(Continua na página seguinte)

SALVADOR

MARIA VITÓRIA
ADULTOS

• LEVE A SUA FAMÍLIA A RIR COM A MAIS ENGRAÇADA REVISTA DOS ÚLTIMOS ANOS:

• TODAS AS NOITES, AS 20.45 E 23 HORAS
• DOMINGO, «MATINÉE», AS 16 H.

ESPERTEZA SALOIA

SALVADOR no «Zé Saloio»

O TRIUNFO DE UM ÓPTIMO ELENCO COM:
• SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA
• BARROSO LOPES • DORA LEAL
a atracção nacional — a atracção filipina
• HELENA TAVARES • «THE MELODIES»
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA

Telef. 717017 — Adultos
Teatro Maria Matos
Av. Frei Miguel Contreiras (à Av. de Roma)

SÁBADO, ÀS 16 HORAS — 1.ª tarde popular a preços reduzidos
DOMINGO, À TARDE E À NOITE — 50% de desconto aos jovens dos 17 aos 21 anos

Em vez de humanidade e compreensão grita-se: **Mata que é danado!!!** quando o seu crime era apenas ser diferente do rebanho e amar o amor

TOMBO NO INFERNO
de AQUILINO RIBEIRO
POR UM GRANDE ELENCO DIRIGIDO POR IGREJAS CAEIRO
Subsídios: Fundação Gulbenkian e Fundo de Teatro

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

ADULTOS

Em últimos dias
SÓ ATÉ DOMINGO
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável da Baixa
HOJE, às 21.45 horas
VASCO MORGADO
APRESENTA
RAUL SOLNADO
na sua mais brilhante interpretação
«AMOR ÀS RISCAS»
Uma divertidíssima tragédia amorosa, com
JO ALVARENGA e ARTUR SEMEDO

A PARTIR DO DIA 28, ÀS 21.45 HORAS
VOLPONE pelo Grupo Cénico da Associação Académica da Faculdade de Direito (ADULTOS)

ABC As 20.45 e 23 h
Adultos
ENA, JÁ FALA!

SINTRA ESPERA-O
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

HOTEL DOM CARLOS
A reputação do nosso RESTAURANTE é feita pelos seus próprios clientes. A par da cozinha internacional há sempre uma especialidade portuguesa á sua disposição.
AMANHÃ AO ALMOÇO:
FRANGO Á MODA DE MONCHIQUE
AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — TEL. 53 90 71 — LISBOA

TIVOLI ÀS 18 E 30
Dias 24, 26 e 27
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES DE
«AMANHÃ DIGO-TE POR MÚSICA»
PELO
GRUPO 4
M/17 ANOS

BILHETES À VENDA
DESCONTO DE 50% A ESTUDANTES

COLISEU
HOJE ÀS 21.30 ESTREIA 3.ª COMPANHIA DE CIRCO
(Maiores de 12 anos)
Amanhã á tarde entrada gratuita ás crianças até 10 anos
À noite podem assistir crianças a partir dos 6 anos
As maiores atracções: Leões, barristas mexicanos, voadores, e outras

OS CINEMAS
SÃO LUIZ e ALVALADE
TÊM A HONRA DE APRESENTAR
HOJE
Às 21,30 e 21,45
O EXTRAORDINÁRIO FILME RUSSO
GALARDOADO COM O PRÉMIO DO MELHOR ARGUMENTO
NO
FESTIVAL DE CANNES

A MELHOR ATIRADORA
DUM DESTACAMENTO VERMELHO
TENDO JÁ ABATIDO
40 INIMIGOS
CAPTURA UM OFICIAL
DO EXÉRCITO NACIONALISTA

SERÁ ESTE A SUA 41ª VITIMA...
OU VIRÁ A SER
O SEU PRIMEIRO AMOR?

Izolda ISVITSKAIA
Oleg STRIJENOV
Nikolaï KRIUTCHKOV
REALIZAÇÃO DE GREGORI TCHOUKHRAI
Produção MOSFILM em SOVCOLOR

UMA MULHER PRISIONEIRA DO SEU PRÓPRIO PRISIONEIRO!
Distribuição C.C.P.
ADULTOS

O 41.º

O LIVRO «O 41.º» DE BORIS LAVRÉNEV FOI, NA SUA TRADUÇÃO INTEGRAL, EDITADO PELA ARCÁDIA

BILHETES À VENDA PARA TODA A PRIMEIRA SEMANA

O FILME MÁXIMO DO ANO

ISADORA

VANESSA REDGRAVE

(Palma de oiro do Festival de Cannes de 1969)

PARA HOJE LOTAÇÕES ESGOTADAS

IMAGEM LÍRICA ONDE A ARTE E O AMOR SE CONFUNDEM

JAMES FOX — IVAN TCHENKO — JASON ROBARDS

Produção ROBERT e RAYMOND HAKIM - Realização KAREL REISZ - Música MAURICE JARRE - TECHNICOLOR

HOJE ESTREIA

CONDES E MUNDIAL

(ADULTOS)

BILHETES À VENDA PARA AS DUAS PRIMEIRAS SEMANAS

Divórcio à italiana

(Continuação da pág. anterior)

ta dignidade, assumindo-se por inteiro. Por isso o cinema de Germi se equilibra perigosamente na linha limite, entre o entusiasmo e o insuportável. Por vezes logra manter-se por cima (caso de «Seduzida e Abandonada» e deste «Divórcio á Italiana») outras naufraga na grosseria («Serafino» é o exemplo mais recente).

Em «Divórcio á Italiana» existe uma intenção evidente (e conseguida) de segurar a situação dentro dos limites possíveis. Há um rigor de exposição dentro da tumultuosidade da escrita. Depois, Germi serve-se de um actor magnífico (Marcello Mastroiani) que compõe uma figura inesquecível de sobriedade, de graça, de contenção. Há por outro lado uma leveza de camara assinalável. Um tratamento de figuras onde é visível a emoção do autor: violência ou ternura, irritação ou simpatia. Acrescente-se ainda a notável fotografia de Leonida Barboni e Carlo di Palma e a musica irónica de Carlo Rustichelli.

Julgamos desta maneira ter oferecido ao leitor os dados necessários para ele poder calcular que «Divórcio á Italiana» é um filme a ver. Acreditamos também que seja uma obra a meditar.

LAURO ANTÓNIO

NO TEATRO T. 55 51 33

MONUMENTAL

AMANHÃ e DEPOIS

À TARDE, ÀS 16 HORAS

GRANDIOSAS «MATINÉES»

MAIORES DE 4 ANOS

UM ÊXITO confirmado pelo público e crítica

Um belo e sumptuoso espectáculo de VASCO MORGADO

(Subsidiado pelo Fundo de Teatro)

UMA PEÇA DE NORBERTO ÁVILA

DIRECÇÃO DE ALEXANDRE VIEIRA

NÃO DEIXE DE LEVAR OS SEUS FILHOS AO REINO DAS 1001 NOITES

LUGARES desde 5$00

BILHETES À VENDA

Administração de Propriedades

BANCO DO ALENTEJO

De corredor de automóveis a vagabundo e gangster...

JEAN-PAUL BELMONDO

Num filme de ROBERT ENRICO

JOANNA SHIMKUS

SYDNEY CHAPLIN

...Para este homem perigoso um dia chegou

o grande ajuste de contas

Distribuição FILMES LUSOMUNDO - TECHNICOLOR - Maiores de 17 anos

HOJE • ESTREIA no EDEN

BOUTIQUE IZA'

Tem o Prêt-à-Porter melhor e mais moderno de Lisboa

Provisòriamente na rua Borges Carneiro Nº 59

VIDA MUSICAL

Hans Swarowsky: estreia em Portugal

Realiza-se amanhã, ás 18 e 30, o sétimo concerto da série promovida este ano, no Tivoli, pela Emissora Nacional. Tal como aconteceu nos anteriores, esgotou-se a lotação da sala, o que traduz bem o interesse com que é aguardada a estreia em Portugal de um dos mais conceituados regentes da actualidade. Com efeito, Hans Swarowsky é colaborador permanente da famosa Ópera de

HANS SWAROWSKY

Viena, actua com regularidade nos Festivais de Edimburgo, Salzburgo, Praga, Viena, Berlim e é herdeiro da grande tradição vienense, através de Ricardo Strauss (de quem foi discípulo no início da sua carreira) e da figura dominante da moderna escola de Viena (Schonberg). Muito conhecido pelas suas gravações em disco, vai dirigir a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional num programa que contém a «1.ª Sinfonia», de Brahms, a sinfonia «Matias, o Pintor», de Hindemith, e a suite «O Pássaro de Fogo», de Stravinsky.

Recital de «A Nova Geração»

Na sala do Conservatório, decorre amanhã, ás 21 e 45, o 1. recital da «Nova Geração» Está a cargo da pianista Ana Rita Crawford do Nascimento, que executará obras de Haendel, Carlos Seixas, Shumann, Beethoven, Schubert e Liszt.

Carlos Alberto França

No paquete «Eugénio C» chegou, hoje, a Lisboa, o cançonetista Carlos Alberto França que, após curta carreira de novilheiro em Portugal, se fixou no Brasil, onde teve uma casa típica: a «Severa».

Carlos Alberto França, que se acompanha ao violão, tenciona prolongar, em Lisboa, a actividade de cançonetista iniciada, com êxito, na capital brasileira, em 1961.

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, 22
Marcações: Tel. 677299
HOJE, ás 22 h.
A Dança da Morte
de August Strindberg
direcção de Jorge Listopad
com Carmen Dolores, Álvaro Benamor e Augusto Figueiredo
(Maiores 17 anos)
Subsidiado Fundo de Teatro
AOS SÁBADOS E DOMINGOS «MATINÉE» ÀS 16 H. C/ COLÓQUIO

CAPITÓLIO
Telef. 320379
HOJE, às 21.45 h.
(M/17 anos)
O PECADO DE JOÃO AGONIA
de Bernardo Santareno
pela
COMPANHIA DO TEATRO NACIONAL D. MARIA II
Amanhã ás 16 horas — Tarde a preços reduzidos
Domingo — Tarde dedicada a estudantes

EXPLORAÇÃO DE TRANSPORTES COLECTIVOS

No Centro de Selecção e Formação Profissional do Grémio dos Industriais de Transportes, inicia-se, hoje, o primeiro curso sobre a exploração das empresas de transportes colectivos de passageiros e sua automatização, realizado em Portugal.

O curso, que é orientado pelo dr. Manuel Alegria, integra-se no Plano de Actividades de Desenvolvimento Profissional de 1969-70, que o Grémio dos Industriais dos Transportes Automóveis está a realizar para os seus associados.

Em três linhas

O navio-patrulha «Rovuma» foi mandado aumentar ao efectivo da Armada, ficando a pertencer á classe «Caine».

///

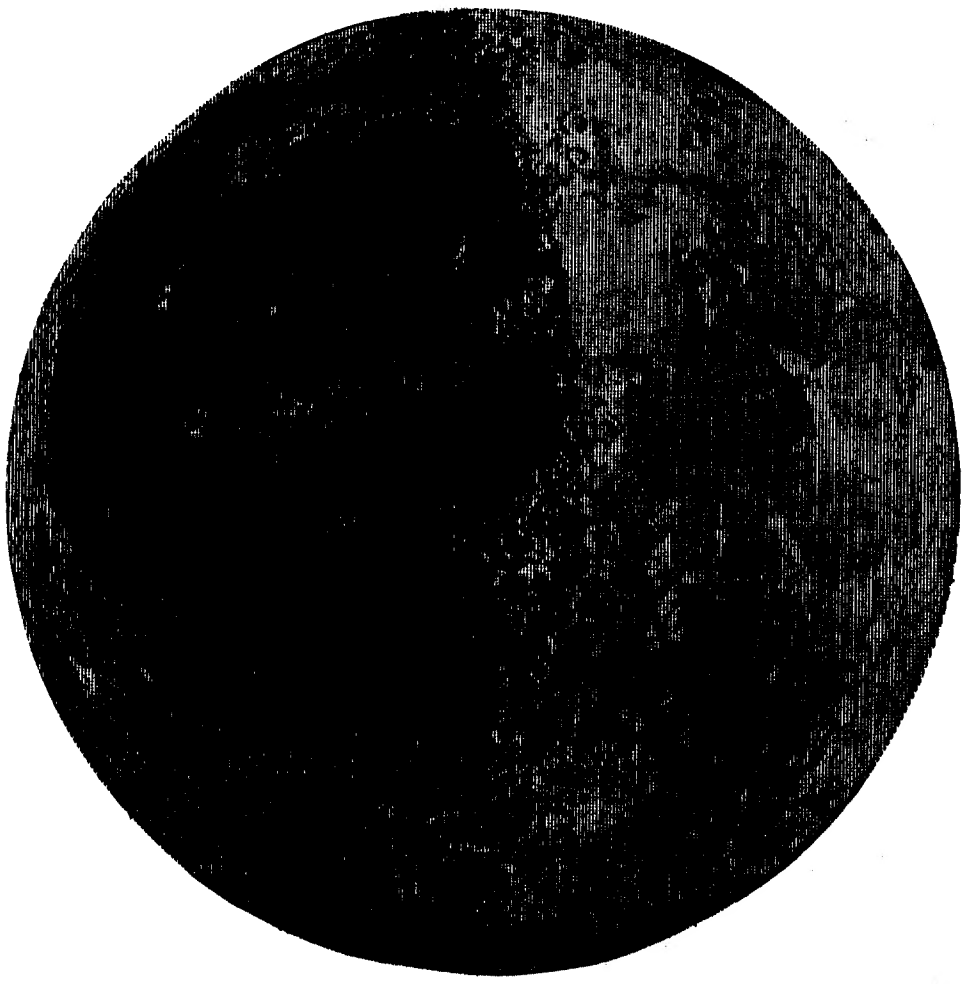
Foram mandadas abater ao efectivo da Armada, a partir de 15 de Novembro, as lanchas de desembarque LDP-103 e LDP-109.

O eng.º António Fontes Veiga de Faria foi nomeado para desempenhar as funções de delegado do Fundo de Fomento de Habitação no Norte do País.

///

O prof. António Gonçalves Rodrigues foi nomeado bibliotecário da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

CONFISSÃO!!



Ficámos para trás...

...ainda não operamos na Lua.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

Actualidade internacional

ÚLTIMO DIA EM ÓRBITA LUNAR

FOTOGRAFADOS OS LOCAIS DAS FUTURAS DESCIDAS

HOUSTON, 21 — (R.) — Os astronautas da Apolo-12 fotografaram hoje futuros locais de desembarque, para aqueles que se lhes seguirem, antes de regressarem á Terra.

Charles Conrad, Richard Gordon e Alan Bean — ignorando aparentemente que se registou consternação neste centro quando as comunicações com a nave lunar estiveram completamente interrompidas durante mais de 20 minutos — acordaram hoje cedo, após cerca de cinco horas de sono.

Os três astronautas demoraram mais duas horas do que esperavam a limpar, ontem á noite, a cabina do «Yankee Clipper» depois de transferirem a preciosa carga de amostras lunares do «Intrepid» onde Conrad e Bean alunaram. A cabina estava coberta com uma camada de pó escuro, igual ao que os dois astronautas encontraram durante as expedições á superfície do nosso satélite.

O primeiro trabalho da agenda de hoje, mais calma, foi uma mudança de altitude para possibilitar uma série de fotografias estereoscópicas.

O objectivo final da missão Apolo-12 é tirar fotografias pormenorizadas das crateras Fra Mauro, Descartes e Lalande, na região equatorial.

Depois de tirarem as fotografias, os astronautas põem em funcionamento, ás 21 e 43 (hora de Lisboa) o motor principal para saírem da órbita lunar e iniciarem o regresso á Terra.

Alguns funcionários anunciaram, ontem á noite, que devido a ter sobejado muito oxigénio e água de refrigeração nos fatos espaciais dos dois astronautas, os homens da missão Apolo-14 poderão ficar na Lua mais cerca de duas horas, de cada vez. Não serão feitas alterações nestes tempos para a missão Apolo-13 porque já falta pouco tempo para o lançamento.

O motor principal da Apolo-12 entrará em funcionamento quando o «Yankee Clipper» estiver do outro lado da Lua, portanto sem contacto com a Terra. Ontem á noite, os cientistas anunciaram que a estação geofísica que os astronautas colocaram na Lua estava a funcionar perfeitamente.

O REGRESSO

(Continuação da 1.ª página)

Enquanto os astronautas passavam o seu ultimo dia em órbita lunar o comandante Charles Conrad pediu ás estações de «contrôle» se podia fazer um disparo mais demorado do motor principal da nave ao sair da órbita lunar esta noite. Este disparo prolongado daria maior velocidade ás naves colocando-a numa rota mais directa de regresso á Terra o que permitiria reduzir em quase 24 horas a viagem actualmente prevista para durar 72 horas.

Contudo, os técnicos em terra depois de verificarem todos os dados chegaram á conclusão de que embora a Apolo-12 tenha combustível suficiente para esta manobra a margem de segurança seria demasiado pequena.

«Ok, não há problema», respondeu Conrad alegremente quando lhe comunicaram a decisão.

CONFERÊNCIAS ESPACIAIS

HOUSTON 21 — (F. P.) — A NASA projecta organizar duas conferências de Imprensa pela Televisão, com os astronautas da Apolo 12, antes do fim da missão.

A primeira poderá realizar-se hoje ás 22 e 17, de Lisboa, sendo um grupo de cientistas convidado a dialogar através da Rádio e da Televisão com os astronautas. A segunda seria no domingo ás 22 e 32, de Lisboa, sendo dessa vez o publico constituido por jornalistas.

PROGRAMA DE HOJE

HOUSTON, 21 — (A. N. I.) — Os astronautas Conrad, Bean e Gordon acordaram hoje ás 16 horas e 52 m. (hora de Lisboa).

As 8 e 24 foi accionado o motor principal da nave de comando, rectificando a rota, para serem fotografados os locais de alunagem das futuras Apolo.

As 21 e 45 é accionado novamente o principal foguete-motor da Apolo 12, para a afastar da órbita lunar e iniciar o regresso á Terra.

As 22 e 17 os astronautas dirigem a camara de Televisão para a Lua (a N. A. S. A. diz que esta emissão poderá ser gravada para transmissão futura).

As 23 e 30 a tripulação da Apolo vai dormir, por dez horas.

DEIXADOS PARA TRÁS 67 MILHÕES DE DÓLARES EM MATERIAL

HOUSTON, 21 — (F. P.) — Os astronautas da missão Apolo 12 deixaram na Lua as coisas mais insólitas. O seu valor ascende a 67 milhões de dólares (cerca de dois milhões de contos), e vai desde o módulo lunar até à simples ferramenta comprada num «preço-único».

O módulo lunar, cujo andar inferior foi abandonado no momento da descolagem, custou 41 milhões de dólares. O andar superior despenhou-se na Lua depois do regresso dos dois lunautas à nave-mãe.

Além do Alsep, o famoso mini-laboratório científico deixado na superfície lunar e que custou 25 milhões de dólares, houve que deixar na Lua importante equipamento para aligeirar o LEM: os dois sacos de sobrevivência (300 mil dólares cada um), máquinas fotográficas (70 mil dólares) e um sortido completo de ferramentas especiais onde não falta um alicate comprado num «preço-único», mas sábiamente modificado. E há que ter ainda em conta a já tradicional bandeira americana de «nylon» reforçado com arames para se manter desfraldada n vácuo lunar, bandeira que custou nada menos de 380 dólares.

Três moções da ONU sobre problemas africanos

NAÇÕES UNIDAS (NOVA YORK), 21 — (R.) — Três resoluções, tratando aspectos diferentes de problemas do sul de Africa, devem ser hoje aprovadas, segundo se espera, por uma grande maioria da assembleia geral da O. N. U., mas sem apoio ocidental.

As três moções, que tratam do «Apartheid» na Africa do Sul, dos territórios africanos de Portugal e da Rodésia, foram já aprovadas por maiorias confortáveis na comissão política especial, no caso do «Apartheid», e na comissão de curadorias nos outros dois.

A resolução sobre territórios portugueses foi aprovada por 88 contra três votos, com 16 abstenções.

A Grã-Bretanha, França e os Estados Unidos abstiveram-se, mas a Espanha juntou-se a Portugal e á Africa do Sul ao votar contra a moção que condena «a guerra colonial» desencadeada por Lisboa contra «os povos dos territórios sob o seu domínio».

As duas resoluções sobre territórios portugueses e a Rodésia condenam a alegada intervenção de forças sul-africanas junto de forças portuguesas e rodesianas.

APROVADO O «MANIFESTO DE LUSAKA»

A assembleia geral da O. N. U. aprovou a noite passada quase por unanimidade o «manifesto de Lusaka», o plano africano para descolonização do sul de Africa.

Contudo, Portugal e a Africa do Sul, aos quais o documento é destinado, votaram contra.

A assembleia votou por 113 contra dois votos, com duas abstenções, a favor da moção que:

— 1 Acolhe com agrado o manifesto sobre o sul de Africa e recomenda para ele a atenção de todos os estados e povos.

— 2 Exprime mais uma vez a intenção firme da O.NU, agindo em cooperação com a Organização de Unidade Africana, de intensificar as suas diligências para encontrar uma solução para a presente grave situação no sul de Africa.

Bostwana, Lusotho e Suazilandia, os vizinhos próximos da Africa do Sul, votaram a favor da resolução, mas o Malawi absteve-se.

Cuba foi o outro país que se absteve.

Portugal, porseu turno, afirmou que não podia concordar com o «manifesto».

BRINDE DE NATAL

APROVEITE AGORA!

FACILIDADES ATÉ 36 MESES...

TELEVISORES
FRIGORÍFICOS
MÁQUINAS DE LAVAR
SOFÁS-CAMAS
MAPLES
ALCATIFAS
MOBÍLIAS
AQUECIMENTO

COM GARANTIA

SEM ENTRADA
SEM PROBLEMAS
SEM FIADOR
SEM MASSADAS

Telefone ou escrava-nos e saberá como

SUPERMANOS

L. DO MASTRO, 3 a 9 (ao Campo Santana)
Telefone: 56 24 11 (10 linhas) LISBOA

EMPREGADO ESCRITÓRIO
RAMO AUTOMÓVEIS

Grande empresa precisa para sua oficina de reparação, colaborador com:

- 23/25 anos de idade
- Alguma experiência de funcionamento de escritório
- Bastante prática de dactilografia

Os interessados deverão dirigir as suas respostas a este jornal ao n.º 382.

Enquanto faz as suas compras na secção de pastelaria deixe o seu carro ao nosso cuidado.

TUTTIMUNDI

tem uma garagem privativa com servico

SHELL

Norma CAIXAS REGISTADORAS

PREÇOS DESDE 5.950$00

Máquinas ideais para o pequeno e médio comerciante. Duplo visor, fita de detalhe e emissão de talão. Construção inteiramente metálica.

Distribuidores Exclusivos:

Soc. de Rep. SIDA-SUECA limitada

R. de S. Nicolau, 15-17 LISBOA

MORTOS-VIVOS

NOTTINGHAM (Inglaterra), 21 — (R.) — Douglas Gordon estava já no caixão e o seu funeral estava prestes a começar, quando alguém notou que o «defunto» ainda respirava.

Uma ambulância, com escolta daPolicia, conduziu Gordon, de 56 anos, a um hospital de Nottingham para que fosse «ressuscitado». A noite passada, anunciou-se que se encontrava vivo «mas gravemente doente.»

Gordon, que estava doente há algum tempo, fora levado directamente da sua residência para uma camara-ardente, não chegando sequer a ser passado um certificado de óbito por um médico.

Um informador da agência funerária que se encarregou do enterro de Gordon declarou que «um dos empregados da firma notara um movimento e descobrira que ele ainda respirava.»

Há três semanas a senhora Kim Nevitt, mãe de três filhos, foi dada como morta em Liverpool, mas apurou-se mais tarde na casa mortuária que ainda estava viva. Foi-lhe dado oxigénio e, depois, levada para um hospital, onde se restabeleceu completamente.

Refutadas as acusações de Agnew contra dois jornais dos EUA

NOVA YORK, 21. — (F. P.) — Apareceram as primeiras reacções ao ataque de Spiro Agnew, vice-presidente dos Estados Unidos, contra o «New York Times» e o «Washington Post», acusados ontem num curto discurso, por ele pronunciado em Montgomery, de faltarem á objectividade e de exercerem um monopólio de Informação.

Arthur Ochs Sulzberger, presidente e director do «New York Times» publica uma declaração dizendo que Spiro Agnew tem o direito de possuir o seu ponto de vista, mas que faria melhor se se informasse dos factos antes de fazer acusações.

A dr.ª Katherine Graham, presidente e directora do «Washington Post» refutou as acusações de Agnew e declarou que o jornal, o semanário «Newsweek» e as estações de Rádio e Televisão ««Stop» que pertencem ao grupo do «Washigton Post» operam todas de modo autónomo e que a política independente desses orgãos não pode senão servir os interesses do jornalismo.

Os presidentes das principais cadeias de Televisão dos Estados Unidos CBS, ABC e NBC publicaram também declaraçõ'es apoiando a posição dos dois jornais e acusando Agnew de praticar uma política de intimidação visando a Imprensa escrita e a Televisão americanas.

DECLARAÇÕES DO VICE-PRESIDENTE

MONTGOMERY (Alabama), 21. — (F. P.) — «Não procuro intimidar a Imprensa ou a Televisão, ou quem quer que seja (...), mas passou o tempo da aceitação cega das suas opiniões e o tempo da crença ingénua na sua neutralidade já vai distante», declarou ontem Spiro Agnew, vice-presidente dos Estados Unidos na Camara de Comércio do Alabama.

O vice-presidente salientou que a «Washington Post Company» controla o maior jornal da capital federal, uma das grandes estações da Televisão, uma estação de Rádio que transmite unicamente informações e um dos três grandes semanários. Agnew disse que não recomendava a dissolução da «Washington Post Company», mas queria que o publico soubesse que «estas quatro vozes poderosas falam todas para o mesmo dono».

Ocupando-se a seguir do «New York Times», Agnew afirmou que era um jornal melhor quando existiam em Nova York outros quotidianos hoje desaparecidos. Lamentou que não tivesse publicado «uma unica palavra» da declaração de senadores e represntantes que apoiam a politica vietnamita do presidente Nixon e que tivesse atirado para a 11.ª página uma declaração do Papa em que este, disse Anew, aplaude e apoia os esforços do presidente para acabar com a guerra.

A demissão de Cabot Lodge desagradou a Nixon

WASHINGTON, 21 — (R.) — É improvável que o presidente Nixon se apresse a nomear um sucessor de Henry Cabot Lodge como chefe da delegação americana ás conversações de Paris, enquanto Hanói se negar a negociar sériamente, segundo afirmaram hoje nesta capital fontes bem informadas.

Uma fonte categorizada da Casa Branca desmentiu que o presidente Nixon acolhera com agrado a demissão de Lodge, de 67 anos, anunciada ontem, como meio de baixar o nível das conversações e dramatizar a impaciência americana acerca da recusa dos comunistas em negociarem.

Nixon, acrescentou essa fonte, nomearia um alto funcionário para suceder a Lodge dentro de «tempo razoável». Não pormenorizou e até mesmo o informador oficial da Casa Branca, Ronald Ziegler, declarou que não fazia qualquer ideia sobre quando seria escolhido um sucessor.

Contudo, o facto do presidente não nomear imediatamente um substituto provocou especulação de que o cargo poderia ser deixado vago indefinitivamente ou até os Estados Unidos receberem uma indicação clara de Hanói de que está pronta a falar sériamente.

Até agora o Vietnam do Norte tem-se recusado a fazê-lo e pouco ou nada havia para um negociador principal — notaram observadores.

Lodge citou razões pessoais para a sua decisão de abandonar o cargo, que ocupou desde Janeiro, mas sabe-se que se sentiu frustrado e desiludido pela falta de progresso nas conversações de paz. Partirá de Paris em 6 de Dezembro.

O adjunto de Lodge, Lawrence Walsh, demitiu-se, também, e o novo chefe adjunto da delegação americana será Philip Habib.

Uma fonte categorizada da Casa Branca disse que, nas actuais circunstâncias, Habib, de 49 anos, um funcionário de carreira do serviço estrangeiro, está extraordinàriamente bem qualificado para representar os Estados Unidos nas conversações. Tem sido o terceiro homem da representação americana.

ÍNDIOS VOLTARAM A OCUPAR A ILHA DE ALCATRAZ

SAN FRANCISCO, 21 — (R.) — Um grupo invasor de cerca de 90 índios americanos desembarcou na ilha de Alcatraz, pouco antes do alvorecer de ontem e pela segunda vez proclamou que o sombrio rochedo, propriedade do Governo, pertencia ao seu povo.

Rejeitaram pedidos de funcionários federais para abandonarem o local da antiga prisão, afirmando que a sua reclamação é baseada num tratado de terras com os peles-vermelhas, datando de há um século.

O grupo invasor de 14 índios desembarcou em 9 de Novembro na ilha, situada ao meio da baía de São Francisco, e foi persuadido a partir sossegadamente.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDA A:	DESTINO
«ROVUMA» *	1 de Dezembro	Directo A: Príncipe, S. Tomé, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçâmedes, e, se necessário, Porto Alexandre e Cuio.
«P. PERFEITO»	9 de Dezembro	Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques e Beira.
«ANGOLA»	9 de Dezembro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.
«NACALA» *	17 de Dezembro	Luanda, Lourenço Marques, Beira e Nacala.
«S. THOMÉ»	17 de Dezembro	Leixões, Luanda, Lobito e Cabinda.
«TIMOR» *	22 de Dezembro	Luanda, Lobito, Lourenço Marques, Beira (se necessário), Singapura, Hong-Kong, Dili.

* Com escala prévia por Leixões

LISBOA — Rua do Comércio, 85 — Telef. 323021 — Reserva de Passagens: 34764 - 369172

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 63 — Telef. 22436

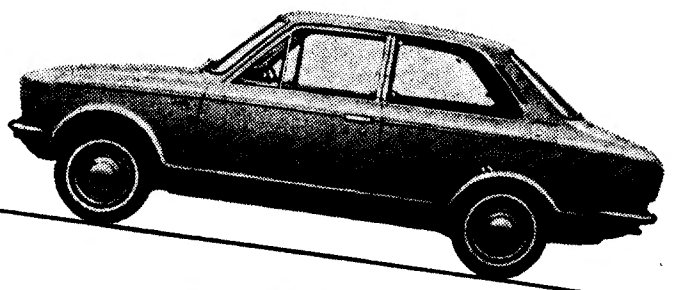
agora ainda com mais requinte...

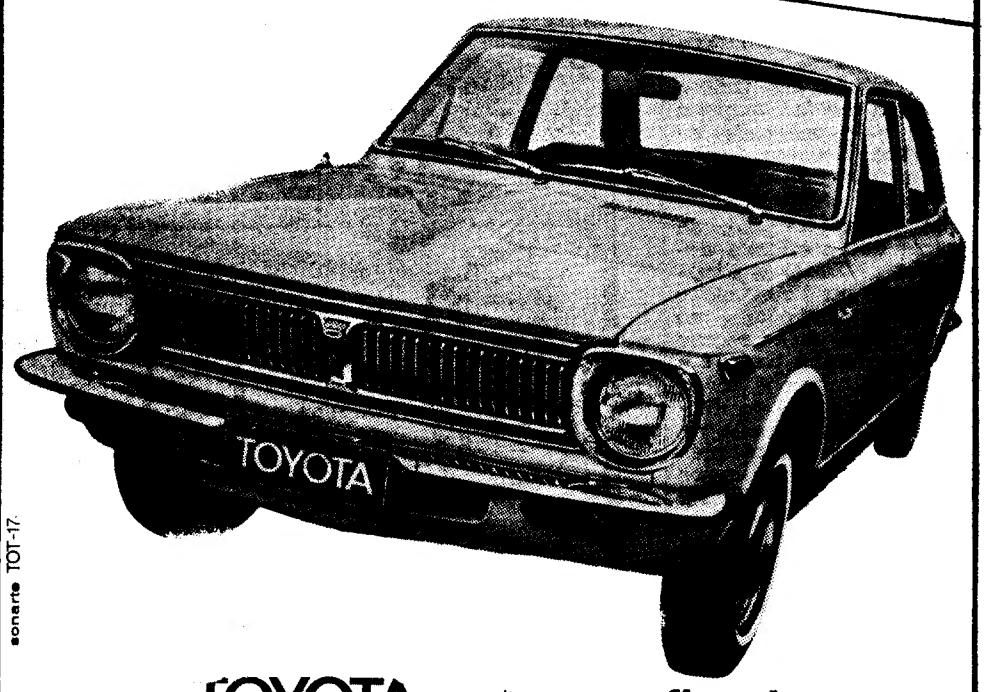
TOYOTA COROLLA

(Em exposição das 9 às 24 horas de 17 a 23 de Novembro)

Com novas grelhas • Volante de segurança • Travões de disco às rodas da frente • Nova concepção de farolins • E o inacreditável luxo dos novos estofos (com adaptação para encosto de cabeça)

Garantia — 20.000 km ou um ano





sonarte TOT-17

TOYOTA veio para ficar!

Transmotor Av. Fontes Pereira de Melo, 17-A — Lisboa
Telefone: 5 25 59 - 5 22 41 - 5 23 16

OFICINAS Rua Coronel Bento Roma, 18
Telefone: 71 43 47 - 71 61 15

ECOS

NORMAN MAILER, o violento, o terno, o irascível, o quase genial escritor norte-americano, enfant gâté **da própria sociedade que tão implacàvelmente ele desnuda e explica (no que ela tem de explicável) em seus romances, escreve irónico, provocatòriamente, e, ao mesmo tempo, talvez sensatamente:** «A droga pode encarar-se como um jogo espiritual. Chego a suspeitar que Deus alimenta os drogados como um corpo são alimenta os parasitas. Se você ainda não deu provas de amor ou de coragem e de disciplina, perante um verdadeiro perigo, então tomar drogas psicadélicas é para si viver a vida de um parasita: é como comer doces que não mereceu.» De toda a maneira, e mesmo descontada a ironia, ainda subsiste algo de decadente na perspectiva de Mailer, por contundente que seja.

★

VALE a pena recordar, pelo que contém de extremamente actual e digno de ponderação, este conceito de Baudelaire sobre a actividade crítica: «Para ser justa, ou seja, para ter razão de ser, a crítica há-de ser parcial, apaixonada, política, isto é, com a força de um ponto de vista exclusivo, mas um ponto de vista — e isso é fundamental — que abra o máximo possível de horizontes.»

★

BASTARIA o curto ensaio «A Infância e a Adolescência na Ficção Portuguesa», com o que revela de atenta e analítica leitura, de capacidade de selecção, paralelismo e síntese, para afirmar a qualidade excepcional — crítica e criadora — deste novo livro, «Modo de Ler», com que Óscar Lopes prolonga, para nossa fruição e proveito, a sua colectânea «Ler e Depois». Os trechos de mais profundo e original desvelamento de realidades culturais serão porventura «Literatura e Música» e algumas das páginas sobre «O Século das Luzes», de Alejo Carpentier. Um livro que honra a crítica de pensamento e expressão em Portugal.

O ARROZ PODE DEIXAR DE SER «AMARGO»

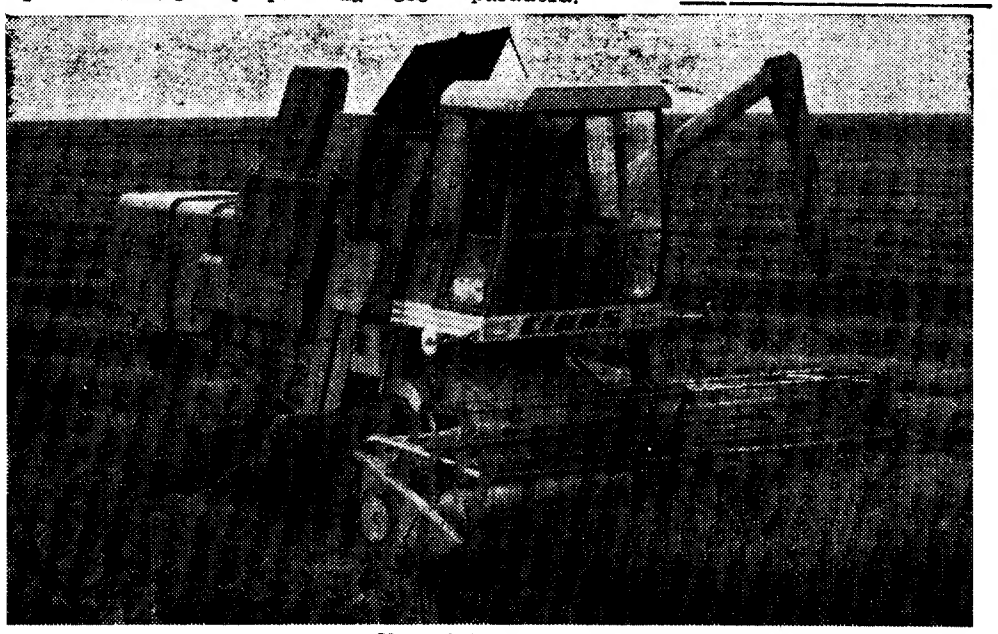
Os tempos estão a mudar e a mudar rápidamente. Todos sabemos dos multiplos problemas com que a lavoura se debate nos nossos dias e que a crescente falta de mão-de-obra e seu subsequente encarecimento não é, de modo algum, dos menores. Por isso, começa a tornar-se evidente que a lavoura deve voltar-se decididamente para os meios de exploração mecanica, sob pena de o arroz, e todos os outros cereais, se tornarem insuportávelmente «amargos».

Demos ultimamente uma volta pela região de Benavente, onde se encontra em plena laboração a campanha do arroz, a convite da Sociedade Industrial Agro-Reparadora, Lda., representante em Portugal das ceifeiras-debulhadoras «Claas», produzidas pela firma Claas, a maior fábrica de ceifeiras-debulhadoras da Europa. E devemos dizer quão grato nos foi ver como, através dos vastos campos do arroz com a sua tremenda espessura de lama, a ceifeira-debulhadora avançava, segura e eficiente, cumprindo em poucas horas uma tarefa que, pelos antigos meios manuais, levaria dias. E quem desconhece a importancia da rapidez numa campanha?

Não é, no entanto, de admirar que a ceifeira-debulhadora «Claas» se adapte com tão bons resultados ás difíceis condições e ao esforço que dela requer numa campanha como é a do arroz.

A verdade é que as dificuldades que a máquina viria encontrar foram préviamente estudadas pelos técnicos da própria fábrica Claas, que para tal se deslocaram a Portugal. Foi a partir do estudo das condições específicas no nosso País que se planeou a adaptação da ceifeira-debulhadora de modo a poder superar a maior parte dos problemas que se lhe deparariam. E é por isso que vimos as ceifeiras-debulhadoras trabalhando com toda a sua potente segurança em locais que, á primeira vista, se julgariam impraticáveis.

Vimos ainda outras ceifeiras-debulhadoras sofrendo já as modificações necessárias para a campanha do arroz, dado que todas vêm da origem preparadas para as campanhas de sequeiro, alterações estas executadas pelo eficiente corpo de mecânicos da Agro Reparadora.



Uma ceifeira-debulhadora «Claas»

PARA A CAÇA SUBMARINA

Vai ser exigido um c de primeiros socorr e reanimação respirat

A Federação Portuguesa de Actividades Submarinas passa agora a dispor de um novo reanimador artificial (ou ressuscitador pneumático, como se preferir) que lhe foi oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian. Muito caro? Nem por isso: o reanimador custou apenas 9300 escudos, mas, como os seus fundos são reduidos, a Federação recorreu áquela benemérita instituição, que deferiu o pedido.

O novo reanimador foi apresentado, ontem á noite, aos 22 alunos do curso de mergulho amador que está a decorrer na Piscina Municipal do Areeiro, á Avenida de Roma, e a sua utilização integra-se nas lições de primeiros socorros e reanimação respiratória que faz parte daqueles cursos de mergulho amador. Fez demonstrações com o aparelho o sr. Décio Gomes, director do Serviço de Gaseoterapia do Ar Líquido da Federação, e não houve, como é natural, qualquer cerimónia de apresentação. Os 22 alunos deste curso (entre os quais um médico, quatro engenheiros e muitos estudantes universitários) tiveram, assim, alguns minutos de prática de reanimação, após a lição na piscina.

Assistiu o presidente da Federação, arquitecto António Modesto, que, a propósito, nos informou que vai ser exigido, dentro em breve, com carácter de obrigatoriedade, aos mergulhadores praticantes de caça-submarina (competição) um curso idêntico de primeiros socorros e reanimação respiratória. A medida foi proposta pelo dr. Rui de Moura, presidente da Comissão Médica, e a Federação deu o seu acordo, atenta como está a este importante capítulo da sua actividade.

A Federação tinha já um reanimador, mas a sua actividade crescente exigia um aparelho mais moderno.

Fundada em 1965, a Federação Portuguesa de Actividades Submarinas tem hoje 24 clubes em todo o País. Com efeito, tendo começado com apenas oito federados (todos de Lisboa), a sua actividade tem conhecido um razoável desenvolvimento, não obstante os reduzidos subsídios que recebe da Direcção-Geral de Desportos: 50 contos por ano.

Note-se, ainda, que só em fins de 1968 começaram a funcionar os cursos de mergulho amador, pois só nessa altura o Ministério da Marinha deu a necessária autorização, após conclusão do estudo do respectivo regulamento. Apesar disso, a Federação, no espaço de um ano, formou já cerca de 200 mergulhadores em Lisboa, Porto e Funchal. E os seus dirigentes gostam de salientar o desenvolvimento que a modalidade sofreu no Porto onde era quase desconhecida e onde hoje existem já cerca de 80 mergulhadores, saídos de três cursos.

Um dos grandes problemas para o incremento do mergulho amador é o custo do equipamento: cerca de dois contos. Os cursos (13 aulas teóricas e 11 aulas práticas, das quais três no mar) custam apenas 350 escudos, incluindo os exames médicos a que os candidatos são submetidos.

«Propin
os inst
trabalh
Para
de me
pergunt
ociosa.
«Segred
a respo
cilment
do, adia
cursos
tinam
formar
sam, d
uma ac
paracie
do, por
queólog
biólogos
Evident
além d
pecto
ma m
como
desprez
pecto d
duz ao
andar
a ele
aventur
baquáti
muitas
adivinh
a quen
cima d
mundo

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

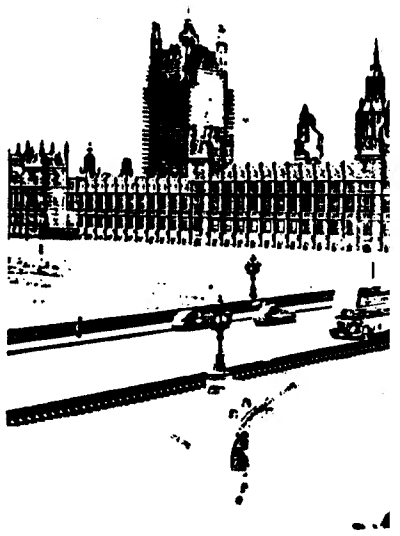
KRUPS dá à dona de casa uma vida melhor

Maquina de café automática
Moinho de café
Batedeira de multiplas aplicações
Cortadora universal
Secador de cabelo com tripé
Secador de cabelo manual
Balança para pesar pessoas
Relógios eléctricos de pilha

Representante e distribuidor
Lusomax
SOC. DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LDA. Rua dos Correeiros, 123 - 3º Dtº Telef. 30607/8 - LISBOA

KRUPS é isto... e muito mais!

LO
COLÓQUIO
SOBRE TE



BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO 1919

No pros
dedicados ao d
Atlântico vai pro
of Commerce, u
-britânicas e a c
Os traba
of Commerce, no

BANCO PORTU

NA

curso
rros
atória

«Propinas» não há, porque os instrutores e monitores trabalham graciosamente.

Para que serve um curso de mergulho amador? A pergunta é, de certo modo, ociosa. O leitor já viu os «Segredos do Mar»? Se sim, a resposta descobre-se fàcilmente. De qualquer modo, adiantaremos que estes cursos da Federação se destinam essencialmente a formar amadores que possam, depois, dedicar-se a uma actividade cultural e paracientífica, colaborando, por exemplo, com arqueólogos, investigadores, biólogos, historiadores, etc. Evidentemente que, para além disto, há ainda o aspecto desportivo que, numa modalidade aliciante como esta, não pode ser desprezado. Mais: este aspecto desportivo não se reduz ao simples prazer de andar no «fundo» do mar; a ele pode associar-se a aventura da fotografia subaquática, do cinema e de muitas outras coisas só adivinhadas (ou nem isso) a quem vive apenas por cima da terra, afastado do mundo dos mergulhadores.

O sr. Décio Gomes dá explicações sobre o funcionamento do reanimador artificial aos alunos do curso de mergulho amador promovido pela Federação de Actividades Submarinas

CAPTURADO NA GUINÉ UM OFICIAL CUBANO

BISSAU, 21 — (A. N. I.) — É considerada muito significativa, em Bissau, a perda que representou para o PAIGC, ou «Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde», o aprisionamento do capitão Pedro Rodriguez Peralta, um dos oficiais de Exército cubano que prestam serviço naquela organização terrorista antiportuguesa.

A captura de Rodriguez Peralta deu-se quando parte de um grupo inimigo de grandes efectivos, que acabava de penetrar em território português, enquadrado por elementos especializados do Exército cubano, caiu numa emboscada das Forças Armadas, nas proximidades da fronteira com a Republica da Guiné. O inimigo sofreu numerosas baixas, tendo sido apreendido moderno material de origem checa e russa.

O capitão Rodriguez Peralta, que ficou gravemente ferido, continua internado no hospital de Bissau, mas encontra-se já livre de perigo. O prisioneiro, ao identificar-se, não teve duvidas em declarar que era oficial do Exército e se encontrava no PAIGC, há cinco meses, em comissão de serviço.

A presença de instrutores cubanos entre os guerrilheiros daquele movimento terrorista era já de há muito conhecida e viu-se agora confirmada de forma indesmentível.

Trata-se, com efeito, da primeira vez que um oficial regular do Exército de Cuba é aprisionado juntamente com os elementos subversivos cujos grupos enquadra.

Difundida em Bissau e em outros pontos da Guiné, a notícia não surpreendeu a população. Não se ignorava, contudo, que os instrutores e oficiais cubanos raramente acompanhavam os grupos terroristas nas suas incursões em território português. Ultimamente, porém, e graças ás pesadas derrotas militares infligidas pelas tropas portuguesas ao inimigo, os grupos terroristas do PAIGC encontraram redobradas dificuldades na sua acção.

Sabe-se, por exemplo, que a intimidação a que procedem junto das populações pacíficas resulta agora praticamente inutil e que abundam as defecções nos seus quadros, nomeadamente militares cubanos, nos grupos que vindos da Republica da Guiné do Senegal desencadeiam acções de terrorismo junto das áreas fronteiriças.

VAI SER DADO O NOME DE FÉLIX CORREIA A UMA RUA DE SINTRA

Na ultima reunião da Camara Municipal de Sintra, por proposta do vice-presidente em exercício, sr. António José Pereira Forjaz, foi aprovado por unanimidade um voto de pesar pelo falecimento de Félix Correia, grande amigo de Sintra e em cujo concelho residiu grande parte da sua vida.

O vereador sr. Mário Eduardo Travassos Valdez evocou a vida de Félix Correia, terminando por propor que se atribuisse o seu nome a uma rua de Sintra. Esta proposta foi igualmente aprovada por unanimidade

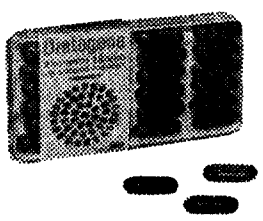
Manifestações de pesar

Entre muitas outras manifestações de pesar que recebemos pelo falecimento de Félix Correia, registamos hoje mais as seguintes:

António Maria Santos da Cunha, governador civil de Braga; Guilherme Ribeiro Urose, pela Direcção do Grupo Tauromáquico «Sector 1»; Dr. Manuel Teles, presidente da Corporação dos Espectáculos; Adolfo Waldemar da Rosa; Mário Silva Braga, Conselho de Administração da «Shell Portuguesa», etc.

Todos os nossos colegas se referiram á morte de Félix Correia com palavras que muito nos sensibilizaram pela unanimidade em destacar as qualidades profissionais e humanas daquele nosso saudoso camarada da Redacção.

Tambem a Direcção do Grupo Tauromáquico «Sector 1» aprovou um voto de pesar pela morte de Félix Correia



Dietogene
em cápsulas
um alimento de todo o ano
para bons resultados no fim

alimento completo do sistema nervoso, especialmente recomendado a estudantes e intelectuais como suporte indispensável de períodos de actividade e solicitações mentais extremas.

Disponível
em embalagens de 22 e 60 cápsulas
envio à cobrança respectivamente por 35$00 e 105$00

pedidos a
diese PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA. AV. DA REPÚBLICA, 46 R/C TELEF. 76 71 41 LISBOA 1

LONDRES
UIO ANGLO-PORTUGUÊS
TEMAS ECONÓMICOS

No prosseguimento dos Colóquios e Encontros que tem vindo a organizar dos ao desenvolvimento da economia nacional, o Banco Português do ico vai promover na capital inglesa, em colaboração com a London Chamber mmerce, uma reunião destinada a estudar as relações comerciais luso-icas e a colaboração industrial, financeira e técnica entre os dois países.

Os trabalhos do Colóquio terão lugar nas instalações da London Chamber merce, no dia 25 do corrente.

TUGUÊS DO ATLÂNTICO

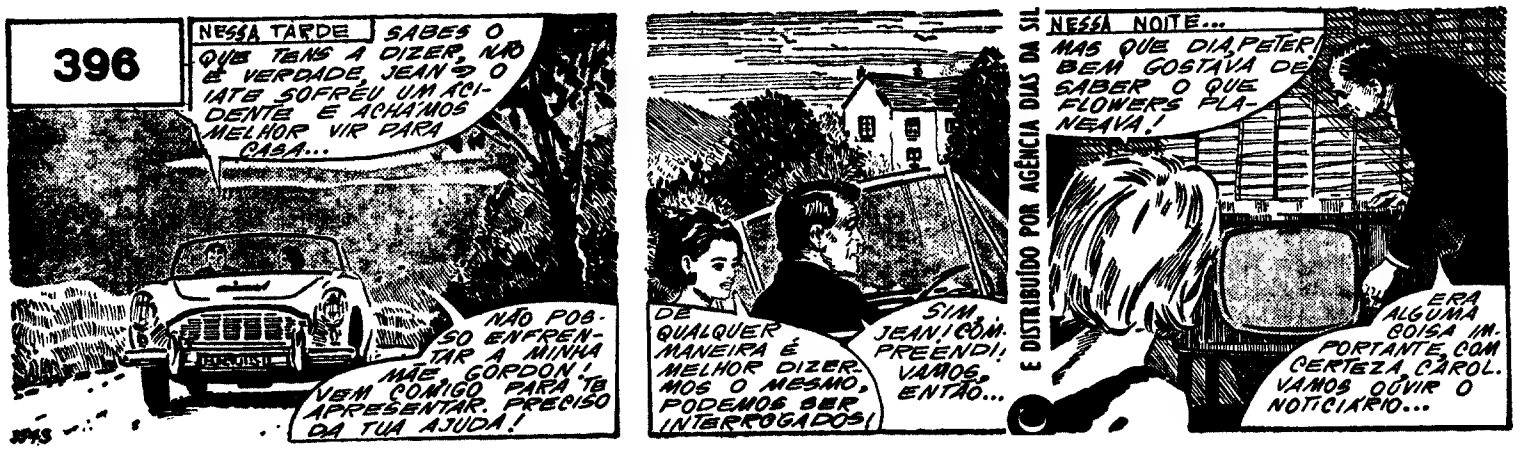
Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

CO...
TAKY
NÃO HÁ PROBLEMAS
PARA A MULHER
MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS
QUE ELIMINA OS PÊLOS
EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR
SEM IRRITAÇÃO

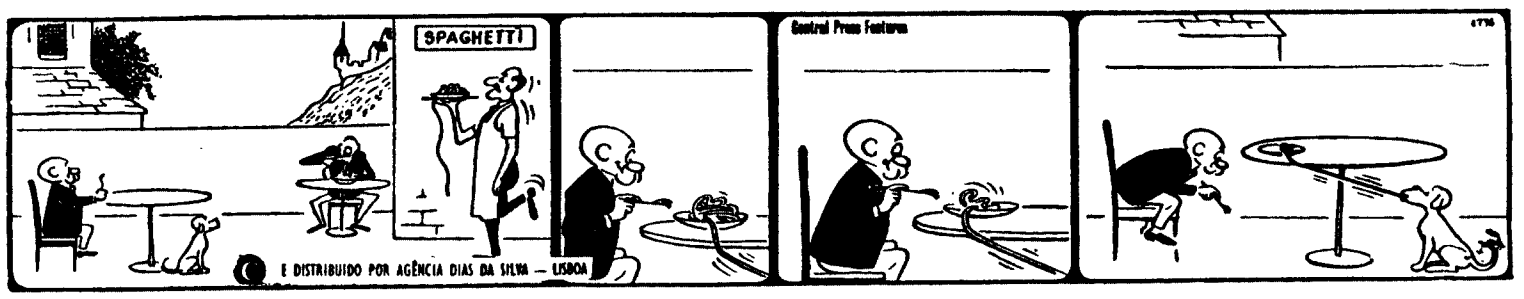
UM LIVRO
SENSACIONAL
A CONQUISTA DA LUA—1969
por Peter Ryan
Uma obra realizada com o apoio da NASA e do Centro Espacial de Houston
Col. «Estudos e Documentos» — 55$
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 — MEM MARTINS
Rua das Flores, 45, 2.º — LISBOA
Rua de Entreparedes, 6, 2.º — PORTO

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

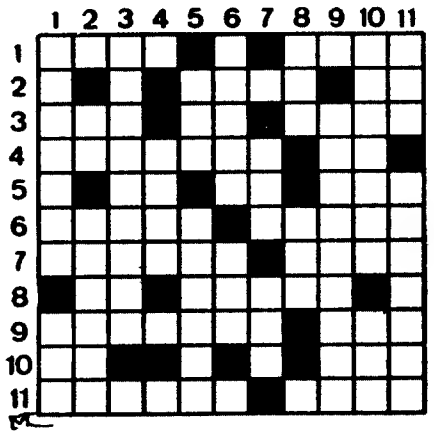
PROBLEMA N.º 5365

HORIZONTAIS: 1 — O que. Período de tempo 2 — Enovele. Deus dos rebanhos e dos pastores. 3 — Antiquada. Arguida. 5 — Pronome pessoal. Artigo (pl.). Qualsquer. 6 — Em alto grau Confiado. 7 — Eleva a carga. Rezem. 8 — Nome de letra grega. Repousa no sono 9 — Natural da Gália. Ilha do mar da Irlanda, pertencente à Inglaterra. 10 — Figura. Princípio. 11 — Freguesia do concelho de Vila do Bispo (Algarve). Hábitos.

VERTICAIS: 1 — Cruzamento dos nervos ópticos. Fluído aeriforme. 2 — Símbolo químico do cromo. Rugira. 3 — Realizou. 4 — Prefixo que designa «de si» ou «por si mesmo». 5 — Causa dor. Determina. 6 — Escasso. Preposição e artigo (pl). 7 — Pegadeira. Chefe etíope 8 — Deusa. Modo. 9 — Gozaremos. 10 — Instrui-se. Vila do distrito de Coimbra. 11 — Santo. Inferior.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5364

HORIZONTAIS: 1 — Abata. O. BOM. 2 — Mafem. Brisa. 3 — Alfimárias 4 — COMER. Save. 5 — FAZ. Ver. 6 — Acabada. Ailo. 7 — Manir. MAU. 8 — Acachapa. 9 — Coroa. Árduo. 10 — Hei. DORMIR 11 — Amarou Azar

VERTICAIS: — Amacia. Acha. 2 — Bola. Coem. 3 — Afiim. Amaria. 4 — Teme. Baco. 5 — Amarfanhado. 6 — Adia. Ou. 7 — Obl. Zarpar. 8 — Rás. Arma. 9 — Bisavam. Diz 10 — Os. Veladura. 11 — Macerou.

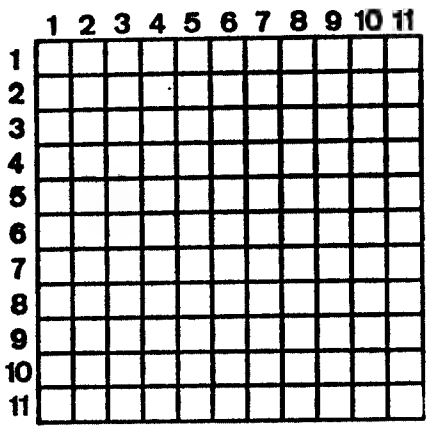
(Provérbio: O BOM COMER FAZ MAU DORMIR)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9208

HORIZONTAIS: 1 — Peça de vestuário da mulher. Molusco cefalópode decápode. 2 — Esteira. Trace. Um milhar. 3 — Campeão. Vila e concelho do distrito de Castelo Branco. Nota musical. 4 — Vestimenta rustica. 5 — Guarnece de arames. Ansiar. 6 — Ena. Aqui está. 7 — Planta vivaz e medicinal. Murchar. 8 — Mulher graciosa e delicada (Fig. e poét.). 9 — Prefixo de negação. Que é do ar. Abreviatura de Santíssimo. 10 — General de Napoleão. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda. Página. 11 — Afasta (interj.) Portuguesa.

VERTICAIS: 1 — Destemida. Acerta. 2 — Suspiros. Rente. Espaço de trinta dias. 3 — Basta. Mulheres. Item (abrev.). 4 — Antigo capital do reino de Israel. 5 — Move os remos. Líquido gorduroso. 6 — Rio de Portugal. Desanimada. 7 — Negra. Vendas a crédito. 8 — Aparelhada. 9 — Artigo indefinido. Apura. Plutónio (s. q.). 10 — Rio de Portugal. Pega. Saudáveis. 11 — Harmonizar. Briga.

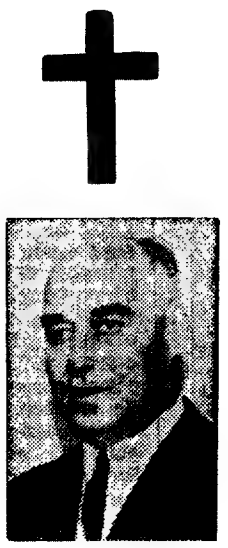


SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9207

HORIZONTAIS: 1 — Atrás. Assam. 2 — Ur. Tiisma Tu. 3 — Lagos. Impor. 4 — Amora. Manat. 5 — Samas. Arara. 6 — Rol. Agá. 7 — Céu. 8 — Perra. Renas. 9 — Irais. Drama. 10 — Ta. Sabiá. Af. 11 — Ambos. Assis.

VERTICAIS: 1 — Aulas. Apita. 2 — Tramar. Eram. 3 — Gomorra. 4 — Atorai. Riso. 5 — Sisos. Casas. 6 — Te. 7 — Anima. Urdia. 8 — Samara. Eras. 9 — Progana. 10 — Atoara. Amai. 11 — Murta. Usais.

ALHOS VEDROS



Joaquim Pedro Coelho Guerreiro

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

A família de Joaquim Pedro Coelho Guerreiro, participa que amanhã, dia 22, serão celebradas missas pelo seu eterno descanso, em São Brás de Alportel e Alhos Vedros, respectivamente às 9 e às 18 horas.

Aqui expressa também o seu agradecimento a todas as pessoas que lhes manifestaram o seu pesar, e a quem por ignorarem nomes e moradas ou lapso, não puderam fazê-lo individualmente.

P. N. A. M.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa», de 21 de Novembro de 1939 publicava:

«BERLIM — O chefe da missão económica soviética na Alemanha partiu de Berlim para Moscovo, com vários outros membros da missão, a fim de apresentar ao seu Governo o relatório sobre o resultado das negociações.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 231/69

Faz-se saber que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», são aceites na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Av.ª 24 de Julho. n.º 171, propostas para o concurso público referente à «EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DE PAVIMENTOS E ESGOTOS EM DIVERSOS LOCAIS — 1970-II», com a base de licitação de 9.999.977$00. (Processo n.º 141/69/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 250.000$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea a) do art.º 6.º do programa do concurso público acima referido.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição, nas horas de expediente e o seu programa e caderno de encargos foram publicados no «Diário Municipal» n.º 10.423, de 17/11/969.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de obras públicas na IV e V Categorias, ou 1.ª Subcategoria da IV Categoria e 4.ª Subcategoria da V Categoria. Subclasse «B» da 2.ª Classe ou superior.

A abertura das propostas realiza-se ás 16 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 17 de Novembro de 1969.

O PRESIDENTE
António Vitorino França Borges

Severo do Nascimento Paixão

AGRADECIMENTO

Ester dos Santos Albuquerque Paixão e seu filho, Jaime Sérgio Albuquerque do Nascimento Paixão, agradecem reconhecidos a todos que os acompanharam na sua dor bem como aos que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar, não o fazendo pessoalmente por desconhecimento de moradas.

X aniversário da Declaração Universal dos Direitos da Criança

No Centro Social de Moscavide efectuou-se, ontem á noite, uma palestra seguida de colóquio, integrada no X Aniversário da Declaração Universal dos Direitos da Criança

Proferiu a oração a dr.ª Dulce Rebelo, que leu o estatuto da criança e se deteve particularmente nos artigos 4.º, 7.º e 9.º, referindo os problemas da criança portuguesa no capítulo de tratamento pre e pós-natal, documentando com dados estatísticos a deficiente assistência á maternidade que se verifica no nosso País.

O problema do ensino infantil e pré-infantil foi também versado por Dulce Rebelo, que lamentou a extinção do ensino pré-infantil oficial e o reduzido número e carestia dos jardins infantis particulares; anotou ainda as precárias condições em que é ministrado, por vezes, o ensino infantil.

O trabalho da criança mereceu, por fim, da oradora análise objectiva. A exploração do trabalho da criança, afirmou, pode afectá-la tanto no desenvolvimento físico como psíquico. Referiu ainda as empresas que têm ao seu serviço crianças de nove anos, a usufruir dos mínimos direitos legais.

Estabeleceu-se então um colóquio em que participaram os assistentes, a maioria residentes em Moscavide. Foram esclarecidas as mulheres da forma como fazer cumprir os direitos que a lei lhe confere durante a gravidez e após o parto. Lamentou-se o facto de muitas mulheres, apesar de sindicalizadas, não poderem beneficiar dos serviços do sindicato para que descontam, por, na sua grande parte, não serem sócias efectivas.

Sugeriu fórmulas que facultassem a criação de creches e jardins-infantis. Foi lembrado que esses estabelecimentos poderiam nascer ao nível das Juntas de Freguesia.

O problema de educação escolar foi também debatido pelos coloquiantes, sendo referido o encurtamento de horas de aulas, nalguns casos limitadas a 2 horas de aulas por dia, com a consequente repercussão perturbadora na vida familiar da mulher trabalhadora; o excesso de crianças em cada classe, chegando cada carteira a ser utilizada por três crianças

O colóquio terminou com poemas e canções alusivas á criança, ditas e cantadas por Ana Maria Teodósio, que se acompanhou também á viola; e Luís Manuel, que cantou baladas.

Presente Adriano Correia de Oliveira, impedido de cantar por estar afónico.

Sessão no Liceu Francês

Realizou-se também ontem, uma sessão comemorativa no Liceu Francês Charles Lepierre, com a presença de professores e alunos. Participaram a poetisa Alice Gomes, o nosso prezado colega, Mário Castrim e Julio Roberto, director do I. T. A. U.

A sessão foi preenchida por um recital de poemas de Alice Gomes alusivos aos problemas da criança no mundo contemporaneo; por uma intervenção de Mário Castrim, com leitura e comentários dos Direitos da Criança; e por uma palestra de Julio Roberto, de exaltação das virtudes humanas da criança, na construção do mundo moderno em paz e amor, como meio de entendimento entre os homens.

Depois de comovido interesse da parte dos jovens assistentes, manifestado por aplausos e sorrisos, foram exibidos três filmes de carácter pedagógico como mensagem integrante no tema debatido.

Colóquio para crianças dos 8 aos 12 anos

Amanhã ás 16 horas, na Galeria 111, á Rua do Malpique, realiza-se um colóquio para crianças dos 8 aos 12 anos e que incidirá sobre os Direitos da Criança

Instituto de Arte e Decoração

Inicia-se hoje uma nova fase das actividades culturais do Instituto de Arte e Decoração, cuja Escola Internacional de Decoradores se encontra já em pleno funcionamento no Palácio Quintela, com cerca de 250 alunos e alunas divididos em várias turmas.

A partir de hoje, realizar-se-ão todas as sextas-feiras, ás 18 horas, sessões de cinema comentadas pelos professores arquitectos Keil do Amaral, Costa Martins e Julio Gil, pintores Lima de Freitas, Manuel Lapa e Manuel da Costa Cabral e escritores drs. José Marinho e António Quadros.

Na sessão de hoje são exibidos filmes sobre a Arte Megalítica de Stonehenge e sobre a escultura grega.

No próximo dia 4, inicia-se o ciclo de conferências e colóquios semanais subordinados ao tema «A minha vida e a minha obra».

Estão em estudo, á margem do curso de Decoração de Interiores, dois novos cursos de Cerâmica e de Fotografia. O I. A. D. E., representante em Portugal da «International Society for Education through Art», órgão consultivo da UNESCO, trabalha no sentido de promover a realização, entre nós, de uma das Bienais Mundiais de Arte Infantil, cuja programação foi estudada recentemente na reunião de Nova York.

Alargamento do regime de pensões ao pessoal das empresas de fibrocimento

Tendo as empresas que se dedicam á fabricação de artigos de fibrocimento solicitado o alargamento do regime de pensões de sobrevivência ao pessoal que lhes presta serviço e convindo tornar o mesmo regime aplicável a todos os beneficiários da Caixa de Previdência do Pessoal da Lusalite, ouvida a Corporação da Indústria, foi determinado, o seguinte: 1 — É estabelecida a concessão de pensões de sobrevivência a favor do pessoal que presta serviço ás empresas do sector de fibrocimento. 2 — É também estabelecida a concessão de pensões de sobrevivência a favor de todos os beneficiários da Caixa de Previdência do Pessoal da Lusalite. 3 — À concessão das pensões referidas nos números anteriores é aplicável o Regulamento Especial do Regime de Pensões de Sobrevivência da Caixa Nacional de Pensões, cabendo aos empregados e ás referidas empresas o encargo, respectivamente, de 1 e 2 por cento sobre as remunerações recebidas e pagas, ao limite superior de 10 000$00.

O presente despacho produz efeitos a partir de 1 de Janeiro de 1970

O padre Fanhais no Colégio do Sagrado Coração de Maria

No Colégio do Sagrado Coração de Maria realiza-se hoje, ás 16 horas, uma sessão recreativa cujo produto reveste integralmente a favor do Bairro do Bacalhau. Actuará o padre Fanhais e o conjunto Shalon. Os bilhetes podem ser adquiridos no porteiro do Colégio. Av Manuel da Maia, 2.

Nova presidente da Secção Feminina da Cruz Vermelha

Foi exonerada do cargo de presidente da direcção da Secção Auxiliar Feminina da Cruz Vermelha Portuguesa, por ter terminado o seu mandato, conforme preceitua o artigo 26.º do Estatuto daquela organização, a sr.ª D. Maria Margarida Montenegro Fernandes Tomás de Morais. Em sua substituição, foi nomeada a sr.ª D. Maria Amélia da Silva Pita e Cunha.

Necrologia

FUNERAIS

Silvino José Soares Valente

Da igreja das Mercês para o cemitério de S. João do Loureiro, Oliveira de Azemeis, de onde era natural, saiu esta manhã o funeral do sr. Silvino José Soares Valente, de 54 anos, antigo funcionário do «Diário de Lisboa», casado com a sr.ª D. Hermínia de Jesus Valente e filho do sr. António Soares Gomes e da sr.ª D. Maria Soares Cravo.

SUFRÁGIOS

Duque de Palmela

Por iniciativa do conselho de administração da Fundação Calouste Gulbenkian, foi rezada missa de sufrágio, na igreja de Nossa Senhora de Fátima, por alma de D. Domingos de Sousa Holstein Beck, duque de Palmela e antigo embaixador do nosso País em Londres.

A cerimónia foi celebrada pelo rev. frei Elias Maria Manso.

Ao acto religioso estiveram presentes, além da família do falecido e dos componentes da administração da referida Fundação, tendo á frente o respectivo presidente, dr. Azeredo Perdigão, muitas personalidades das mais variadas categorias sociais, destacando-se o sr. dr. Ruy Patrício, subsecretário dos Negócios Estrangeiros, em representação do sr. Presidente do Conselho; ministro Carlos Lemond de Macedo, chefe do Protocolo do Estado; Adriano Fernandes, em representação do vice-presidente da Câmara Municipal de Lisboa, D. Segismudo Saldanha; eng.os Sebastião Ramires e Maurício Santos; drs. Adolfo de Andrade e Domingos Monteiro; Liz Teixeira, Manuel Ortigão Burnay, Angelo Alcaide, em representação do almirante Henrique Tenreiro; eng.º Guimarães Lobato, etc.

Obras de arte em edifícios de mais de 5000 contos

Por despacho do ministro das Obras Públicas de 3 do corrente, determinou-se a futura inclusão de programas de obras de arte nas construções, a realizar por aquele Ministerio, de edifícios de orçamento superior a 5000 contos e em que se preveja um certo nível arquitectónico. Pretende-se, deste modo, programar de forma sistemática a actividade dos artistas plásticos portugueses, «com vista ao enriquecimento do nosso património artístico».

Darão parecer sobre o que devem conter os referidos programas no capítulo de obras de arte, o Conselho Orientador da Direcção-Geral das Construções Escolares, sempre que se tratar de edifícios incluídos no âmbito de competência da mesma Direcção-Geral, e o Conselho Consultivo da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, em todos os outros casos.

PROVAS PARA CATEDRÁTICO DE MEDICINA

Na reitoria da Universidade de Lisboa principiaram esta tarde as provas de concurso para catedrático do Curso Médico-Cirurgico da Universidade de Lourenço Marques, a que se apresenta o prof. dr. Manuel Ribeiro Antunes do Rosário. A prova de hoje constou da apreciação e discussão dos trabalhos científicos do candidato, tendo sido arguentes dois elementos de juri.

O concurso termina amanhã, proferindo o candidato uma lição que tem por título «Aspectos da Schistosomiasis em Moçambique. Forma hepato-esplénica». O juri é presidido pelo reitor da Universidade de Lourenço Marques, prof. dr. Veiga Simão, e constituído pelos profs. Vaz Serra, Mário Trincão, Bruno da Costa e Antunes de Azevedo, da Universidade de Coimbra; Pereira Viana e Ferraz Junior, da Universidade do Porto, e Arsénio Cordeiro, Ducla Soares, Frederico Madeira e Fernando de Pádua, da Universidade de Lisboa.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA DA O. C. D. E. AO SERVIÇO NACIONAL DE EMPREGO

Encontra-se em Lisboa o sr. Henri Verroydt, técnico do Serviço Médico-Psicotécnico do Office National de l'Emploi (O. N. E. M.), o qual permanecerá entre nós durante cerca de um mês.

Continuando o trabalho anteriormente iniciado, e prosseguindo, assim, o plano de assistência técnica que a O. C. D. E. tem vindo a prestar ao nosso País, através do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, aquele técnico vem, mais uma vez, dar a sua colaboração ao Serviço Nacional de Emprego.

Conselho de Ministros

Sob a presidência do prof. dr. Marcello Caetano, reuniu-se hoje o Conselho de Ministros que tratou de diversos assuntos correntes nas várias pastas.

Oferta excepcional da Livraria Civilização

A Livraria Civilização, do Porto, promove, presentemente, uma iniciativa que constitui uma oferta magnífica a todos os admiradores de literatura. Trata-se de 15 volumes encadernados, á escolha, pagos suavemente. As prestações mensais ficaram estipuladas em 52$50, e a entrega das obras é feita contra o primeiro pagamento As obras são encadernadas em «bafacuir» e têm o formato de 0,19x0,12. O numero de exemplares disponíveis para esta iniciativa é limitado e nele se incluem 170 autores de várias nacionalidades, de onde se salientam Alexandre Herculano Aquilino Ribeiro, Camilo Castelo Branco, Charles Dickens Julio Diniz, Stefan, Zweig e Walter Scott.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSO PARA O ANO DE 1970 PRODUTOS E ARTIGOS DE LIMPEZA

Concurso Público n.º 22/70

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias uteis das 9 ás 12 e das 14 ás 17 horas, excepto aos sábados, em que o horário será das 9 ás 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos

Lisboa e Hospital de Santa Maria, em 20 de Novembro de 1969

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES.

a) **Manuel Brioso Pina de Jesus**

ORDEM DOS ADVOGADOS

CONSELHO DISTRITAL DE LISBOA

Assembleia Distrital Ordinária

Nos termos do art.º 606.º, n.º 1 e para os efeitos do art.º 608.º n.º 2, do Estatuto Judiciário, convoco a Assembleia Distrital Ordinária para reunir na sede da Ordem dos Advogados, no Largo de São Domingos, n.º 14 1.º andar, no próximo dia 19 de Dezembro, ás 15 horas a fim de apreciar e votar o relatório do ano corrente e bem assim, o orçamento para 1970.

Lisboa, 20 de Novembro de 1969.

O Presidente.

José Manuel da Silva Ramos

MÁRIO DE SOUSA CHAVES

FALECEU

Confortado com todos os sacramentos da S. M. I.

José Sebastião de Sousa Chaves, Dr. João Maria de Sousa Chaves, sua mulher e filhos, António Joaquim de Sousa Chaves, sua mulher, filhos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar à Sua Divina Presença, o seu muito querido irmão, tio e parente, celebrando-se missa de corpo presente às 10,30 horas, na Igreja de Santa Isabel, de onde sairá o seu funeral, sábado, dia 22, às 11 horas para o cemitério da Ajuda.

P. N. A. M.

DEZASSEIS MORTOS PELO CICLONE EM MOÇAMBIQUE

PORTO AMÉLIA, 21 — (L.) — Eleva-se a 16 o numero de mortos causados pelas depressão «Corine», na circunscrição de Mecufi, do distrito de Cabo Delgado — revelam as ultimas informações colhidas no Governo do distrito.

Na povoação de Mazeze verificaram-se 11 mortos; em Mecufi, sede da circunscrição, 3; e no Chiure, 2.

LUTA LIVRE AMERICANA

HOJE, AS 21.45 HORAS

● NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS ●

UMA VEZ MAIS EM RINGUES PORTUGUESES O MAIOR LUTADOR PORTUGUÊS DE TODOS OS TEMPOS: O GRANDE CAMPEÃO

JOSÉ LUÍS defronta esta noite o sensacional **GALARZA**, um dos melhores lutadores da actualidade

UMA VERDADEIRA LUTA DE GIGANTES AMBICIONADA POR TODOS OS ADEPTOS DA LUTA

UM COMBATE QUE É UMA AUTÊNTICA DESFORRA

DESCAMPS E **GALA** contra os traiçoeiros e cruéis lutadores **«OS INTOCÁVEIS»** na excitante e famosa «luta a quatro» Manter-se-ão invencíveis os extraordinários campeões do Mundo? **DESCAMPS** afirma que desta vez eles não vencerão, nem que para isso seja necessário recorrer aos processos terríveis de **«OS INTOCÁVEIS»**.

EXPECTATIVA E NERVOS NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

CHAUSSON contra **ALCON PERUANO**
e **JAIMERY** contra **TOWY RIVER**

MAIS UMA SESSÃO MEMORÁVEL DO MAIOR ESPECTÁCULO DESPORTIVO DO MUNDO

Os poucos bilhetes que restam estão á venda nos Restauradores e a partir das 20 horas no Pavilhão **M/ 17 anos**

Propriedades

— VENDAS —

ANDAR

Vende-se um magnífico andar junto ao Campo Pequeno c/6 amplas casas assolh., coz. hall, desp., rop. e 3 casas de banho, saeadas, etc., pronto a fazer escritura. Facilita-se parte do pagamento. Trata e mostra: Facilita-se parte do pagamento. Trata e mostra: F. Fernandes & Costa, L.da, Av. Almirante Reis, 104-2.º, Telefs. 53111 / 2 / 3 — Lisboa.

PRÉDIOS, ANDARES, MORADIAS, TERRENOS.

não compre sem consultar a

PREDIAL

ROBREL

R Rodrigues Sampaio, 69

Contacto

(H NUNES)

PUBLICIDADE

Telef 847260

PRÉDIO

POR 1900 CONTOS: — Na Lapa, construção cuidada, 5 pisos, hab. c/4 c, assoalh., e 2 c. banho, frente a Evinel, madeiras exóticas, etc. Rende 120 000$00. VENDE: A LUZÁFRICA Calç. do Carmo, 6. Telef. 368080

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE ràpidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1 ou 2 hipotecas de prédios, parte de prédios, ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires. Rua da Prata, 291, 2.º, Dt.º—Telfs. 325487 - 370618 (Junto à P. da Figueira).

CASAS para alugar

Procure V. Ex. nos n/escritórios onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos. Trata: SOC. CONSI INVICTA, Rua do Ouro, 292, L.º — Telefs.: 30259-34755.

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel. 66 36 97. Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

MALHAS

Máquinas 8-10 e 12 desde 30 cm a 1 m talão alto e baixo, manuais e motorizadas, Person. Shaffouse, M. R. e Dubiet Dux — Bobinador de 4 fusos. Aparelhos de passagem, etc.

Vendem-se na Rua Damasceno Monteiro, 59-A — Lisboa — Telefs. 832391 e 820666.

PENSÃO RESIDENCIAL

S. ROQUE

Trav. da Conceição da Glória, 18, r/c., 1.º e 2.º Telefs. 32 60 38 — 32 48 31 LISBOA

NA COMPRA VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES

F. FERNANDES & COSTA LDA

(MEDIADORES AUTORIZADOS)

AV. ALMIRANTE REIS, 104-2.º — TELEF. 53 61 11/2/3

Capitais

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO.

Ficando na mesma de sua propriedade CONSULTE JÁ A

ORCOSI

E FICARÁ SATISFEITO
Rua 1 de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44/32 81 72

HIPOTECAS

sobre

PROPRIEDADES E AUTOMÓVEIS

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 4 46 02 - 53 65 69

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro rápidamente desde 5 contos; s/ vender, s/ hipotecar, s/ letras, s/ fiador até 40 meses. SIMPLES, EFICIENTE ECONÓMICO
T 560713

PRÉDIO

ALGÉS

BEM SITUADO, construção moderna em cimento armado, revestido a evinel, composto de 7 inq., hab. 3 divi. soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa, marquise e hall.

RENDIMENTO 86.400$00. PREÇO 1.350.000$00.

MOSTRA E TRATA

«A CONFIDENTE»

Rossio, 3-2.º — Telefs. 369384/5 — 328232/3 — 561756

QUEIJO TIGRE

AO PÚBLICO

A SENHA COM O N.º 19821 REFERENTE A OUTUBRO DE 1969 FOI PREMIADA COM O TELEVISOR «NATIONAL»

Foi contemplado
AMÍLCAR NUNO ORTIGÃO SILVA PINTO
Av. da Liberdade, 200, 3.º-D. — LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Campeonato Nacional de Futebol

(1.ª DIVISÃO)

Vitória de Setúbal--Benfica

DOMINGO, 23 DE NOVEMBRO

A C. P. organiza em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica um comboio especial de Barreiro á Praça do Quebedo, e volta, em ligação ás carreiras normais entre Lisboa (Terreiro do Paço) e Barreiro, no dia 23 de Novembro, por ocasião do desafio de futebol «VITÓRIA DE SETUBAL BENFICA», ao preço de 22$00.

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Terreiro do Paço)	13-15
Chegada a Praça do Quebedo	14-28
Partida de Praça do Quebedo	17-25
Chegada a Lisboa (Terreiro do Paço)	18-55

Bilhetes á venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

Em LEIRIA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Baltazar & Rodrigues, Rotunda de Santana, 1

Automóveis

VENDAS:

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 40, cave. Telef 448446.

Contacto

(H. NUNES)

Telef. 847260
ANÚNCIOS

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor. Av. Barbosa du Bocage, 1, Telef. 769848-761987

Taunus 17-M Super, de 4 portas, 1967; Fiat 850, 1966; Simca 1000 G. L., 1966; Opel Rekord 1700, 1965; M. G. Midget, 1964; Austin Sprite, 1964; Saab de Luxe, 1965.

Fac. troc. e pag.

VENDE:

MARCELO

Av. João Crisóstomo, 47-C

MERCEDES BENZ 180, nunca andou na praça, 43 000$. Volkswagen, 32 000$. Alfa-Romeo Giulietta, 35 000$00.

VENDE:

Albertino Henriques da Silva, Ld.ª, R. Garrido, 73-A

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Ld.ª — Av. Republica, 26
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, 1
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Ld.ª — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 539169 — 539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A.
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B.

BEDFORD

REPARADAS COM GARANTIA

J-2 3.500 P. B., caixa 2.92
J-2 L-6.260 P. B., caixa 3.65.
J-3 6.804 P. B., caixa 4.63.
J-5 9.500 P. B., caixa 4.83.
J-6 10.433 P. B., caixa 5.30.
J-6 10 433 P. B., c/báscula 4.66.
KBC A-3.500 P/B., caixa 3.93.
KCC10 6.804 P/B., caixa 4.68.
KFSC5 10.433 P/B., caixa 5.30.
KFSC5 11.023 P.B., caixa 5.60.
KFLC5 11.385 P.B., caixa 5.60
KFLC5 11.883 P.B., caixa 5.80
KHLC-70 12.700 P. B., caixa 5.60.

Tirata: Lucílio Matos Toupa
Avenida de Ceuta, 158-A
Telefs. 64 19 19 e 2 51 94 28
LISBOA

POR 4,60

diários, leve para casa
1 FRIGORÍFICO c/ congelador a toda a largura
+1 FOGÃO 2 bicos e forno
+1 PANELA de pressão
pagando em 24 meses
condições vantajosas
marcas consagradas

ASTRO TÉCNICA
RUA DOS ANJOS, 71-B
AV. ANT. AUGUSTO DE AGUIAR, 58-B - TEL. 561539
LISBOA-1

Em BENAVENTE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Casa Leitão. Rua da Índia Portuguesa, 13.

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — R. de S. Julião, 64-66.

TELEVISORES

«NORDMENDE» não é uma marca vulgar de aparelhos de TV Jamais igualado ou ultrapassado pela concorrência, sempre que inicia no mercado o lançamento de novos modelos «NORDMENDE» é além do nome próprio do seu fabricante o símbolo de vanguarda na técnica alemã da especialidade.

Está de parabéns preferindo:

NORDMENDE

IMPERLUZ

Exposição e vendo na:
Av. Almirante Reis, 172-A
Telef. 533592

RÁDIOS

Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em exposição na

IMPERLUZ

Avenida Almirante Reis, 172-A
Telef. 53 35 92

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO

Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios •

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

CONCERTO

A RTP apresenta, pelas 23 horas, mais um concerto da série «Musica Portuguesa», com a participação do compositor António Vitorino de Almeida, que interpreta ao piano a Sonata n.º 3, de que é autor. Tem os seguintes andamentos:

— Allegro ma non troppo
— Largo
— Allegro

Realização de Jorge Listopad.

CARTAZ TV

A's 20 e 30, há mais uma edição de «Cartaz TV», apresentada, como de costume, por Jorge Alves, que passará em resumo os programas a transmitir na próxima semana.

TELE-NOTÍCIAS

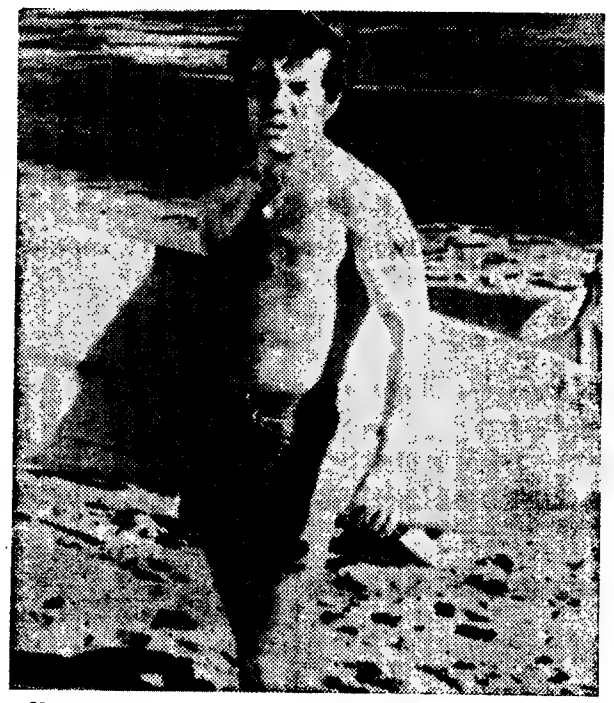
✱ O Grupo Vocal Feminino «Harmonia» vai gravar, dentro de dias, mais um programa da série «O Mundo a Cantar», dedicado a Kalman e Lehar, dois mestres da opereta vianense.

✱ Está para breve a transmissão do filme «Cinzas do Passado», com Loretta Young e Jeff Chandler.

✱ No próximo domingo teremos, de novo, em «Tele-Ritmo», a atracção «The Wallace Collection». Participam neste programa mais os seguintes artistas: Zizi Jeanmaire, Pop-Tops, Margaret Savage, Barata Moura, Duarte e Ciriaco, Elsa, Música Novarum, Fernando Guerra, Mara Abrantes e o Ballet de Fernando Lima.

✱ Brevemente, em «Noite de Teatro», será apresentada a peça de Rebelo da Silva, «De Noite Todos os Gatos são Pardos», numa adaptação de Odete de Saint-Maurice.

✱ No dia 6 do próximo mês é transmitido o programa «Estúdio C», com o cançonetista espanhol Júlio Iglésias.



Uma cena do filme «Um Avião Vazio» da série policial «Departamento S»

TV JUVENIL:

«O Homem, os Livros e as Coisas»

Pelas 19 e 45 é apresentado o segundo programa da série TV Juvenil — «O Homem, os livros e as coisas», onde se fala da origem do LIVRO, DA IMPRENSA e, AINDA, DE GUTEMBERG.

O programa de hoje inclui, ainda, dois filmes: um sobre a Jugoslávia e outro sobre a Áustria.

SÉRIE POLICIAL:

«Departamento S»

«Um avião vazio», é o título do episódio filmado da série policial «Departamento S», a exibir cerca das 22 e 5, com Peter Wingarde, Joel Fabiani e Rosemary Nicols nos principais papéis. Paul Dickson é o realizador.

«Que se teria passado com o avião a jacto que aterrou no Aeroporto de Londres, sem tripulação nem passageiros?

O escritor e detective Jason King vai tentar descobrir...»

«Casei com uma Feiticeira»

Pelas 20 e 55, é exibido o episódio «A Feiticeira — Jogo na Bolsa», da série de comédia «Casei com uma feiticeira», interpretado por Elizabeth Montgomery e Dick York nos principais papéis. A realização é de William Asher.

✱

«Darrin, impressionado por uma série de coincidências, julga que a sua filha, um bebé recém-nascido, possui poderes mágicos tal como a mãe e a avó.

As acções na Bolsa sobem mal são compradas em nome da criança. E mais uma vez os vizinhos, os Kravitz, principalmente Glady's, fulgam ver por lá situações deveras confusas e misteriosas. Mas tudo tem uma explicação...

canal da crítica

MATAR E MORRER, JOGAR E PERDER, OLHAR E SOFRER. E UMA BEIJOCA PARA AQUECER

O «Jogo da Vida» é um título extremamente perigoso na medida em que generaliza e, não raramente, generalizar é confundir. Como certos pensantes confundem, muitas vezes, «condição humana» com a condição específica do grupo social a que pertencem, assim nesta série se corre o risco de se chamar «vida» ao que não passa de mera condição da sociedade americana dos nossos dias.

Isto não envolve qualquer tipo de censura ao povo americano. É um dado de simples observação, é da nossa experiência quotidiana, este conhecimento das grandes organizações do crime, capazes de impor a sua lei, capazes de sobreviver (ou de evitar) aos golpes das forças repressivas. Capazes mesmo de viver em situação que se aparenta muito com uma publica aceitação.

O episódio de ontem era, nesse aspecto, bem demonstrativo. Nicole, hospedeira de bordo, aparece morta. Acusado do crime um amigo de Franciosa, a quem este deve a vida. Franciosa vai pagar-lhe, vai salvá-lo.

Por fás e por nefas descobre que na base do crime está uma poderosa organização exploradora de casinos e outros estabelecimentos a qual transfere para a Suíça, por intermédio de Nicole, grandes somas. Nicole pensa em guardar algum para si e a organização encarrega Fulano de a matar. Fulano matou-a. Mas Franciosa apanha o dinheiro da Nicole. E negoceia com um membro importante da organização: este proporciona-lhe a entrega do criminoso, Franciosa dá-lhe os 400 mil dólares. Sabedora do acordo, a organização manda executar o parceiro importante.

Mas o criminoso não confessa, e o Franciosa arma-lhe uma estrangeirinha. Acabam por negociar uma confissão na base de um dilema: ou o criminoso confessa o crime (e a confissão será devidamente considerada pelo tribunal) ou ele, Franciosa, publicará no «Crime Magazine» que ele «fallou» — e a organização não o poupará... Confissão obtida, amigo salvo, mais uma beijoca de Fran-

(Continua na página seguinte)

AMANHÃ — **I Programa** — Às 15: Telejornal; 15 e 10: «Nós as Mulheres»; 15 e 40: Culinária; 15 e 55: TV Infantil; 16 e 20: TV Educativa; 16 e 45: Desporto em Câmara Lenta, 6 e 55: Estudio sem Marcação; 17 e 40: Teledesporto; 18 e 20: Homens e aviões; 19: Eurovisão — Apolo 12; 19 e 10: Presença do Brasil; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «Os Vigilantes da Floresta»; 20 e 15: «...E a vida continua...»; 20 e 25: Auditório Musical; 21 e 30: Telejornal; 22 e 35: TV Clube; 23 e 5: «A Caminho do Oeste»; 23 e 55: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: TV Mundo — «A Sicilia de Roberto Rosselini — Retrato de uma Ilha»; 23 e 30: Fecha

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: O Orfeão de Leiria; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: Uma Gota de Sangue e Renasce uma Vida, Programa do Instituto Nacional de Sangue; 18 e 40: No mundo da canção; 9 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 40: 3.º Episódio do Folhetim «O Heroi da Caridade» (Vida de S. João de Deus), por Odette de Saint-Maurice; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 35: Reportagem da Viagem da Apolo 12; 21 e 50: Novidades em Disco, texto e selecção de Paulo de Medeiros; 22 e 25: O Homem e a Sociedade, pelo prof. dr. Ferreira de Almeida; 22 e 40: Fados, por Natalina Bizarro e Fernando Maurício; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16: Folclore do Mundo — Musica da Grécia (Cantos de Egina) e Musica das Regiões do Mar Negro; 16 e 17: Peça de Concerto Op. 79, em fá menor (Weber), piano, Cláudio Arrau, Orquestra Filarmonia, sob a direcção de Alceo Galliera; 16 e 37: Curiosidades musicais; 17 e 10: Musica de camara; 5 Musica portuguesa; 18 e 30 Pastoral d'Été (Honegger), Orquestra Filarmónica de Nova Yorque, dirigida por Leonard Bernstein, 19: Horizonte Literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: O Canto e seus Intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica de piano — Três Peças op. 49 (Rousseil), por Françoise Petit; 20 e 30: Musica de câmara; 21: Concerto para Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo maestro Silva Pereira; 21 e 33: Musica de Câmara — Quarteto de Cordas n.º 77, em dó maior op. 76 n.º 3 (Haydn) «Quarteto Koeckert»; 22: Contata «O Baile de Máscaras» (Francis Poulenc); 22 e 20: Quinteto em Si Menor op. 115 (Brahms); — Membros do Octeto de Viena.

2.º Programa (Cultura, MF 2) — 94,3 mc/s. — Às 23: A Ópera em 3 Actos «Oberon» (Weber); 0 e 30: Concerto N.º 2 (Milhaud); 1: Fecha.

Emissão em estereofonia — MF 2 de Lisboa (94,3 mc/s.), Porto (92,5 mc/s), Lousã (89,3 mc/s) e Monchique (91,5 mc/s) — Das 21 ás 23: Musica ligeira; Musica sinfónica; Musica coral; Solos.

RÁDIO UNIVESIDADE — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: O homem no desporto; 19 e 45: Fecha.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Momento A B C; 20 e 12: Europa musical; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Em Foco...; 21 e 03: O Otavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande Roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecha

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Conjunto; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Mensageiro do Evangelho; 22 e 02: Primeiro plano; 22 e 15: Novas de alegria; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

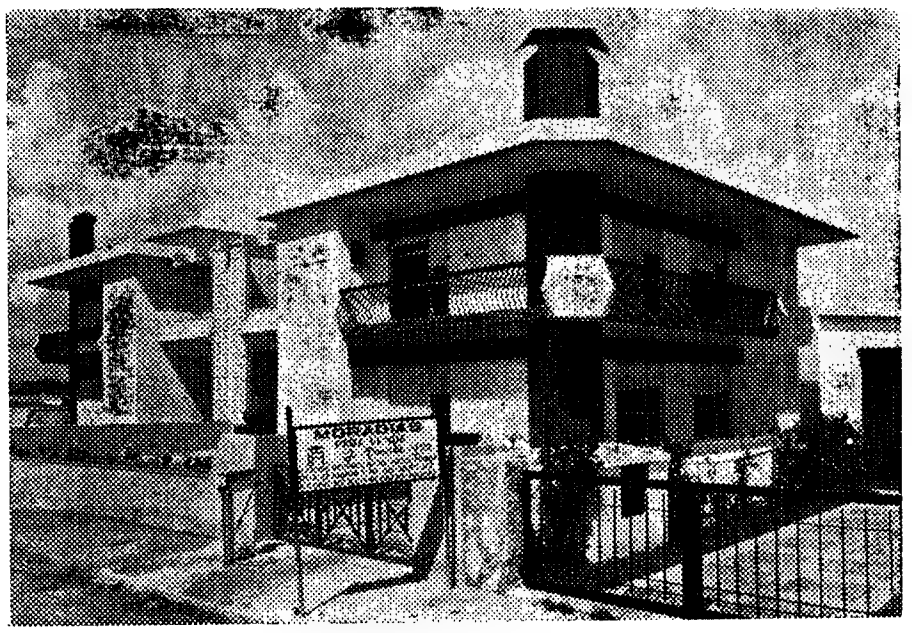
RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioramo; 18: Pianistas; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionado; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30; **Rádio Graça** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17

SALORA
O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE
PREMIADO COM MEDALHA DE OURO

ALGARVE
VENDE-SE, EM BOAS CONDIÇÕES, PRÉDIO RÚSTICO COM MAIS DE 20 000 m2, COM PRAIA PRÓPRIA, MAGNÍFICA PANORÂMICA, ENTRE TAVIRA E MONTE GORDO (PERTO DE CACELA) OU CEDEM-SE POSIÇÕES TOTAIS NA SOCIEDADE SOB FORMA ANÓNIMA SUA PROPRIETÁRIA ● SÓ ATÉ AO FIM DE NOVEMBRO
RESPOSTA À RUA VICTOR CORDON, 10-A, 1.º ANDAR
LISBOA

Especialmente para si... que tem um gosto requintado...



construímos, em Paço de Arcos, elegantes moradias com acabamentos de luxo

O r/c compõe-se de:

átrio, «hall», sala de jantar, sala de estar, biblioteca, sala de engomados despensa, quarto, I. S. da criada e zona de lavagem de roupa.

No 1.º andar:

suite, 3 quartos, casa de banho, quarto de recreio, ampla varanda e solário. No espaço envolvente da moradia, cuidadosamente tratado, está localizado o abrigo de viaturas.

Facilita-se parte do pagamento

Faça uma visita a estas moradias, na Rua José Ferrão Castelo Branco, e das suas amplas varandas desfrute as magníficas vistas que elas lhe oferecem.

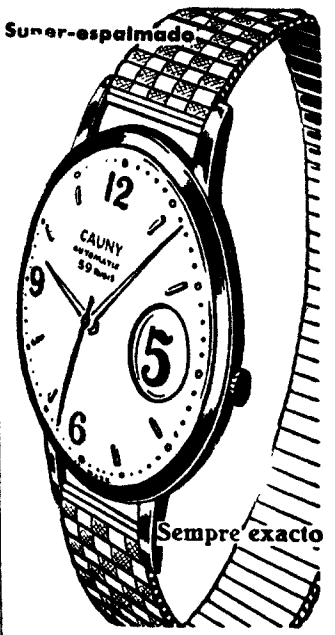
Se não for esta a solução do seu desejo, consulte-nos porque possuimos terrenos em Cascais, com vista de mar e serra, onde podemos construir ao vosso inteiro gosto.

APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — Rua D. Dinis; Venda Nova — por detrás da Garagem Eduardo Jorge; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (na retaguarda do Hotel Baía)

Rendimento de 6 a 10 % garantido por escritura pública, durante 6 e até 18 anos, à escolha do cliente

J. PIMENTA, S.A.R.L.

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70



Calendario Automático
relógios suíços

CAUNY

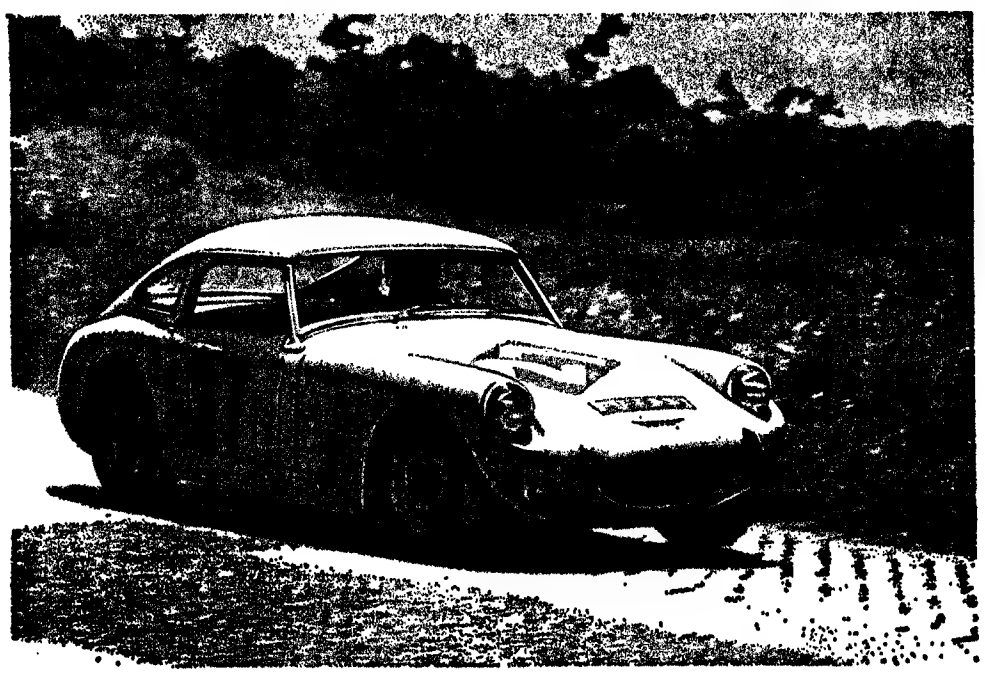
Garantia total

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

KONI

O temperamento de um triunfador



o amortecedor mais barato por Km. percorrido

JOMA 63-69

Distribuidores:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23 · ABC · LISBOA
TEL. 56 01 56

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

ciosa na «vamp», conhecida há minutos. Franciosa homem fatal, homem de acção, repórter com dinamite nos punhos (li isto não sei onde), Franciosa sempre a flartar, embebido num clima de tálamo permanente, Franciosa, ai Franciosa, isso é que é jornalismo e o resto são tretas, a gente, por aqui, farta-se de escrever, farta-se de dizer coisas acertadas mas nenhuma mulher nos diz: «É um perigo ir sózinha com você no elevador...».

«Jogo da Vida» ganha maior poder de interessar, mais verdade, quando descreve factos ou se baseia em tipos e modos de viver americanos. Claro, nós não temos culpa de tantos crimes, tanta brutalidade, mas parece que as séries são muito importantes na televisão...

PIPPI DAS MEIAS ALTAS

De repente, a nossa ternura explode. E com a nossa ternura a explodir e os olhos a rir, lá se vai a nossa derradeira resistência de gente adulta castigada pela vida e pelos convencionalismos de espinha torta. Sim, a gente quer manter-se firme, entrincheirado no bom-senso do bom-comportamento-dos-meninos-em-geral-e-das-meninas-em-particular. A nossa importância de edueduedu... ai que estou gago... a nossa importância de educadores-estocadores levanta barricadas feitas de deve *ser assim, deve ser assado* — e se não for assado, nem for assim — ardeu Tróia.

Isso era ao princípio. Agora, Pippi venceu. Os telespectadores portugueses renderam-se com armas e bagagens. Pippi é, hoje, das personagens mais célebres que há em Portugal.

Eu estou admirado é com os fabricantes de bonecas. Eu cá, se estivesse metido no negócio, fazia uma boneca de trapo, rasgava-lhe o sorriso com favolas, pintava-lhe de sol os olhos, puxava-lhe as tranças em asa, vestia-a desmanchadamente, punha-a toda só alma — e era «bago» a cair que nem queiram saber, agora com o Natal á porta. E tão contentes que os nossos meninos iam ficar...

Pois ontem a Pippi inventou uma palavra do tamanho de uma flor e com menos pétalas do que muitas flores: *Spunk* (ATENÇÃO, REFORMADORES!, É URGENTE REINTEGRAR O «K» NO ALFABETO PORTUGUÊS, PARA NÃO VIVERMOS CONTINUAMENTE COM ESTA SENSAÇÃO DE FORA-DE-LEI...)

«Spunk»: não é nada e é tudo. Não existe, mas isso não é razão para não se procurar. «Spunk» é a pátria da imaginação. «Spunk» é o sonho, a luta contra os limites. «Spunk» não há, mas todos o conhecemos. Fera, flor, amor, bichinho-de-conta, asas imaginárias. A gota de água faz «ploc», o carro faz «rrrrrr...», o charco faz «splache...» «Spunk» não faz nada disso, não serve para nada a não ser para o não termos, o que é muito, e para nos defendermos dele, quando for preciso. «Spunk» não é utilitário, não serve, quer dizer: presta-nos um grande serviço.

Clube dos «spunks». Quem quer aderir?

CONVERGÊNCIA

Convergência não é *spunk*. Convergência existe. Convergência serve. Conforme os pés, está bem, mas serve. Serve para falar de banalidades simbolísticas, perdão!, simbolísticas a respeito de Camilo Pessanha de quem Manuela de Freitas está tão longe... Serve para nos trazer Ana Hatherly em «western» não sei quê, que sim, que Camilo Pessanha, embora, mas a verdade é que, em resumo: Ana Hatherly dá luz verde a Pessanha.

Para nos dizer de Luís Amorim de Sousa, locutor de português na B B C de Londres, que deu recital na Quadrante. A Televisão esteve lá, enfim: versos. E o Melo e Castro a falar dele, a embarcar em banalidades académicas (ele, imagine-se!) diante do microfone que era uma armadilha.

Para falar de orge de Sena, de Romeu Correia e do seu «cravo espanhol», de João Palma-Ferreira.

Para falar de Jorge de Se confusão, Fernanda Botelho a monologar o pseudoproblema do interesse dos leitores pela literatura estrangeira em prejuizo da literatura portuguesa, a buscar razões para isso quando a razão mais forte está á vista, tão á vista, tão á vista que as lentes de Fernanda Botelho devem ser corrigidas para um numero elevado de dioptrias: a literatura portuguesa não encontrou nas ultimas décadas, condições exteriores favoráveis à caça dos leitores. E não havendo que vender na nossa ,loja comprou na loja dos vizinhos! É dos livros — é, por conseguinte, da literatura.

Apesar de todas as deficiências, apesar do defeituoso acabamento, apesar de tantas descoloridas palavras (não há dúvida: «convergência» não é «spunk») apesar disso tudo, meu Deus!, quase olhei com simpatia o programa de Eduino de Jesus. Pelo menos interessou-me, sensação que há muito tempo não conhecia. Houve alguma coisa parecida com decência nesta convergência. Houve alguma coisa, além da rima.

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

A SELECÇÃO DE FUTEBOL VOLTA AO «SISTEMA ANTIGO»

DR. JOSÉ MARIA ANTUNES: «Conto com a colaboração de Juca, pois estou certo de que a Académica, embora naturalmente com restrições, não levantará dificuldades»

No dia 10 de Dezembro a selecção nacional de futebol irá a Londres defrontar a turma inglesa, vencedora do último Mundial. Este jogo estava programado desde longa data. Não vamos aqui discutir se ele é ou não oportuno, tendo em vista a excelente impressão que ali deixámos há três anos com um honroso terceiro lugar. Não é desse aspecto que nos vamos ocupar. O assunto que nos levou a trazer a estas colunas o problema da selecção, através das judiciosas opiniões do seleccionador, dr. José Maria Antunes, é tão sómente o dos preparativos para esta viagem a Inglaterra e muito principalmente o do treinador da equipa de todos nós, pois Juca, no regresso da Suíça, deixou o cargo de contratado da Federação para tomar conta da equipa da Académica.

«CONTO COM JUCA...»

Pois foi por esse motivo que entrámos em contacto com o dr. José Maria Antunes, o qual, a esse propósito nos esclareceu:

— Conto com a colaboração de Juca, pois estou certo de que a Académica, embora, naturalmente, com restrições não levantará dificuldades.

E depois uma explicação:

— Bem vê, este jogo já estava marcado. Quando fui consultado sobre se eu continuaria mesmo que o Congresso para eleger os novos dirigentes da Federação se realizasse em vinte e tal deste mês, respondi que sim. Logo nessa altura foi-me também posto o problema do treinador e eu informei que tencionava convidar o Juca. A Federação aceitou e foi o que fiz. Aguardo uma resposta, mas espero poder contar com ele. Isto, de resto, não é mais nem menos do que o regresso ao sistema antigo em que a Federação, como não tinha técnico contratado, pedia a colaboração dos que estavam a trabalhar nos clubes.

PROBLEMAS DO DEPARTAMENTO TÉCNICO PROFISSIONAL

Fez depois este comentário:

— Apesar de todas as tentativas para a organização de um departamento técnico profissional no seio federativo, voltamos agora ao ponto de partida. Até há pouco tempo o sector dos seniores estava servido com a colaboração de Juca como técnico privativo da Federação e lutava-se pela criação de um sector identico dedicado aos juniores. Foi contratado Peres Bandeira e o problema estava resolvido. Agora os juniores continuam a dispor de Peres Bandeira, e os seniores têm o lugar do técnico em aberto. Espero que a situação venha a normalizar-se...

O PROGRAMA DA SELECÇÃO FOI ALTERADO

— E quanto ao programa de treinos, dr.?

— Como sabe todo o programa de trabalhos da selecção já estava elaborado até 31 de Dezembro e aprovado pela Direcção-Geral dos Desportos. Mas em relação a este jogo com a Inglaterra teve de ser alterado. Assim a concentração dos jogadores, que em princípio estava prevista para o dia 2 de Dezembro, sendo depois dispensados no sábado para voltarem no domingo e fazerem nesse dia um treino de conjunto com a equipa de promessas com menos de 22 anos, far-se-á no dia 4. É que, com a sobrecarga de estágios e jogos que terão nos clubes, não há necessidade de os concentrar na terça-feira para serem submetidos a banhos e massagens, porque isso farão eles nos próprios clubes. Damos-lhes, portanto, mais um dia. Farão treinos diários de quarta-feira até sábado e no domingo, dia 7, haverá então o projectado jogo-treino com a selecção de promessas (formada com jogadores de menos de 22 anos, o que quer dizer que ainda poderão jogar nas promessas no próximo ano). Esse jogo-treino fará programa com o Portugal-Suiça em juniores. Será ao mesmo tempo uma boa ocasião para vermos em acção a equipa de promessas que estava prevista para o encontro que deveria ter disputado no dia 2 do corrente com a Rodésia e que, como se sabe, foi cancelado. Os jogadores das «Promessas» entram em estágio na sexta-feira, dia 5.

ALTERAÇÃO AO PLANO DE VIAGEM

E a terminar:

— Quanto á viagem também houve alteração. Tinhamos previsto sair de Lisboa na terça-feira, véspera do jogo, mas para acautelar qualquer contratempo com os nevoeiros, resolvemos antecipar a partida para segunda-feira, dia 8. Assim, na terça-feira já poderemos fazer um treino em Londres.

E aqui tem o leitor tudo o que há, por agora, relativamente á selecção e seus preparativos com vista ao jogo com a Inglaterra em 10 de Dezembro.

GUITA JUNIOR

O BELENENSES EXTINGUIU O CONSELHO GERAL

Sob a presidência do dr. Gouveia da Veiga reuniu-se ontem á noite no Pavilhão dos Desportos Náuticos a assembleia geral do Belenenses

Motivo da sessão, alterações nos estatutos com vista a uma melhor adaptação ás necessidades actuais. E todas as propostas foram aprovadas merecendo especial relevância a que extingue o Conselho Geral do clube, substituido nas suas funções por um órgão consultivo que integra os presidentes e vice-presidentes da assembleia geral e da direcção e o presidente do conselho fiscal

Foi também decidido que apenas a eleição dos presidentes e vice-presidentes da assembleia geral, da direcção e do conselho fiscal será feita por sufrágio directo cabendo a estes a responsabilidade de constituirem os respectivos elencos

Na meia hora que antecedeu a «agenda» foram abordados vários problemas de interesse para o clube.

Acontecimentos DE ONTEM

HÓQUEI EM PATINS

Resultados dos encontros realizados ontem, á noite, no pavilhão do Infante de Sagres, no Porto, a contar para os campeonatos metropolitanos de seniores e juniores, e nacional de juvenis:

F. C. Porto-Carvalhos (seniores), 1-1; Vallongo-Vigorosa (juniores), 2-1, e Infante de Sagres-Carvalhos (juvenis), 2-0.

Para o Campeonato do Porto da 2.ª Divisão apuraram-se os seguintes desfechos: Oliveirense-Águias, 6-4 e União de Lamas-Paredes, 2-5. Em reservas o F. C Porto e o Leça empataram a um golo.

ANDEBOL

Resultados dos encontros a contar para o Campeonato de Lisboa de Andebol de Sete da 2.ª Divisão, ontem, á noite, disputados na pavilhão da Tapada da Ajuda:

Boa Hora-Casa Pia, 26-21; Vendedores de Jornais-C. I. F., 18-17, e Madre de Deus-Oriental, 10-25.

TÉNIS DE MESA

Na final da Taça «Record» em ténis de mesa, para juniores, que ontem, á noite, se disputou na mesa do Centro Católico, o Sporting venceu aquela equipa por 3-2, conquistando o troféu

ATLETISMO

Levantada a suspensão a quatro atletas

Em tempos os dirigentes da Federação castigaram vários atletas (ao todo doze) por não terem devolvido áquela entidade o equipamento que lhes fora fornecido aquando da sua deslocação ao Brasil, onde se efectuaram os IV Jogos Luso-Brasileiros, de 16 de Julho a 3 de Agosto.

Agora, a quatro daqueles doze atletas — Julio Fernandes (Sp.), António Abreu Matos (U.), Maria Manuela Simões (Bf.) e António Fonseca e Silva (Bf.) — foi levantada a suspensão.

Quanto aos restantes, a Federação vai agir no sentido de se processar imediatamente a entrega dos equipamentos. Em caso de recusa por parte dos visados, estes serão castigados duramente.

CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ATLETISMO

Está marcada para o dia 13 de Dezembro próximo a reunião do congresso ordinário da Federação Portuguesa de Atletismo.

Ainda não foi divulgada a respectiva ordem de trabalhos.

FESTIVAL SUECO NO «RALLYE» DA GRÃ-BRETANHA

Após cinco dias de luta emotiva entre os melhores especialistas europeus terminou ontem o clássico «Rallye» da Grã-Bretanha, ultima prova do Campeonato da Europa de «Rallyes». A vitória absoluta pertenceu ao sueco Kallstrom, num Lancia Fulvia 1600 que gastou o tempo total de 479 minutos e 17 segundos. Por equipas venceu a Datsun após despique de verdadeiro «suspense» com a Triumph BLMC.

O «Rallye» da Grã-Bretanha, com o qual se encerrou o Campeonato da Europa de «Rallyes», disputou-se num percurso de cerca de 4000 quilómetros, com numerosas provas de classificação feitas em velocidade pura, em estradas florestais, quase todas de terra e macadame.

Enorme expectativa envolvia a competição que decisiva para o sueco Kallstrom e para o belga Staeplaere, ambos discutindo o titulo europeu. Staeplaere, tripulando um Ford MRS tinha como companheiros de equipa Roger Clark, Ove Anderson e Hannu Mikkola. Por sua vez Kallstrom corria no seio de outra excelente equipa da qual faziam parte Munari e Tonny Fall.

Como habitualmente, este clássico «rallye» britanico, no qual participaram 151 equipas, tinha uma grande participação de escandinavos. Aliás, como também se previa, foi essencialmente entre os nórdicos que se decidiram os lugares cimeiros da classificação. Eles são grandes especialistas de «rallyes» e, quando se trata de conduzir em condições em que a aderência é mínima, a sua superioridade é então flagrante.

Um dos motivos de interesse da prova estava no reaparecimento do sueco Waldegaard, vencedor este ano do «Rallye» de Monte Carlo. E a verdade é que o consagrado piloto escandinavo (Porsche 911) estava á frente da classificação provisória estabelecida em Blackpool com um avanço de 5 minutos sobre o seu compatriota Kallstrom.

Para a classificação por marcas Datsun e Triumph discutiram até final a Taça dos Construtores. O triunfo acabou por pertencer á marca japonesa que aliás tinha comandado a classificação colectivamente durante a maior parte do «rallye».

Classificação oficial

1.º, Kallstrom, Suécia (Lancia HF 1600), 479 m. 17 s.; 2.º, Orrenius, Suécia (Saab), 484 m. 32 s.; 3.º, Tonny Fall, Inglaterra, (Lancia HF 1600), 494 m. 36 s.; 4.º, Ove Andersson, Suécia (Ford Escort), 494 m. 46 s.; 5.º, Lindberg, Suécia, 495 m. 10 s.; 6.º, Roger Clark, Inglaterra, (Ford Escort), 497 m. 4 s.; 7.º, Tom Trana, Suécia (Saab), 497 m. 34 s.; 8.º, Rauno Aaltonen, Finlândia (Datsun), 498 m. 28 s.; 9.º, Larsson Suécia (Porsche), 498 m. 57 s.; 10.º, Nystrom, Suécia.

HOJE A NOITE

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa, da 1.ª Divisão (Reservas), 7.ª Jornada: Belenenses - Passos Manuel, Benfica-Almada e Técnico-C. Ourique, no pavilhão de Campo de Ourique, a partir das 20 e 30 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da Divisão de Honra, 8.ª Jornada: Algés-Ateneu, Belenenses-Internacional, Atlético-Nacional e Benfica-Sporting no pavilhão da Ajuda a partir das 21 e 30.

— Campeonato de Lisboa da 2.ª Divisão: Física-Faculdade de Ciências, Queluz-Maria Pia, Sacavenense-Sporting de Torres e Pedrouços-Rio Seco, nos campos dos primeiros, às 21 e 30.

GINÁSTICA — Congresso Ordinário da Federação Portuguesa de Ginástica, às 19 horas.

Distribuição de prémios no «IV Circuito da Granja»

Resolvido que foi, pelo A.C.P., o chamado «caso Francisco Santos», no «IV Circuito da Granja do Marquês» (e do qual resultou a improcedência de um recurso apresentado pelo piloto em relação á desclassificação que lhe fora imposta na corrida do Grupo 1 daquele circuito), o Sport União Sintrense já tem os resultados definitivos da sua prova, podendo, assim, realizar, logo á noite, pelas 22 horas, na sua sede, a distribuição de prémios referentes áquele conjunto de competições.

Recordamos que — após a eliminação de Francisco Santos — a classificação da corrida de Turismo de Série (Grupo 1) ficou assim estabelecida:

1.º, Jorge Nascimento; 2.º, Carpinteiro Albino; 3.º, Rui Bacelar; 4.º, Raposo de Magalhães; 5.º, Manuel Paiva e Sousa; 6.º, Lamy Viçoso; 7.º, Francisco Romãozinho.

TOTOBOLA O NOSSO PALPITE

Barreirense-Porto ...	1
U. Tomar-Varzim ...	X
Setúbal-Benfica	1
Braga-Guimarães ...	X
Boavista-Académica ..	2
Leixões-C. U. F.	1
B. Mar-Tirsense	X
Gouveia - Sanjoanense	2
Vizela-Famalicão	X
Salgueiros-T. Novas...	1
Farense-Portimonense	1
Torriense-Oriental ...	X
Lusitano-Sesimbra ...	1

ENTREGA DE MEDALHAS NO ATENEU COMERCIAL

No Ateneu Comercial de Lisboa realizou-se ontem uma sessão solene de homenagem aos elementos da classe especial de homens, daquele clube que actuaram em Basileia, quando da V Gimnaestrada, e durante a qual o prof Reis Pinto proferiu uma palestra subordinada ao tema «Valerá a pena?».

Apresentado o conferente pelo dr. João Mariano, tesoureiro da direcção do Ateneu, o prof. Reis Pinto abordou vários problemas que afectam a educação física portuguesa

Foi feita depois a entrega á direcção dos troféus conquistados pelos ginastas e classes na época passada, e por parte daquela foram oferecidas medalhas alusivas á Gimnaestrada, aos ginastas da classe especial de homens.

Luís Filipe de Brito, director do Ateneu, teve ainda palavras de apreço para a acção do prof. Moura e Sá e da pianista D. Isabel Silva, que sempre têm acompanhado aquela classe.

A finalizar, foi projectada uma colecção de «slides», que visavam aspectos da grande manifestação ginástica de 1969 em Basileia.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso N. 12 – 9. Época

Cavalgada do Ritmo 2X2 1X1 1X1 1XX1; Comércio de Portimão 222 121 112 1X11; Correio dos Açores 21X 1X1 221 X2X1; Correio do Vouga 212 121 112 1111; O Distrito de Setubal 111 XX1 1X2 1112; Ecos de Cacia 212 X21 121 111X; Ecos do Desporto 1X2 121 X1X 1X1X; Emissora Oficial da Guiné Port. (T. D.), 2XX 121 X21 1X1X; Estação Emissora do C. A. A. (N. R.), XX2 XX1 11X 1111; Eu Sei Tudo 11X 121 111 111X; Folha do Domingo 21X 121 121 1112; Gazeta do Sul 2X1 XX1 X22 111X; Imagens Piedenses 112 121 221 1111; Jornal Estrela da Manhã 1X2 XX1 122 X111; O Jornal de Felgueiras 1X1 121 1X1 1111; Jornal do Fundão 2X2 121 12X 1211; Jornal da Lixa 221 121 X11 111X; Jornal de Santo Tirso 2XX 1X1 2XX 111X; Jornal de Sintra X22 1X1 122 1X11; Linhas de Elvas 222 111 XX1 X2X2; Notícias de Chaves X11 221 12X 1X11; Notícias de Guimarães XX1 221 1X2 1X11; Povo Algarvio 1X1 121 1X1 1111; Rádio Altitude X1 XX1 112 1XX1; Rádio Sports 211 111 121 1111; Reconquista 212 111 111 1X11; Renovação V. C. 11X 2X1 121 1111; Republica 122 12X 111 12X1; Sporting 212 XX1 211 X11X; A Voz de Palmela XX1 111 121 X111; Notícias da Amadora 111 221 1XX 1212; Badaladas 2X1 221 X11 X212; Beira Baixa 1X1 211 211 1111; Cantinho Ricardo Lemos, 1XX 2X1; 1X1: X111; Cardeal Saraiva; X11 22X 1X2 1111; O Comércio de Guimarães X12 212 X21 1X21; O Concelho de Estarreja 212 221 122 1111; Correio de Coimbra X21 221 X11 1X1X; A Defesa XXX 111 12X 1111; Diário do Minho 1XX X21 212 111X; Ideal Rádio 1X2 221 111 1111; Jornal do Sul (Actividades Desportivas) XXX X11 121 1111; Jornal do Sul (Totobola das Leitoras) X12 X2X 121 1111; Litoral X21 121 1XX 1111; Maria da Fonte (Desporto) 2XX 221 222 1X22; Maria da Fonte (Voz da Póvoa) 121 111 21X 1111; Notícias de Gouveia XX1 121 112 1111; Notícias de Penacova (Totofortuna) X2X 2X1 21X 1111; Notícias de Penacova (Totopalpite) 2X1 X21 X1X 1111; Passatempo (ENR) 21X 221 12X 1X11; Peça Que Não Maça 1XX XX1 1X2 111X; Póvoa de Lanhoso (Correio das Aldeias) 1X2 2X1 1X2 1111; Póvoa de Lanhoso (Desportos) 111 121 122 1X11; Rádio Ribatejo 1X1 221 2X1 1X12; O Templário 211 X21 11X 1111; Terra Alta X12 221 12X X2XX; A Voz XXX X11 212 1111; A Voz Desportiva 21X X21 X11 X111; A Voz do Domingo XXX 12X 111 1X11; Voz de Lamego 112 221 112 1212; Mundo Desportivo 1X2 221 11X 1111; Açores Desportivo XX1 121 XX1 1111; A Ilha Desportiva 222 X21 XX1 1111; Novidades X11 X21 12X 1X12; Diário de Lisboa 1X1 X21 X2X 11X1; Diário X11 221 1XX 111; Notícias da Beira XX1 2X1 1X2 12X1; Brado Africano 2X2 X2X 1XX X111; Jornal Desportivo XX1 X21 X2X 1112; Onda da Manhã 11X 12X 112 X122; Voz de Moçambique (N. D.) X11 2X1 121 1X12; Onda Desportiva 2X2 221 121 1211; Domingo Alegre 2XX 121 X21 1X1X; Roteiro Sonoro 2XX 11X 1X2 1111; Relato F. Portugues 212 X21 1X1 1111; Relato F. Ronga 111 XX1 1X1 121X; Cidade 69 2X2 121 11X 11X2 Bondiazinho 2X2 11X 1XX 2111; Vamos Jogar no Totobola 121 X21 1XX 111X; Rádio Clube de S. Tomé (NT) 221 X21 11X 1111; Cafe da Noite 1X2 111 X22 1X1X; O Comércio 1X1 XX1 112 1111; Diário 12X XX1 X1X 1111; A Nossa Chave 21X 221 1X1 111X; Apostolado 212 1X1 XX2 11XX; Norte Desportivo 2XX X11 12X 1111; Defesa de Espinho 12X 1X1 1X2 X211; O Porto 222 XX1 X21 1111; Flor do Tâmega 222 111 X11 1111; Vamos á Bruxa (Adesivo) 121 X21 X2X 1111; Vamos á Bruxa (D. Conchita) 1X1 221 11X 111X; Mosaico 22X 121 X22 111X; Correio do Douro 21X X21 122 1111; Notícias d'Évora (VJT) 21X 121 12X 1111; Notícias d'Évora (VD) XX2 1X1 211 1XX1; Prog. Almanaque X11 X21 12X 1211; Auto Rádio 21X 111 111 1111; Boletim Desportivo T. A. 112 X21 11X 1111; Boletim Desportivo R. P. 2X2 211 12X 1111; Colina Sagrada 21X 22X 112 1121; O Comércio de Leixões (DTUP) 212 X21 12X 1111; O Comércio de Leixões (Desp.) X1X 221 X22 111X; O Comércio do Porto 1X1 X21 1XX 1111; De Tudo Um Pouco 212 121 212 1112; Às 10 Espere Por Nós 222 X1X 1X1 2X11; Diário de Coimbra 112 X2X 11X 1111; Dos Fracos Não Reza a História 2X1 XX2 112 X12X; Jornal da Beira 1X1 XX1 1X1 1111; A Lição do Menino Quim 1X2 221 111 1111; Momento do Totobola 112 X11 12X 1111; Música e Desporto 21X 211 X21 112X; Notícias do Douro 1X2 121 X1X 11X2; A Ordem 22X X11 1X2 111X; Penalti X21 X11 11X 1111; Prog. Electro Mecanico XX2 111 2X1 1111; Prog. da Manhã 111 111 111 1111; Prog. Sem Nome 222 221 XXX 1111; A Rabeca 2XX 1X1 122 1111; Rádio Clube do Norte 122 111 X12 X1X2; Rádio Placard (ENR) 2XX 121 11X 1111; Rádio Placard (RCP de Lx.) X21 22X X11 1X11; Rádio Placard 121 X21 21X 1111; Reporter do Dia 1X2 121 X12 111X; Reporter do Dia (Angola) X2X 1X1 X1X 1111; Resenha Desportiva (ENR) X1X XX1 212 1X11; O Setubalense 1X1 X21 122 1X1X; Só-Rádio 2XX 1X1 122 1111; Sorriso da Hora do Almoço 111 1X2 2X1 1111; A Voz dos Ridículos X12 121 12X 1111; A Voz do Casa Pia 2X1 121 121 1111.

RESUMO

CONCURSO N.º 12

N.os	JOGOS	1	X	2	BOLAS 1	X	2(a)
1.	Barreirense-Porto	44	32	54	4	3	5
2.	U. Tomar-Varzim	47	57	26	4	5	3
3.	Setubal-Benfica	46	37	47	4	4	4
4.	Braga-Guimarães	53	44	33	5	4	3
5.	Boavista-Académica	25	31	74	2	3	7
6.	Leixões-C. U. F.	115	12	3	10	1	1
7.	B. Mar-Tirsense	83	30	17	8	3	1
8.	Gouveia-Sanjoan.	50	34	46	5	3	4
9.	Viseia-Famalicão	49	43	38	4	4	4
10.	Salgueiros- T. Novas	114	14	3	10	1	1
11.	Farense-Portimonense	92	25	13	9	3	1
12.	Torriense-Oriental	110	14	6	10	1	1
13.	Lusitano-Sesimbra	88	26	16	8	3	1

E o prognóstico lógico será 2X2 121 111 1111

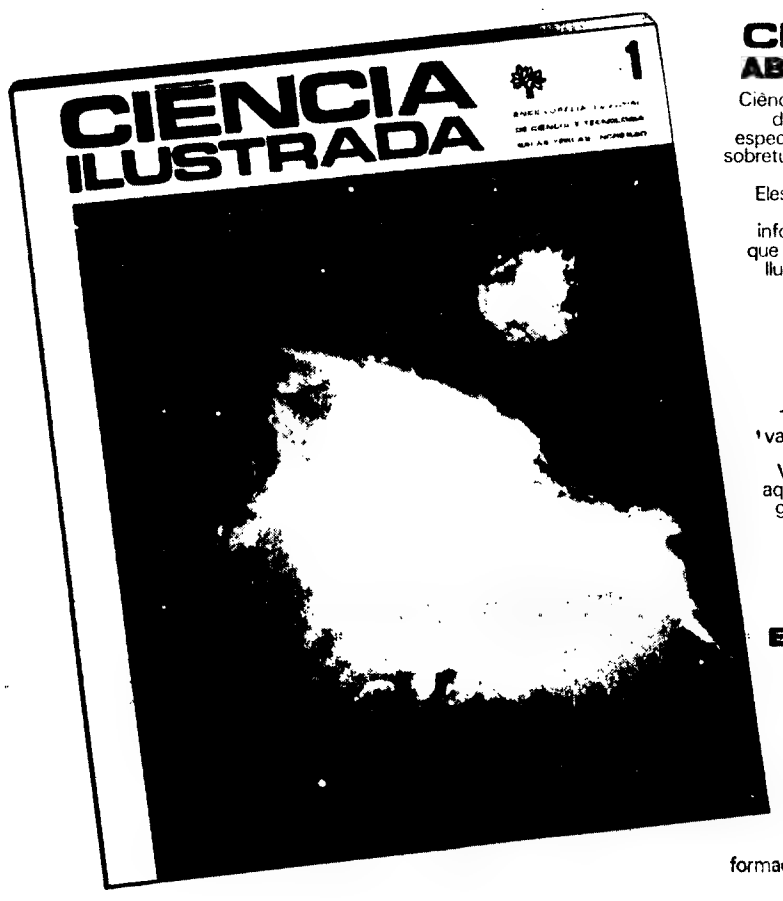
a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

PREVISÃO DOS 50 ANOS FUTUROS:

Homem em Marte... Cura do Cancro. Cura de todas as doenças. $CO_2 + ar + H_2O + ES$ = alimentos sintéticos Grátis a energia atómica. Transportes supersónicos Mais tempo livre, maior possibilidade de escolha de emprego do tempo livre. Foguetões a 100.000 Kms hora. Fim do motor a explosão. Novos metais. Nascimento sem parto. Ensino hipnopédico. Duplicação de pessoas: copias idênticas feitas em laboratório.

NO FUTURO SÓ TERÁ LUGAR AQUELE QUE SOUBER CIÊNCIAS:

PREPARE-SE.



CIÊNCIA ILUSTRADA ABRE O FUTURO PARA VOCÊ:

Ciência Ilustrada é o fruto de anos de trabalho de uma equipa de pesquisadores, cientistas especializados, técnicos, fotógrafos, redactores e, sobretudo, de homens profundamente integrados na evolução científica das ultimas décadas. Eles preocupam-se em pôr ao seu alcance, de uma forma nova, fàcilmente assimilável, as informacões exactas sobre todos os assuntos que constituem o universo científico moderno. Ilustracões e legendas permitem uma clara e rápida compreensão do assunto, enquanto o texto o leva a aprofundar, todos os pormenores.

Química, física, biologia, astronomia, tecnologia: tudo!

Todas as semanas Ciência Ilustrada aborda variada série de assuntos científicos, inclusive técnicas de observação e experimentação. Você poderá estudar todos eles ou apenas aqueles de seu maior interesse, mas sempre ganhará uma visão geral do que há de mais actual em todas as ciências. Será uma inestimável contribuição para a sua cultura e um complemento valioso dos estudos que estiver a realizar simultâneamente.

Este é o primeiro fascículo. É o começo de uma enciclopédia científica de 13 volumes.

Do dia 18 de novembro em diante, leia e coleccione todas as semanas Ciência Ilustrada. Em pouco tempo você terá uma importantíssima obra de 5.500 páginas: 11 volumes de enciclopédia científica e mais 2 volumes — "História dos Três Reinos da Natureza", formada pela colecção das capas dos fascículos.

GRÁTIS: Juntamente com o primeiro número, você receberá um fascículo adicional: "O homem descobre o mundo" — fascinante incursão às fronteiras do conhecimento humano.

CIÊNCIA ILUSTRADA
32 páginas, o dobro de um fascículo normal, por apenas Esc. 30$00, em todas as livrarias e tabacarias do país, terça-feira dia 18 de novembro.

Abril Cultural

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Estreias de hoje — O 41.º — SÃO LUIZ e ALVALADE — ISADORA — CONDES e MUNDIAL — O GRANDE AJUSTE DE CONTAS — EDEN

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Hoje, às 21.30 — **ESTREIA**
(Veja anúncio especial)
O extraordinário filme russo premiado no **Festival de Cannes**
O 41.º
Às 15.15 e 18.15 — (Adultos)
Últimas exibições — «SOU EU, A NATÁLIA»

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
As 21.45 — **ESTREIA**
(Veja anúncio especial)
O extraordinário filme russo premiado no **Festival de Cannes**
O 41.º
Às 15.45 — (Adultos)
Últimas exibições — «SOU EU, A NATÁLIA»

MONUMENTAL
(M 17 anos) Tel 555131
As 21.30
Jovem, bela e cruel, caprichosa e violenta, dominada pela ambição
A PERVERSA
com Ryan O'Neal e Leigh Taylor-Young
QUINZENA DE TERROR
Hoje — Adultos — 18.30 h.
A MALDITA, O GATO E A MORTE
de Roger Corman; com Vincent Price, Peter Lorre e Basil Rathbone.
Próxima Quinzena:
Moderno Cinema Americano

VOX
(M. 12 anos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
George Peppard e Mary Tyler Moore
Na mais louca e imprevista comédia do ano!...
O MAGNÍFICO INTRUSO
Um filme de George Seaton em techniscope e technicolor
B. Bulhão Pato (à Av. Roma)

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
NASCI PARA AMAR
MISSÃO TEMPESTADE

CONDES
(Adultos) Tel. 522523-326710
As 21.30 — Noite de estreia
ISADORA
com Vanessa Redgrave
Grande Prémio de Cannes 1969 (versão integral)
As 15.15 e 18.15
Últimas exibições (Adultos)
«A Lição Particular»

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 21.45 — Noite de estreia
Vanessa Redgrave vive intensamente a figura da bailarina mais disputada do Mundo!
ISADORA
O filme mais importante do ano!
TECHNICOLOR
Às 15.15 e 18.30 (Adultos) — Últimas exibições de «UMA NOITE NA PRAIA» — com **Dahlia Lavi**
Metro: **Estação Picoas**

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
UM FILME SENSACIONAL ARROJADO E PROVOCANTE
A PRIMAVERA EM ROMA DE MRS. STONE
com Vivien Leigh e Warren Beatty.
TECNICOLOR

ODEON
(M. 12 anos) Tel 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
3.ª SEMANA
LOTAÇÕES ESGOTADAS
com MILÚ e CALVÁRIO
O DIABO ERA OUTRO
com Nicolau Breyner, Julieta Castelo, Fernanda Borsatti e Armando Cortês
Fados por HERMÍNIA
Canções de JOÃO NOBRE
Eastmancolor

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
A obra-prima de Pietro Germi
DIVÓRCIO À ITALIANA
com Marcello Mastroiani

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 15 e ás 21 h.
O GENDARME CASA-SE
À PROCURA DO ÍDOLO

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
ESTREIA às 21.45
(Veja anúncio especial)
Color
Jean Paul Belmondo num filme de Robert Enrico
O GRANDE AJUSTE DE CONTAS (HO!)
Às 15.15 e 18.30 — (Adultos)
Últimas exibições:
«SERAFINO»

RESTELO
(Adultos Tel. 610375
As 21.30
NOITES DE OUTROS TEMPOS
com Vittorio Gassman e Gina Lollobrigida

ESTÚDIO 444
(Adultos Tel 779095
As 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Um tema altamente ousado!
DESEJO PERVERSO
com Lisa Gastoni e Leo Castel

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e ás 6.15 da tarde (p. red.) e ás 9.30 da noite
FRANK SINATRA
num filme policial de grande categoria
O DETECTIVE
com Lee Remick

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Hoje, às 21.30 em continuação de ESTREIA
CATHERINE DENEUVE e JACK LEMMON são
OS LOUCOS DO AMOR
4.ª SEMANA
Às 15.15 — Última exibição — «O BANDOLEIRO NEGRO»
(M. 12 anos)

LIDO
Praça D João I — AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593
As 21.30
O Amor e o Sexo... uma Mulher e um Jovem!
A LIÇÃO PARTICULAR
Versão integral — em seguimento de estreia

SÃO JORGE
(M/ 12 anos) Tel 54153/4
As 15.00. 18.15 e 21.30
Em 4.ª SEMANA de classe invulgar
A BATALHA DE INGLATERRA
com Laurence Olivier, Michael Redgrave, Trevor Howard, Curt Jurgens, Christopher Plummer e Susannah York

AVIS
(M 12 anos) Tel. 47163
As 21.45
4.ª SEMANA
Um festival de belas canções no cenário maravilhoso do Brasil
QUIMERA
com Gianni Morandi e Laura Efrikian

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
A MULHER INFIEL
OS COMPLEXOS

IMPÉRIO
(Adultos» Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
4.ª SEMANA
Um filme de John Frankenheimer
Alan Bates, Dirk Bogarde e Elizabeth Hartman em
O HOMEM DE KIEV
METROCOLOR

ESTÚDIO
(Adultos» Tel. 555134
As 15.30. 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
A obra-prima várias vezes premiada de André Delvaux
O HOMEM DA CABEÇA RAPADA

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos Tel. 260729
As 17 e 21 e 30 h.
REPULSA
Amanhã — «Matinée» infantil
FLINTSTONE, O AGENTE 777 1/2 (M. 6 anos)

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O pecado de João Agonia» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 22: «Oração» e «Dois verdugos».
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: Tambo no Inferno» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — Às 22: A dança da morte» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Ena já foia» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 45: «Amor ás riscas» (17 anos).

CINEMAS

MOSCAVIDE — Às 21: «Sete contra o mundo» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «Duelo sem tréguas» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «A beira do abismo» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «A invasão da Terra» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «O aventureiro de Tahiti» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Uma aventura a quatro» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 9: «Arizona Colt» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21 h.: «A Batalha das Ardenas» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21 h.: «Blue» (17 anos)
CAMPOLIDE — Às 21 h.: «O ultimo degrau» (17 anos).
PARIS — Às 21 h: «Chitty Chity, Bang Bang» (12 anos)

● LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Sinfonia para um inimigo» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Repulsa» (17 anos)
CASCAIS — S JOSÉ — As 2 e 30: «Oliver» (12 anos.

● LINHA DE SINTRA

DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «O roubo da Pietá» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS: Às 21 e 15: «O Anjo Azul» (17 anos)

● OUTRA BANDA

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Adoráveis conspiradores» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Estrela do Sul» (12 anos)

O RATÃO DO NAU
M/17 ANOS
TEL. 51501
R. PINHEIRO CHAGAS, 1
NA «ÚNICA» BOITE DE LISBOA COM A MELHOR SELECÇÃO
FORMA 5
O melhor conjunto português da actualidade
VICTOR SANTOS, PEDRO OSÓRIO, LUÍS DUARTE, CARLOS CARVALHO e VILLAS BOAS
E O ROMÂNTICO INTÉRPRETE DE «BLUES»
PAUL CONNOR
EXPLORAÇÃO E GERÊNCIA DE HOTER

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno E

ALCANTARA — Nogueira, R da Creche 2 (631635)
ALFAMA — Nacional, R de S João da Praça, 26 (863632)
ALVALADE — Cartaxo, Av da Igreja, 21-C (776358) ✲ Brisália, Av Rio de Janeiro, 66-A (722368)
ANJOS — Matos, R Alvaro Coutinho, 0 (404?1)
AREEIRO — Avis, Av de Roma, 56-B-C (7 5370) ✲ João XXI, Av João XXI, 6-A (720462) ✲ Nova Lisboa, R Guilhermina Suggia, 2 (721721)
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R do Salitre, 7 (46858)
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av 5 de Outubro, 47-A (763 07) ✲ Avenidas, Av da Republica, 27-A (533688) ✲ Império, Ld.ª, R. Filipe Folque, 40-A e 40-B (48002) ✲ Ducal, Av Duque de Loulé, 21 (48946) ✲ Palma, Av. Duque de Ávila, 25-3º (47088).
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes, R. Ângelo Pinto, 32 (49756)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27, n.º 41 (311216)
BAIXA — Barral, R Augusta, 225 (361534/5)
BELÉM — Remisio, R dos Jerónimos, 4-C (631699).
BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ✲ Sousa, Estrada de Benfica, 429 - 43º (780027)
CAMÕES — Modelar, L. Dr António de Sousa Macedo, 7-A (678896) ✲ Ventas, R. da Misericórdia, 33 (324554--327563/4)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✲ Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (671667)
CAMPOLIDE — Lab., Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) ✲ Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (á Rua das Amoreiras) (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780181)
ENTRECAMPOS — Galena, Aven Oscar Monteiro Torres, 38 - A (774920)
ESTEFÂNIA — Estefânia — Rua Pascoal de Melo, 90 (44438)
ESTRELA — Janeiro, Av Álvares Cabral, 100 (661453)
GRAÇA — Monte, R. Senhora do Monte, 30 - A - B (867842) ✲ Rosa & Viegas, R de S Vicente, 31 (864351) ✲ St.º António, Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (862333)
JANELAS VERDES — Carrasco, R Presidente Arriaga, 39 (667460)
LUMIAR — Alameda, A das Linhas de Torres. 201-B (790942)
✲ S. Tomé, Est do Desvio, lote 12-C (790704)
MADRAGOA — S. Nunes Simões, Sue., R do Quelhas 1 (661275)
OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia, 9 (311237).
PALHAVÃ — Aguiar, Av Columbano Bordalo Pinheiro, 98 A (764196-764629)
PENHA DE FRANÇA — Carrando, Rua Padre Sena Freitas, 10-A (842518)
PICHELEIRA — Luzmar, R João do Nascimento Costa, 6-A — (728395 - 720703).
REGO — Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29-D (Bairro Santos) (778953)
S. AMARO — Sepal, Caís da Boa Hora, 94-A (631958) ✲ Teles, R João de Barros, 2 (638249)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R de Xabregas, 65 (381185) ✲ Oriente, R Lopes, (20 (843381!)
MOSCAVIDE — Banha, Av Moscavide, 22 (2518518).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, R Ernesto da Silva, 81 (212048)
CAXIAS — Neve — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 186 (Telefone 2432034).
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Macau, Rua J Elias Garcia 62-B (2471785)
ESTORIL — São João — São João do Estoril (Tel 261186)
MONTE ESTORIL — Costa, Av. Sabóia, 29-B (260085).
CASCAIS — Marginal — Av Marginal (Tel 280078). A. Costa — Rua Freitas Reis, 24-A (Telef 280214)

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, P 28 de Maio 3-A (935518) ✲ Carmelo, R Elias Garcia, lote 28 (933303) ✲ Helénica, R. Elias Garcia, 2 (933613) ✲ S. Jorge, R Pedro del Negro, 5, Reboleira (Tel 938703)
DAMAIA — Damaia, P Alexandre de Gusmão, 9-A (970523).
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) ✲ Zeller, R da Republica, 83 (950045).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Química — Est Mem Martins, 285 (T 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes — Largo Rainha D. Amélia, 20 (Tel 980155)
VENDA NOVA — Nova, R Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).
COLARES — Colares, — Abrela (Tel 299088)

● Outra banda

ALCOCHETE — Nunes — Largo Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234187)
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (T 224020)
ALMADA — Macedo Henriques — — Rua Bernardo Francisco da Costa (Tel 27?297)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional 174 (Telefone 224302)
BARREIRO — Moderna — R D. Henriqueta Gomes de Araujo, 12 (Tel 2273413)
COVA DA PIEDADE — Atlântico, Quinta do Pombal, 1 (274365).
MOITA — Silva Rocha — P da Republica, 6 (Tel 239029)
MONTIJO — Giraldes — Rua Almirante Reis 45 (Tel 230008).
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (T. 229028).
SETUBAL — Lisboa — Rua Dr. Paulo Borba (Tel. 22248); Salão — Av.ª Portela (Tel. 22709).
SEIXAL — Godinho — L do Igreja, 5? (Te 2?8580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla, idem e feriados, 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 Voluntários, 538524.
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G. N. R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121 ✲ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima de Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.as-feiras)
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE
antónio
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente açorda de lagosta
AR CONDICIONADO
ENCERRADO AOS DOMINGOS
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

TARANTELA
RESTAURANTE ✲ SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535208
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

PROGRESSO
Restaurante ✲ Snack-Bar ✲ Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 2
Telef. 40115
Aos domingos especialidade da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS À RIBATEJANA
e COELHO À CAÇADOR
E LANCHES DE CASAMENTO

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
CABRITO CONSTIPADO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Tel. 536080

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M. 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade da Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-6-6 e 32 11 84-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1963
Lisboa 2 — Portugal

O Presidente do Conselho recebeu (em S. Bento) os ministros do Malawi

Esta manhã, pouco depois das 10 e 30, o presidente do Conselho recebeu, em S. Bento, os dois ministros do Malawi que ontem chegaram a Lisboa para conversações com o Governo português.

O prof. Marcello Caetano chegou ali pelas 10 e 15, seguindo-se, 15 minutos depois, os dois membros do Governo daquele país africano: J. Msenthi, ministro dos Transportes e Comunicações, que chefia a missão, e J. Tembe, titular da pasta do Comércio e Indústria. Acompanhavam-nos o chefe do Protocolo do Estado, ministro Carlos Lemond Macedo; o embaixador de Portugal em Blantyre, dr. Vasco Futcher Pereira; o cônsul-geral do Malawi em Moçambique, eng.º Jorge Jardim, e outros altos funcionários.

O encontro foi breve e cordial (entretanto, chegavam á Presidência do Conselho os ministros da Defesa, da Educação Nacional, do Ultramar e das Obras Publicas) seguindo os visitantes para o Ministério do Ultramar, onde prosseguiram as reuniões entre as delegações dos dois países. Como se sabe, as conversações em curso versam problemas de cooperação económica.

De tarde, a delegação daquele país seguiu para o Porto, onde visitará amanhã as instalações portuárias de Leixões.

Terminado o breve e cordial encontro com o Chefe do Governo, os ministros do Malawi abandonam o gabinete do prof. Marcello Caetano. Na foto vê-se ainda o eng.º Jorge Jardim. É risonho o semblante de todos

O embaixador alemão em Lisboa, dr. Hans D. Schmidt-Horix, à esquerda, com o construtor junto do novo edifício onde se instalará a chancelaria da embaixada após a festa de «pau de fileira» que hoje se efectuou

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco, o céu estava encoberto e chovia ou caía chuvisco nas regiões do Norte e Centro e estava pouco nublado nas do Sul.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Porto, 18°,4; mínima: Montalegre, 3°,9.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 10°; Faro, 4°; Funchal, 15°; Lisboa, 11°; Penhas Douradas, 3°; Portalegre, 8° e Porto, 11°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL—Na atmosfera: 13°,3; na água do mar: 15°,4

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco tornando-se moderado do quadrante Oeste; períodos de chuva ou aguaceiros mais frequentes nas regiões do Norte e Centro.

Amanhã
Nascer ás 8 e 27
Ocaso ás 18 e 19

Dia 24 Dia 2 Dia 9 Dia 16

MARES:
PREIA-MAR: Dia 21 — 2 e 07 (3,9 m); 14 e 27 (3,9 m) Dia 22 — 2 e 50 (3,9 m); 15 e 17; (4 m). Dia 23 — 3 e 31 (4 m); 15 e 58 (4 m)
BAIXA-MAR: Dia 21 — 7 e 58 (1,2 m); 20 e 22 (1,1 m). Dia 22 — 8 e 41 (1,1 m), 21 e 02 (1,1 m). Dia 23 — 9 e 20 (1 m); 21 e 36 (1, m)

RAUL LINO HOMENAGEADO PELO SEU 90. ANIVERSÁRIO

A assinalar o aniversário do arquitecto Raul Lino, que hoje completa 90 anos, um grupo de amigos e admiradores promove, no Hotel Tivoli, um banquete de homenagem.

Mestre Raul Lino, ao longo de uma vida de 70 anos de fecunda actividade profissional, desenvolveu em todo o País o culto por uma arquitectura genuinamente portuguesa, esforçando-se por reabilitar valores que tenham desaparecido ou sido deturpados.

Aliada á sua actividade como arquitecto, Raul Lino desenvolveu também as suas qualidades de escritor, quer através do livro, artigos dispersos por jornais e revistas e conferências, conquistando tanto na arte como na cultura portuguesas um lugar proeminente.

É de referir a sua presença na revista «Atlantida», ao lado de João de Barros, de Pedro Bordalo Pinheiro e de João do Rio, a sua colaboração no «Guia de Portugal», de Raul Proença; o incitamento no Grupo dos «Homens Livres», de que faziam parte, entre outros, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, José de Figueiredo, Afonso Lopes Vieira e Reinaldo dos Santos; a sua intervenção na obra dos Jardins-Escolas João de Deus; os trabalhos de arquitectura e de urbanização do Jardim Zoológico, que foi muito valorizado pelo seu talento; além de ter restaurado monumentos e palácios nacionais anteriormente semi-esquecidos.

Raul Lino foi ainda companheiro de Afonso Lopes Vieira, na ressurreição do Teatro de Gil Vicente; e de José de Figueiredo na reivindicação da escola da pintura primitiva portuguesa.

A sua actividade evidenciou-se como animador de muitos espectáculos de teatro e de bailado, para os quais fez bons cenários.

Raul Lino, numa notável demonstração de juventude, continua a desenvolver e amplicar as suas múltiplas aptidões.

O banquete, que se realiza cerca das 21 horas de hoje, teve a iniciativa e patrocínio do nosso prezado colega «Diário de Notícias» e nele participam cerca de 200 pessoas, entre as quais personalidades de relevo em diversos sectores da vida nacional, nomeadamente no artístico.

O SISMO DE ONTEM

Do Serviço Meteorológico Nacional recebemos a seguinte informação:

«No dia 20 de Novembro de 1969 foi registado um sismo nos Institutos Geofísicos do Porto (Serra do Pilar), Coimbra e Lisboa, com início, respectivamente, ás 21 horas, 38 minutos e 15 segundos, 21-38-58 e 21-39-07 e com epicentro a 150 quilómetros a Norte de Lisboa».

O dr. Dias Rosas reuniu-se com directores dos jornais diários

O ministro das Finanças e da Economia sr dr. Dias Rosas, reuniu-se ontem com os directores dos jornais diários, a quem expos alguns dos problemas que, presentemente, preocupam aqueles dois sectores governamentais, apontando algumas das disposições, já tomadas ou previstas, para a sua solução. Aquele membro do Governo estava acompanhado pelos secretários de Estado da Informação e Turismo e do Comércio, respectivamente, drs. Moreira Baptista e Xavier Pintado.

Regressou de Paris o dr. Faria Blanc

Regressou ontem de Paris o sr. dr. Faria Blanc, vice-governador do Banco de Fomento Nacional, que ali participou na reunião do Comité de Política Económica da O. C. D. E.

PRÉDIO
QUELUZ
PRÓX. DA ESTAÇÃO, construção em cimento armado, revestido a evinel e tijoz, composto de 5 pisos, hab. 3 div. soalh., cozinha, casa de banho, despensa, marquise e hall.
RENDIMENTO 138.600$00. PREÇO 2.000.000$00
MOSTRA E TRATA
A CONFIDENTE
Rossio, 3-2.º — Telef. 36 93 84/5 - 32 82 32/3 - 56 17 56

TUTTI MUNDI
ALMOCE OU JANTE a preços acessíveis num ambiente agradável, podendo apreciar os últimos MODELOS DA MODA para homem e senhora, de Roma, Londres e Paris
Ar condicionado ● Aberto até às 2 da manhã
AVENIDA DE ROMA, 48 ● Tel. 71402/4

BALÃO VERMELHO
TUDO PARA CRIANÇA
SECÇÃO N.º 3
UMA COLECÇÃO CRIADA E ADAPTADA À SUA PERSONALIDADE CHEGARAM AUTÊNTICOS CASACOS INGLESES
AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 1-B — Telef. 41279

TITULO DE OCUPAÇÃO
TORRALTA é uma sociedade para todos e a todos dá a possibilidade de aplicar o seu capital de uma forma útil e rentável. Ao comprar TÍTULOS DE OCUPAÇÃO você adquire um bem real que lhe garante 8 a 12 % de rendimento.
8 a 12 %
INFORMAÇÕES
Av. Duque de Loulé, 66-A
LISBOA
Telefs. 5 44 79
55 56 81 - 5 17 48
C.H.F.

Portugueses no Canadá: dificuldades de integração

MESA REDONDA

O problema da informação

JOSÉ AUGUSTO SEABRA

Uma das preocupações que hoje se apresentam prioritàriamente ao País e que constituem um pressuposto de qualquer tentativa de actualização e mais ainda de transformação das suas estruturas, reside no problema da informação. Para fazer um balanço exacto da situação do País, tanto no que respeita à vida económica como às relações sociais, à educação e à cultura, para traduzir num programa preciso as opções do poder ou elaborar contrapropostas em alternativa, é imprescindível a revelação, sem refracções deformadoras, de uma radiografia do estado em que todos nos encontramos.

A exigência que está cada vez mais na ordem do dia é evidentemente a da substituição da censura prévia por uma Lei de Imprensa em que seja garantido o «exercício do direito à informação, com base nos princípios invioláveis da liberdade e da verdade na responsabilidade, criando um estatuto jurídico que efectivamente salvaguarde os direitos de todos os interessados no processo informativo, desde o jornalista ao leitor», como pertinentemente se diz num documento da Acção Católica há tempos difundido pela Imprensa. Este documento, que é um dos estudos mais completos e rigorosos que até agora entre nós foram elaborados sobre o problema da informação — e nesse sentido ele interessa não só aos católicos mas a todos os cidadãos —, poderá servir-nos de base para um aferimento das posições que sobre ele assumem.

Um dos pontos a delinir prèviamente é o referente à competência para a elaboração do diploma que regulamentaria o exercício do direito à informação. Na opinião do documento citado «tal estatuto jurídico só poderá encontrar as necessárias independência e imparcialidade se entregue a instâncias legais òbviamente independentes do Executivo».

Como releva o citado documento, «há quem diga não estar o nosso povo preparado para tal». Não é essa a opinião da Acção Católica, que logo acrescenta: «Achamos que um acto de coragem colectiva, de saudável e patriótica confiança se impõe, para além de eventuais e falíveis critérios de «oportunidade política».

Eis o fulcro da questão: serão os deputados sensíveis a argumentos, pressões ou cálculos de conjuntura, da parte daqueles que partem da hipótese pessimista da impreparação da opinião pública — e nesse caso não terão tendência a deixar protelar a hora da verdade? Em que medida tomarão ou não em conta as prevenções ou injunções do Governo ou de outros sectores a esse respeito? E em que sentido contribuirão ou não para favorecer uma evolução positiva da atitude dos poderes públicos? Neste plano, levanta-se de resto o problema da legitimidade e dos limites da intervenção do Estado no domínio informativo. Também aqui o documento que nos serve de referência é bastante claro: «cabe à autoridade civil um papel muito importante: impedir o monopólio dos meios de informação pelos detentores do poder económico ou político e possibilitar que as correntes de opinião minoritárias e os sectores sociais mais desfavorecidos tenham justo acesso a esses meios. Assim se servirá, efectivamente, o bem comum: julgamos que o Estado não deve imiscuir-se de outro modo no sector informativo: compete-lhe garanti-lo, promovê-lo e nunca impedi-lo». Aprovam os deputados esta posição? Ela põe o dedo numa das feridas mais sensíveis do problema que nos ocupa: não basta assegurar teòricamente a liberdade jurídica de informação para que esta se torne efectiva, sendo necessário dar-lhe uma independência dos factores económicos e políticos que impeça a sua adulteração pela interferência de interesses poderosos e quase sempre ocultos. Importa pois estudar as formas de garantir a verdadeira autonomia dos meios de informação, e particularmente dos meios de comunicação de massa. Aos deputados pode caber nesse sentido um papel relevante, pois a Assembleia Nacional constitui uma tribuna privilegiada para a denúncia de situações anómalas.

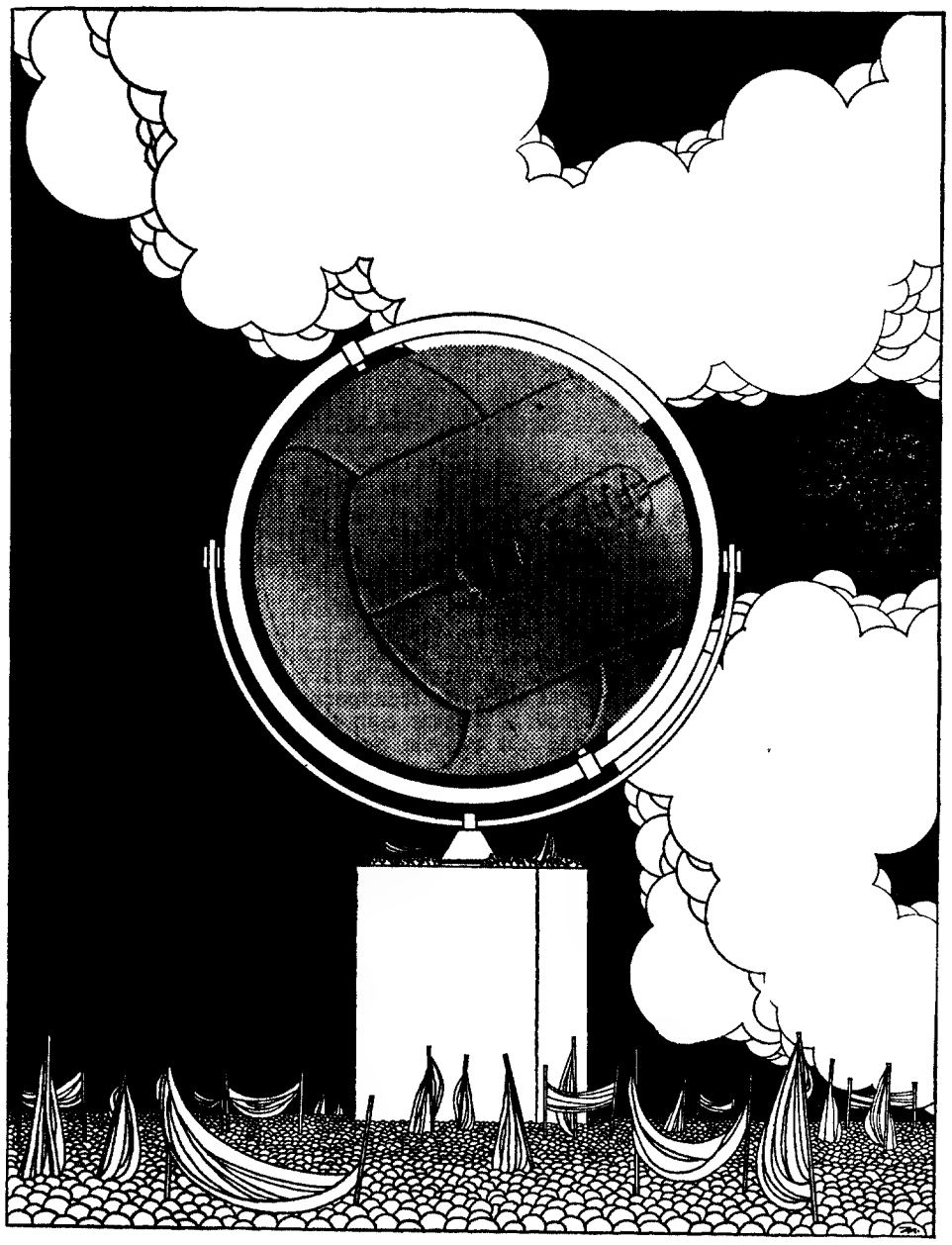
Cedo ou tarde todos aqueles para quem a política for mais do que uma actividade superficial, senão um jogo ou uma carreira, dentro ou fora do poder, se verão com elas confrontados. Sentem-se eles nos bancos do Parlamento ou simplesmente nas galerias. O comum dos cidadãos se encarregará com o tempo de repercutil-las, à medida que a sua consciência for despertando para a vida pública.

Domingos da Costa Gomes — uma espécie de «ghetto»

O advogado dr. Domingos da Costa Gomes, que tem estado em íntimo contacto com núcleos de emigrantes portugueses na Europa e no continente americano, vive há alguns anos no Canadá, onde tomou particular interesse pelos problemas específicos que ali defronta a vasta comunidade de portugueses, calculada em cerca de cem mil pessoas. Participou directamente na recente fundação do Congresso Canadiano Português, a primeira instituição representativa da colónia portuguesa na província do Ontário, da qual foi eleito presidente. De passagem por Lisboa, ouvimos o dr. Costa Gomes sobre os objecti-

(Cont na pág. central)

Monumentos Nacionais (1)



Desenho de João Abel

A Grécia dos coronéis ou a sociedade do subdesenvolvimento

(Pág. 3)

ASSIM VAI O MUNDO

Capitais

«Desde meados de 1966, o bloco oriental não se contenta com desempenhar o papel de mercado privilegiado para as mercadorias europeias, aproxima-se do ponto em que exportações modestas de capitais provenientes dos países imperialistas europeus se tornam possíveis. A construção de complexos industriais, por firmas do Ocidente é acompanhada de créditos a longo prazo e de condições de juros tais que se pode falar de uma verdadeira colocação de capitais.

Marcos importantes foram já postos nesta via: a construção de uma grande fábrica automóvel com o valor de 875 milhões de dólares em Togliattigrado (URSS) pela Sociedade FIAT, a construção de uma fábrica de automóveis na Roménia, a construção pela Sociedade Pirelli de seis fábricas de borracha sintética na URSS, a construção graças à Sociedade Britânica ICI de numerosas explorações petroquímicas, e a construção na Bulgária de um complexo por uma sociedade holandesa. Existem hoje 150 fábricas construídas por firmas da Alemanha Ocidental nos países do Leste, algumas em regime de participação nos lucros.»

(Ernest Mandel, em La reponse socialiste au défi americaine)

Lucros

Os lucros do capital estrangeiro investido na América Latina: 11,8 por cento, na Europa: 6,6 por cento, do capital norte-americano nos próprios Estados Unidos: 4,4 por cento.

Agentes do Vietcong

Os agentes do Vietcong infiltrados nas cidades do Vietnam do Sul, segundo um informador do Governo de Saigão, teriam recebido ordem para intensificar o «movimento revolucionário urbano» desde o princípio do mês de Novembro.

Ao que afirmam especialistas americanos, estes agentes estão classificados em diversas categorias. Uns estão especializados na espionagem política e militar — tal é o caso da rede desmantelada no ano passado pela Polícia de Saigão, que era dirigida por dois oficiais norte-vietnamianos, entre os quais Tran Ngoc Hien, irmão de Tran Ngoc Chau, antigo secretário-geral da Câmara Baixa de Saigão. Estas redes recolhem geralmente as suas informações junto da «Intelligentzia» saigonesa.

Outros são especializados na propaganda e no terrorismo. São os «Cums».

Escrever

Uma estatística publicada recentemente pela administração dos correios franceses mostra que em 1968 cada francês tinha enviado em média cem cartas ou bilhetes postais, vinte e cinco impressos e cinco pacotes. No total, mais de dez biliões de objectos. Para o estrangeiro, os franceses mandaram mais correspondência do que receberam: 373 milhões contra 369.

É o parisiense quem parece gostar mais de escrever. Por outro lado, os que escrevem menos são os da Ilha da Córsega. A cidade de Roubaix, no norte, aparece à cabeça no que se refere ao envio de encomendas postais, o que é normal tendo em conta a grande importância das vendas por correspondência organizadas por firmas desta cidade.

Automóvel

«A paralisia do Mápico é o preço exorbitante que se paga por um privilégio não menos exorbitante: a liberdade individual. Quanto mais se sentem ameaçadas por todas as formas de colectivização da vida, do alojamento às férias, mais as pessoas se apegam a essa casa-móvel, célula estanque, aquecida e com rádio, que é o automóvel, onde elas se sentem livres e protegidas da massa. Onde às vezes comem, dormem e amam.» (Robert Franc, «L'Express», 3 a 9 de Novembro de 1969).

Dificuldades do trânsito e estreiteza da liberdade individual no espaço de um automóvel dão as mãos para fazerem de tal meio de transporte um objecto a perecer com a civilização em que ele nasceu?

A grande família

Segundo a «Reuter», os intelectuais cubanos receberam uma advertência publica de que teriam de enfrentar severas punições se falhassem nos seus deveres para com a revolução comunista cubana. A advertência partiu de Nicolas Guillen, presidente do Sindicato (semioficial) dos Escritos e Artistas, e parece ter sido ditado por ataques «contra-revolucionários» de certos intelectuais.

Falando durante uma cerimónia em que o Sindicato conferiu os prémios literários anuais, o poeta Nicolas Guillen afirmou perante 250 escritores e artistas que a despeito dos passados conflitos eram todos «uma grande e unida família a trabalhar nos interesses da revolução cubana».

Guillen disse ainda que os prémios do Sindicato para poesia, teatro e romance tinham sido conferidos às obras que «correspondem às características da nossa luta e ao sentido exclusivo dos tempos que correm».

ASSIM VAMOS NÓS

Objecção

A retribuição de certos serviços não se pode medir só pelas mensalidades legalmente estipuladas aos que as realizam, mas também pelas gratificações anuais que costumeiramente recebem os que usufruem dessas posições.

O abismo

Na «reflexão» que proferiu na sessão comemorativa do 15.º aniversário da Câmara do Comércio Luso-Alemã, afirmou com invulgar clareza o secretário de Estado da Industria, eng.º Rogério Martins:

— «No investimento em unidades de produção, as economias ricas atraem as economias ricas.»

— «É rigorosamente verdade a preocupação (...) de que o abismo separando países economicamente evoluídos de países retardados vai em aumento e tende a aumentar.»

— «O que faz a dimensão do mercado de um país não é propriamente o seu numero de habitantes, mas a sua força económica; com esta qualificação Portugal Continental representa um dos mais pequenos de todos os mercados nacionais aquém da «cortina de ferro».

«Saber-se-á que, de cada duzentos marcos investidos por alemães no estrangeiro entre 1952 e 1968, só um foi investido em Portugal (0,5 por cento do total)? Saber-se-á que de todos os investimentos feitos neste periodo na «periferia pobre» da Europa, Turquia, Grécia, Itália do Sul, Espanha, Portugal, Irlanda, o feito em Portugal é o menor de todos, só igual ao feito na Irlanda? É que dos investimentos feitos por alemães entre nós no ano passado, apenas pouco mais de metade foram na industria? Estes numeros, em face da estrutura do comércio entre os dois países, que já relembrei, e da amizade ine gável que os une, são, para dizer um eufemismo, pelo menos tristes. Oxalá a reflexão que espero ter suscitado leve todos os responsáveis a procurar rápidamente, e de modo são, corrigi-los».

Não devemos ter medo da verdade. Só sabendo da existência do abismo poderemos evitá-lo. Por isso mais de apreciar são reflexões como esta e vinda de onde vem — o que não é vulgar entre nós.

Participação

No romance de Edmundo Desnoes, «Memórias do Sub-Desenvolvimento», há uma cena em que decorre uma mesa-redonda de escritores, num teatro cheio de público.

A certa altura, um assistente levanta-se e diz que o público não deve apenas escutar os escritores que trocam ideias, mas também intervir no debate.

Nós estamos de acordo com esse assistente. Apenas o público das nossas mesas-redondas não está presente quando elas se realizam, e só existe mais tarde, ao ler o suplemento.

Mas a intervenção do público pode efectuar-se muito bem se nos fizer chegar o seu juizo — sob as mesas redondas propriamente ditas, os inquéritos, os artigos, etc. — que nós gostosamente faremos sair.

O público, em nosso entender, não deve limitar-se a escutar os especialistas, mas fazer-lhes chegar também a sua opinião. Lucram os especialistas porque nessas opiniões haverá por certo muito de ponderar, e lucra o público que se treina na participação que será mais tarde ou mais cedo uma lei das sociedades

Um novo «Tempo»

Um novo «Tempo», um novo «Modo», ou melhor, um novo «O Tempo e o Modo», uma nova série da revista, agora dirigida por João Benard da Costa — a partir do n.º 73, referente a Novembro. Na advertência ao leitor se afirma: «Novo aspecto, novas caras, novos nomes e novas coisas mais novas».

Uma apresentação moderna e «modernista», em busca de um efeito de choque. Mas é preciso deixar amadurecer o fruto verde, para lhe tomarmos o verdadeiro sabor...

A Grécia dos coronéis

ENRIQUE RUIZ GARCIA

Em frente da porta do hotel, em Atenas, uma longa fila de engraxadores que, subitamente, começam a discutir. Vejo, da janela, entre um sol resplandecente, quase líquido, como se fora de metal branco, que o problema surgiu porque dois engraxadores estranhos haviam tentado instalar-se ali, entrando também na longa «bicha». «Hippies» — de pés descalços sobre as pedras da rua, que devem arder, olham a cena serenamente. E, de repente, o silêncio. Tudo volta á normalidade quotidiana. A vida continua sem muito dramatismo, visto que o dramático já cumpriu o seu ciclo. Os dois homens, com as suas caixas, abandonam o local.

Nas ruas, uma multidão. Essa multidão desocupada que enche tudo e que parece dirigir-se a qualquer parte, a lugar algum. Nos cafés, alegórico, o seco, impaciente, «tantan» militar das pedras do dominó. *Homens sós. A velha sociedade, o «Ancien Régime» do subdesenvolvimento.* Um ensimesmado homenzinho, com olhar de criança, anda pela rua com um pau de que pendem bilhetes de lotaria — a legião dos cauteleiros, claro, está presente em cada esquina — dos quais se espera tudo. Os nossos olhares cruzam-se e surpreendo-lhe um assomo de desalento: *«Um turista. Este não compra lotaria»*. Observa os meus calções curtos de passeante e segue.

Muitos padres, com a sua longa, faustosa e elegante roupagem eclesiástica. Grandes barbas adornam as suas faces. Uns olhos severos, directos, de homens acostumados a mandar numa sociedade patriarcal cuja estrutura social é, ainda, a tradicional. A sua altivez é curiosa, mistura de saber o que é a distância e a missão. As missas são longas, infinitas. Como o ócio. Por esta Igreja não passou nenhum Concílio, nenhuma mudança, nenhum problema. Os metropolitas da Grécia, após o golpe militar de 21 de Abril de 1967, dirigiram circulares ás suas dioceses. O de Thessialotide, Constantino dizia assim ao seu clero, numa circular escrita o ano passado:

«É uma verdade indubitável e um facto sem contradição possível, para todos os gregos que pensam de uma maneira objectiva e sã, que o nosso Governo nacional, trabalhando com a consciência das suas responsabilidades e com um zelo único na vida da nossa Pátria, cumpriu uma obra nacional prodigiosa que engloba todos os sectores da actividade do Estado e todas as formas de vida individual e social...»

Depois de uma longa enumeração dos deveres de lealdade e fidelidade para com a presente situação, o metropolita Constantino terminava com as inovações do subdesenvolvimento eclesial: *«Oferecendo o seu sangue pelos ideais imortais e para combater nas primeiras filas pela Fé e pela Pátria.»* Nem uma preocupação, nem um estremecimento, nem uma dúvida, nem uma vacilação, nada de tudo aquilo que implica a complexidade, o mistério das mutações. Uma igreja militante que fala a um povo que deve obedecer em nome de grandes palavras vazias de conteúdo real. Debaixo, só a segurança. O Concílio está a muitos decénios da Grécia cristã-ortodoxa.

Uma normalidade evidente. Em Patras, no outro porto do Peloponeso, alguém me dizia:

— *O país necessitava de tranquilidade e as coisas estavam a ficar impossíveis.*

O QUE É A GRÉCIA? O QUE SE BUSCA NA GRÉCIA?

Sai para dar um passeio pela noite de Patras. Do porto vem esse cheiro impreciso que sempre nos diz que o mar está perto. Muita polícia. Na rua principal, um grande camião militar com um pelotão de soldados. Num hotel próximo — creio que novo — ceia-se no terraço, sob a doce atmosfera da Grécia. São turistas que acabam de desembarcar, apenas há umas horas, de barcos procedentes de Ancona e Brindisi. O que é para eles a Grécia? O que procuram na Grécia? E os estudantes americanos que dormem nas grutas das praias de Creta? Visitando as ruínas cretenses de Knossos, penetrando no labirinto, procurando as inscrições mitológicas do Minotauro — ali figuram as primeiras cenas de toureio do mundo —, encontrei-me com a primeira inscrição contestatária e rebelde: «Abaixo Evans».

Ao fim dessa emocionante peregrinação, vi-me em frente do busto esverdeado de Evans. Ele foi o primeiro explorador, descobridor e sumo sacerdote destas ruínas fabulosas nos primeiros decénios do século XX. O que se sabe nas serranias dos valorosos cretenses do significado desse achado? Dois mil anos antes de Cristo, Creta era um civilização verde, cheia de árvores e água. Hoje a erosão domina tudo e os vales de velhas civilizações milenárias são penhascos quentes que dão asilo, nas suas sombras olorosas, a umas formosas uvas. Os contestatários escreveram *«Abaixo Evans»*. Recordava tudo isso em Patras, quando me disseram: *«Necessitávamos de tranquilidade»*. Dizia-mo um comerciante de quinquilharias.

Tudo é normalidade. Os armadores gregos, a estrutura oligárquica dos Onassis e dos Niarcos, lançaram-se a suster económicamente a situação. Há avanços. Em Atenas li que nunca se assistiu a tantas reuniões desportivas.

É plena manhã. No Banco, á hora do câmbio, encontro-me com duas espanholas. Não são contestatárias, mas duas pacifistas e tradicionais matronas, vindas não sei em que excursão. Dizem-me imediatamente:

— *É impossível. Não sabe os esforços que tivemos de fazer para comprar uma pasta dentrífica. Ninguém nos entende.*

Uma raiva calma — resto de outras raivas, de outras dores — chega-me aos olhos:

— *É muito estranho, visto que em todos os lugares de compra e venda, em tudo o que é comerciar e traficar, se fala outro idioma.*

E a surda, velha, arcaica e antiga ignorância pétrea como resposta:

— *Isso será onde têm cultura. Mas a nós não nos entenderam.*

A minha mulher, esperta, toca-me no braço. Este país criou uma língua que universalizou tudo o que é importante no nosso mundo. No seu contexto inventaram-se palavras como democracia e homem livre que não foram superadas. E agora a colonização dessa língua é quase intolerável. O inglês, e depois o francês, são os instrumentos naturais da vida. Uma colonização linguística dolorosa, que fere no peito. E agora estas senhoras a falar-me de pastas dentífricas. Ofende-me fisicamente o colonialismo da estupidez. Leio as seguintes palavras no *«Europe on five dollars a day»*, que os americanos espalharam pelo mundo, com o seu guia de hotéis e restaurantes, nos quais é possível viver e comer com cinco dólares por dia:

«Poucos turistas aprendem uma só palavra de grego. Nem mesmo «por favor» e «obrigado»...» Porquê? Porque os americanos — e atrás deles os outros — nem sequer se dão ao incómodo de aprender essas duas simples palavras. Para isso há o inglês. Não é assim?

Na Praça Omonia, e entre a Praça Omonia e a Praça Syntagma — esta última com os seus grandes hotéis, o seu Parlamento e o seu palácio real — tomamos um chá numa pastelaria da famosa Avenida Venizelos. Mocetões uniformizados da S. P. — Polícia Especial — dos Estados Unidos passeiam pelas ruas. São marinheiros da Armada. Procuram os que se perderam num copo de «whisky» ou numa caneca de cerveja. Às vezes pegam num deles e metem-no, como podem, num táxi. O seu passo ritmado causa-me surpresa. Parecem na sua própria casa e andam muito direitos e com grandes barrigas. Começam a ser uma civilização de gordos. Não é uma novidade, certamente, mas aqui parece como que uma ratificação de cada palavra não escrita, de cada palavra não dita. Recordo a Rua de Roma, em Nápoles, e as noites marinheiras.

No livro norte-americano de que antes lhes falava — *«A Europa a cinco dólares por dia»* — procuro onde haja uma boa praia em Atenas, porque as do porto, as do Pireu, são muito desagradáveis. O livro assinala várias. Vamos á de Asteria. Uma magnífica estrada conduz-nos até lá. A estrada termina, praticamente, ante este insólito letreiro — que me recorda os marinheiros da S. P.: *Astir Beach*, Praia de Asteria em inglês. A entrada dessa praia fechada e aristocrática cada pessoa paga 20 dracmas, além de outras 10 para o automóvel (um dólar corresponde, aproximadamente a 29

(Continua na página seguinte)

O primeiro-ministro grego, Papadopoulos, dança diante de soldados evzones, membros da guarda real, uma música popular helénica

Mão-de-obra: modificam-se as correntes europeias

Os países industriais europeus só puderam enveredar pela via da prosperidade económica com a ajuda dos oito milhões de trabalhadores estrangeiros. Num estudo intitulado «Migrações europeias de mão-de-obra», Hélène Rivière d'Arc salienta que só o concurso dos trabalhadores estrangeiros permitiu, a partir de 1955-56, o crescimento das economias alemã, francesa, suíça ou luxemburguesa.

No total, cerca de 8 milhões de trabalhadores imigrantes vivem actualmente na Europa. Concentram-se, principalmente, em cinco países: Bélgica, Alemanha, França, Luxemburgo e Suíça, onde representam entre 4 e 31 % da população total.

Este número deverá, se não crescer, pelo menos manter-se nos próximos anos. E por uma razão essencial que é a situação demográfica de todos os países europeus industrializados.

Ainda segundo o estudo citado, o «handicap» demográfico só será vencido em França em 1985, uma vez que o V Plano previu que, de 1965 a 1970, a imigração bruta seria de 600 000 a 700 000 pessoas, número ao qual se deve acrescentar cerca de 120 000 sazonais por ano. Na Suíça, passa-se o mesmo fenómeno; actualmente os empregadores são muito reticentes em relação á política de restrições adoptada desde 1963. A comissão encarregada de estudar o problema da mão-de-obra estrangeira concluiu que as necessidades não podem ser inferiores a 400 000 por ano e poderão mesmo atingir 900 000. A situação na Bélgica é semelhante: em dois anos o número de pessoas de 20 a 65 anos diminuiu de 48 000, enquanto que a população aumentou de 100 000.

Paralelamente, a população estrangeira aumentou, mas a percentagem de «activos» diminuiu de 12 %. Não é, pois, de espantar que as previsões do grupo de estudos de contabilidade nacional (17 000 por ano como imigração líquida nos próximos anos) sejam insuficientes para satisfazer uma procura líquida de cerca de 55 000 para os anos 1965-1970.

Italianos, espanhóis, portugueses, turcos e jugoslavos fornecem os contingentes mais importantes de mão-de-obra imigrante. No entanto,

(Cont. na pág. seguinte)

A Grécia dos coronéis

(Continuação da página anterior)

dracmas). O ambiente, os serviços, as barracas e os toldos — separados estes entre si por uma distancia que permite uma plena e absoluta independência — são magníficos. Os americanos, entre cervejas e coca-colas, umas atrás das outras, parecem fazer frente ao sol grego. No bar preparam os famosos «cachorros quentes» e num pavilhão próximo ouvem-se os ultimos discos «hit». Só por acidente se ouve ali musica grega. Essa que se universalizou como inspiração do povo, assento da vida livre. Alguém paga em dólares. Recordo as palavras de Antigona — heroína de Sófocles — que constituem uma espécie de centro vital da minha vida: «*Não estou comprometida com nenhum ódio*». Sem duvida, sente-se que qualquer coisa se desgarra.

Em *Astir Beach* o entardecer é belissimo. Uma água verde, transparente e de insólita beleza rodeia o mundo. Mas um poeta grego, na era da democracia clássica, tinha dito: «*Ninguém diga de um homem que é feliz até morrer*». É que a adversidade pode chegar, em qualquer momento. Por exemplo este «*please*» *imperial* em vez do formoso «por favor» grego que soa, entre o povo, como um solitário triangulo de comunicação. Gosto de surpreender o povo-povo com o «obrigado» e o «por favor» no seu próprio idioma. *De repente a seus olhos surge a chama donde brota a alegria. Um pasmo pequeno e silencioso que me contenta e me anima.*

No Parténon, ante a impressionante maravilha do que foi pórtico do mundo de Péricles e Fidias, diz-me a minha mulher: «*Parece feito pelos deuses*». Um italiano passeia entre as pedras com um terrivel guarda-chuva negro. O sol, neste meio-dia, é verdadeiramente fogo e resplendor que cega e faz girar a cabeça até ao infinito. O fogo roubou-o. Prometeu para entregá-lo aos homens. A ambrósia da imortalidade roubou-a. Tântalo com o mesmo objectivo, e ambos sofreram castigos atrozes, porque o que se entrega ao irmão-homem tem sempre um alto preço. Mas quem vai impedir que se tire a uns poucos o que é de todos?

Ateneia ofereceu aos gregos uma lembrança que desce até ás orelhas do mar e roda por colinas e vales: a oliveira. Os atenienses fizeram de Ateneia a patrona e a deusa da cidade. Do Parténon vê-se a história.

Quatro colombianas, qual delas a mais bela, extravasam a sua alegria:

— *Somos de Cartagena. Estiveste lá?*

— *Sim. Cartagena das Indias? Decerto sois da oligarquia.*

Riem-se mas, de subito, ficam sérias:

— *Eu estudei Filosofia em Viena e conheci o padre Camilo Torres.*

Este sol intenso faz desaparecer as sombras como a bomba atómica dissolveu e aniquilou o corpo dos homens. Quatrocentos anos antes de Cristo o contestatário chamado Sócrates foi acusado de impiedade e de corromper a juventude com as suas ideias. Negou-se, isso sim, a cumprir a ordem de prender, com outros quatro cidadãos, um grego inimigo da oligarquia dos Trinta.

As quatro jóias colombianas de Cartagena dizem-me sorridentes e quase ao mesmo tempo:

— *Viemos á boleia, de Paris e pela Jugoslávia. Sempre aos pares e sem nos separarmos.*

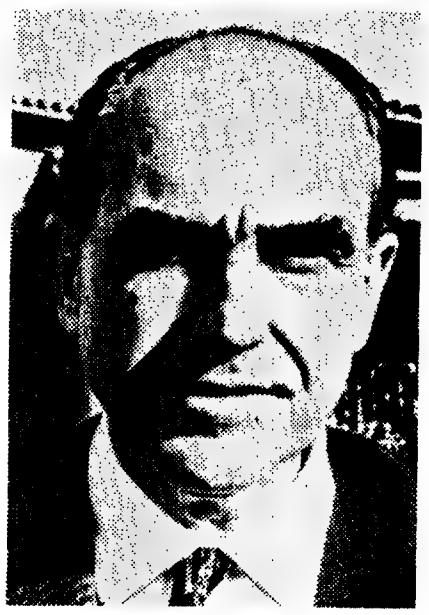
— *E que tal?*

Elas sabem.

— *Quando alguém se mostrava atrevido, diziamos: «Pare imediatamente que ficamos aqui mesmo».*

— *Vemo-nos amanhã em Delfos?*

— *Eu estudo em Londres; nós as duas, em Paris. Regressaremos as quatro juntas a Paris. Amanhã, em Delfos.*



André Papandreu

— *Sois da oligarquia, mas estais aprendendo a viver Até amanhã em Delfos.*

DO PLANO PROMETEU AO PLANO POSEYDON

A 29 de Outubro de 1944 Estaline e Churchill estavam de mãos dadas diante de uma mesa. Era a hora da grande partilha do mundo. Tinham um papel á sua frente, no qual Churchill escreveu:

Roménia: influência russa, 90 por cento.

Jugoslávia: influência britanica e russa, a 50 por cento.

Hungria: 50-50.

Bulgária: 75, para a Russia e 25 por cento para os outros.

Churchill escrevia Russia e não União Soviética sempre que podia, porque o seu mapa histórico e político era o arcaico. As suas palavras provam-no: «*Não aceitei ser primeiro-ministro para desfazer o Império*». As sociedades podem sorrir. Não está proibido que os homens o façam, embora isso possa ser agoirento e perigoso. Sorriamos.

Quanto á Grécia, ficou escrito no papel:

GRÉCIA: Inglaterra, de acordo com os Estados Unidos, 90 por cento. Russia, 10 por cento.

Estaline — que tinha começado a sua vida intelectual num seminário — leu o papel e concordou. Winston Churchill — que nasceu na magnificência esplendorosa do castelo-palácio de Blenheim — sentiu uma subita vergonha e disse — tomo as suas palavras á letra — esta frase:

— *Não será um pouco cínico que tenhamos resolvido a vida de milhões de homens desta maneira? Creio que seria melhor queimarmos o papel.*

Estaline, calmo, duro e irónico, respondeu:

— *Não, é melhor que você o guarde.*

Cada um que aguente a sua vela. A Grécia que viu morrer «lord» Byron combatendo pela sua liberdade e independência para que os ingleses, depois, herdassm os bastões estratégicos do Mediterraneo Oriental) ficou na órbita da influência britanica. Mas Winston Churchill teve que aceitar o revés da vida. A delicada divisão matemática não saiu como ele quis e na Grécia aconteceram muitas coisas. O pais estava ocupado pelas divisões alemãs e a resistência popular retardava não só a libertação como a viragem total. Em princípio aceitou-se, naquele mês de Outubro, um Governo de coligação nacional no qual apareciam os monárquicos constitucionais e os revolucionários. Entre eles, um liberal da direita: *George Papandreu.*

Os exércitos britanicos desembarcados na Grécia tinham na memória as estatisticas de Churchill e, no entanto, nem o Govrno de coligação nem a realidade social as igualava. Consequência: o general Scobles, libertador inglês, pôs o indicador inflexível sobre as velhas suposições: «*o Exército de Libertação Popular (ELAS) tem que ser desarmado*».

Bom, no dia 3 de Dezembro o antigo povo de Atenas desfilou em amplo protesto pelas ruas sem olhar demasiado para a Acrópole. Houve muitos tiros naquele domingo e Scobles, nervoso, falou com Londres Para Winston Churchill, a guerra era a guerra. Enviou este telegrama bastante explicito:

«*É preciso controlar Atenas. Seria bom que não houvesse efusão de sangue, mas poderá havê-la se for inevitável. Não tenha duvidas em comportar-se como se estivesse numa cidade conquistada onde se desencadeou uma revolta...*»

Em Delfos um rei ateniense perguntou ao oráculo o seguinte: «*Se fizer a guerra a um grande império, o que acontecerá?* O oráculo, precavido e ambiguo como os profetas, respondeu assim: «*Se houver guerra, um grande império perecerá*». O grego acreditou que o oráculo falava dos persas e fez a guerra. A guerra perdeu-a o ateniense. O oráculo falava do «seu» império.

Churchill, velho cristão protestante, disse que a sublevação devia ser dominada. Atrás da sua cabeça, num enorme mapa do mundo havia cidades imperiais que tinham sido ganhas pelos mercadores da Companhia das Indias e conquistadas pelos soldados. Finalmente, Churchill e Scobles chegaram a um acordo provisório com as forças populares em 1945. O bispo Damaskinos passava a ser, provisóriamente, o Regente. Os gregos pensavam que dessa forma atrasar-se-ia o regresso de Jorge II. Mas, voltada a paz ao país, isto é, expulsos os alemães, todo o passado se restaurou e em 1946 estalou, dramática, a guerra civil. Pelas fronteiras jugoslavas e de Este entraram provisões e armas. Pelo porto de Pireu, os canhões do império britanico, a monarquia restaurada e um plebiscito que deu ao rei Jorge, o helénico, todas as sanções para o seu regresso com o apoio do país.

E do papel esboçado «*fifty-fifty*», entre Estaline e Churchill? Na Roménia, Jugoslávia, Hungria, e Bulgária, aconteceu o que aconteceu. Na Grécia, em 1947, a Inglaterra empobrecida pela guerra, com o seu império pedindo liberdade e os seus soldados dispersos pela geografia que Churchill sonhara eterna e sólida, teve que passar as suas responsabilidades aos Estados Unidos.

Com efeito, em 1947 — como agora acontece do outro lado do Aden e em Singapura — o Governo inglês disse ao americano:

— *Dentro de um mês os nossos soldados abandonarão a Grécia.*

Isto aconteceu no dia 27 de Fevereiro de 1947. Em 11 de Março, Truman, cujo pulso insignificante não tinha temperado na hora de Hiroshima, entrou no Capitólio para pedir uma ajuda económica e militar para a Grécia e a Turquia. Foi a Doutrina Truman. O Mediterraneo converteu-se, desde esse dia, por um progressivo encadeamento de factos, no «Mare Nostrum» deles. Uma variação profunda na estratégia e nos processos entrou em cena. A Inglaterra retirava-se do Mediterraneo Oriental. «Lord» Byron, que morreu na Grécia numas semanas de tempestades, chuvas e duelos, estava enterrado. A Guerra Civil grega terminou com uma repressão espantosa e aniquilante. Regimes autoritários fecharam o caminho — marechal Papagos entre 1952 e 1955 — ás veleidades fronteiriças e ideológicas. Depois de Papagos foi a vez da democracia de Caramanlis, que era já, em certa medida, a expressão parlamentar da direita grega através de um partido oligárquico e funcional: a União Radical.

Publicaremos no próximo número a segunda parte deste artigo.

espelho da imprensa

«A nossa democracia»

«O homem de estudo e de cultura talvez pudesse debruçar-se um pouco sobre este assunto e formular juizo critico, mas do polemista, desse não podemos esperar mais do que o revolutear do fueiro. Lembra a cegueira obstinada daquele moço escolar de Coimbra a quem conheciam outrora pela definição saborosa de: *nipo-nazi-fascista partidário de todos os totalitarismos*. É claro que estas definições são engraçadas, mas a vida tem realidades sérias, para além dessas graças

Em 1936, o Dr. Cabral de Moncada proferiu uma conferência sobre o *Dever da Hora Presente*, onde apontava á juventude os ideais que a chamavam e a forma de se corresponder ao apelo. Ali se referia, não já á democracia política, mas á *democracia social e económica*, ou *socialismo*, ideal ligado ao conceito de uma igualdade de categoria moral. Não, evidentemente, um socialismo de expressão opressiva e aniquiladora da personalidade, como é o marxismo, o inimigo inconciliável; mas o ideal que não pode deixar de integrar-se numa filosofia política do homem ocidental. É expressiva a fórmula do Dr. Cabral de Moncada: «Peçamos um pouco (...) ao Socialismo (ou Democracia Social) a *matéria;* ao Nacionalismo a *forma;* e, enfim, ao Cristianismo o *sentido* para a construção da nossa ideologia!»

Embora seja hoje possivel a qualquer pessoa dizer que «*democracia é o que eu defino como tal*», o certo é haver no conceito um conteudo de igualdade da categoria do *dever-ser*, como o definia muito bem o mestre de Coimbra. E esse, quem melhor do que nós pode reivindicá-lo?»

(Do artigo de Fundo do «Diário da Manhã» de 17-11-1969)

Mão-de-obra

(Cont. da pág. anterior)

a origem dos países de emigração tem tendência a modificar-se cada vez mais.

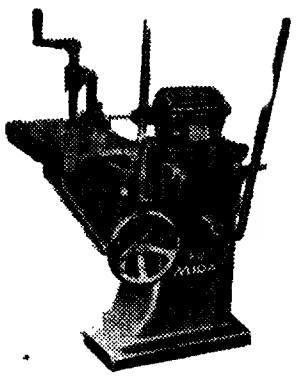
Até 1964, a Itália fornecia 90 % das transferências intra comunitárias de mão-de-obra. Devido ao desenvolvimento dos sectores secundário e terciário na Itália, esta corrente está, hoje, em regressão.

A Espanha, que depois da Itália ocupa o segundo lugar dos países de emigração, está também na via da diminuição. O motivo deve-se ao facto de o Governo espanhol ter verificado que 39 % dos emigrantes provinham do sector secundário, o que travava o desenvolvimento económico do país.

Em Portugal e na Grécia, pelo contrário, não há perspectivas de diminuição.

Além destes dois países, os grandes exportadores de mão-de-obra de amanhã serão a Turquia e a Jugoslávia. A Turquia constitui uma enorme reserva de mão-de-obra a expatriar. Ainda que aí se venham a criar novos empregos previstos no Plano, espera-se que haja ainda mais de meio milhão de desempregados na Turquia daqui a quinze anos. O Governo pensa também que a emigração de um milhão de trabalhadores turcos nos próximos anos será benéfica para o país.

«MIDA»



FURADOR POR BROCA
MODELO — FU

UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

* SERRAÇÃO
* CARPINTARIA
* MARCENARIA

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5

Filial em Lisboa:

Avenida Defensores de Chaves, 3-A (Telef. 44147)

A propósito de... dinheiro

SÉRGIO RIBEIRO

Talvez se possa dizer que, desde sempre, andou a satisfação atrás da necessidade. Que o homem tinha fome (necessidade) e procurava que comer (satisfação), tinha sede e procurava que beber, tinha frio e procurava com que se cobrir e sob que se abrigar.

Agora talvez se possa dizer que se fazem esforços para que seja a necessidade a andar atrás da satisfação. Oferecer, atirar à cara, meter pelos olhos dentro a satisfação para que o indígena sinta a necessidade. Do detergente (ou do sabão?), do filme (ou da mulher?), do electrodoméstico, das férias, do andar de tantas assoalhadas, do carro mais confortável, do carro mais rápido, do carro mais económico, do comprimido ou da vacina contra a gripe, do banco onde deixar o pé-de-meia porque, do banco onde ter crédito porque.

A publicidade e o crédito são os instrumentos desta inversão. A publicidade cria a satisfação que dará a necessidade, quando existir. O crédito fará possível a satisfação da necessidade que a própria satisfação criou. Não há dúvida que tudo se embrulhou um pouco.

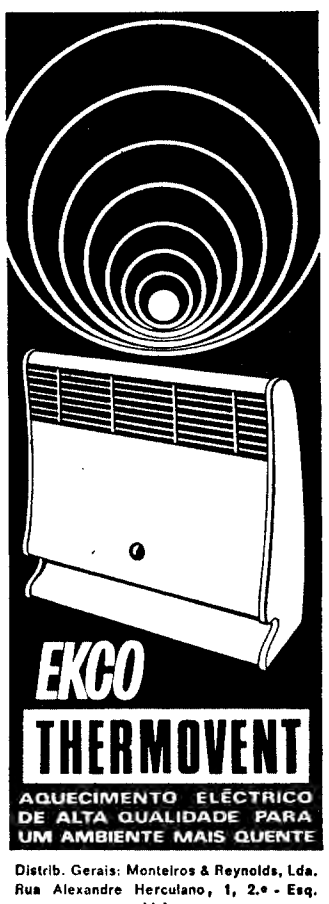
Por culpa do dinheiro?

A moeda era um meio de troca, um padrão que possibilitava trocar melões por sapatos, sem que os que tinham melões e precisavam de sapatos tivessem de encontrar quem tivesse sapatos e precisasse de melões, por só ser preciso que, quem tivesse sapatos, dispusesse daquilo com que se compram melões (e por que se vendem sapatos), e vice-versa e assim por diante.

Afinal, a moeda, que apareceu para facilitar, tem vindo a complicar, e quando se deu essa volta da necessidade passar de perseguidora a perseguida, também se deixou de «comprar por ter dinheiro» e se começou a «procurar dinheiro porque se comprou».

As prestações foram uma grande descoberta. A necessidade satisfaz-se logo, e vai-se pagando devagarinho. As letras (e as letrazinhas, e as reformas) institucionalizaram a sistema. Mas parece que já não corresponde, ou nunca foi mais do que uma forma de remediar. Nunca foi o «novo dinheiro» como agora se apresenta um método de crédito, por meio de cartão. Não será novidade para reduzidos extractos populacionais que utilizavam o sistema com algum requinte, e para necessidades muito promovidas. A novidade é que um banco se propõe alastrar o sistema, metòdicamente. Lá fora já se faz, o que é um bom (e um mau) sinal.

Na verdade, não nos faltam motivos para permanentemente pensar o homem e o seu caminho. Repare-se que a banca, paralelamente com aliciar poupanças também começa a aliciar a quem conceder crédito. Ou o que apresenta do mesmo modo: a oferecer «o novo dinheiro», sob a forma de cartão.



Distrib. Gerais: Monteiros & Reynolds, Lda. Rua Alexandre Herculano, 1, 2.º - Esq. Lisboa

Distrib. no Norte do País: J. J. Gonçalves — Sucrs. Comércio e Indústria S. A. R. L. - R. do Freixo, 1273/81 Pôrto

Peça catálogos no seu fornecedor.

À venda nas boas casas da especialidade

As cooperativas de consumo e o comércio retalhista

FAUSTINO CORDEIRO

Várias vezes o comércio retalhista tem acusado as cooperativas de consumo de serem responsáveis — pelo menos em parte — pelas dificuldades que actualmente atravessam. Têm sido vozes diferentes a fazê-lo, quer em jornais que oficiosamente representam a classe, quer através mesmo de representantes responsáveis (os quais bem lamentàvelmente esquecem que também o são daquelas, visto as cooperativas serem obrigadas á inscrição nos organismos corporativos).

Mas serão verdadeiras as acusações de concorrência desleal e de aviltamento de preços que se faz ás cooperativas? Não haverá nisto lamentável confusão? É o que vamos analisar procurando provar os seguintes pontos:

1.º — As cooperativas de consumo, *legalmente constituídas ao abrigo do Código Comercial*, não são concorrentes desleais.

2.º — As cooperativas legalmente constituídas sofrem das mesmas dificuldades que os comerciantes realhistas e pelas mesmíssimas razões.

3.º — As cooperativas de consumo são uteis concorrentes pelo estímulo que podem representar na economia e pelos serviços que prestam aos consumidores.

Tratemos do primeiro ponto: sempre se tem falado de «*cooperativas*» sem cuidar de as distinguir de *cantinas, CAT, Obras Sociais* de diversas instituições publicas, etc., admitindo ser idêntico o regime legal e de vida comercial. Esta é a principal fonte de confusões. A diferença que existe entre a *Cooperativa dos Trabalhadores da Foz do Douro*, por exemplo, e a *cantina* de qualquer empresa ou *Obra Social* de qualquer Ministério é flagrante, pois a primeira é uma sociedade constituída segundo as determinações do Código Comercial e a segunda é um organismo com fins de apoio assistencial aos funcionários da empresa ou do Estado. Na primeira — assim como em todas as cooperativas associadas da União Cooperativa Abastecedora (UNICOOPE) — a sociedade transacciona com os seus associados por preços correntes, a acompanhar o mercado, embora, sempre que possível, ligeiramente mais baixos, mas com margens absolutamente normais, pois que no final de cada ano é distribuído a cada sócio um *retorno* proporcional ás suas compras, valor que representa a importancia dada a mais pelos artigos adquiridos. No segundo caso, o organismo, auxiliado *pela empresa ou entidade oficial*, vende as mercadorias por um preço absolutamente despropositado.

Ora bem, aqui se provoca por ignorancia — julgamos que por ignorancia! — a confusão: os críticos quando se referem ás cooperativas, misturam-nas no mesmo caldeirão com tais organismos, acusando aquelas daquilo que justamente deveriam verberar a esses mesmos organismos, verdadeiras «aberrações» no circuito comercial. A principal acusação é a de que os sócios das cooperativas comprariam para si e para vizinhos, parentes e amigos, gastando assim importancias superiores ao que seria normal. Ora, isto não corresponde, de forma nenhuma, á verdade, em qualquer UNICOOPE e a tal acusação respondem os relatórios de todas as cooperativas indicadas, nos quais se verifica exactamente o contrário.

De facto, pelos numeros totais de 1967, e em relação ás 64 cooperativas que se distribuem pelas regiões urbanas do Porto, Lisboa e margem sul do Tejo, verifica-se que estas venderam 215 437 993$20 a um total de 42 569 associados, o que representa uma média mensal de 421$74 por sócio, quantia absolutamente normal, tanto mais que ele não representa sómente uma pessoa mas sim uma família média de 4 pessoas.

Mas façamos uma análise mais detalhada decompondo as vendas nos três sectores citados:

Sectores	*Cooperativas*	*Sócios*	*Vendas anuais*	*V. mensal p/sócio*
Porto	23	20 758	87 265 406$85	350$32
Lisboa	34	9 588	44 595 353$38	387$59
Margem sul	10	11 092	81 637 055$68	613$33

Verifica-se fácilmente uma diferença saliente entre os dois sectores de Lisboa e Porto por um lado, e a margem sul, por outro, sendo neste ultímo o consumo por associado muito superior, embora ainda dentro da normalidade já apontada. A discrepancia deve-se, aliás, a uma razão bem simples: entre as 10 cooperativas do ultimo sector, algumas há onde os associados se podem abastecer práticamente de tudo o que desejem, no que respeita a bens de primeira necessidade e até de outros menos correntes.

Todavia, aprofundemos mais a análise com dois exemplos de cada um dos sectores, escolhendo seis das cooperativas mais estáveis e florescentes, evitando, no caso da zona de Lisboa, escolher as cooperativas da cidade, cuja decadência é notória, por razões que examinaremos adiante.

Cooperativas	*Vendas totais*	*Sócios*	*C. mensal p/sócio*
«A Sacavenense»	17 781 086$00	2 445	606$03
«A Linha do Estoril»	2 120 254$80	417	423$71
«Foz do Douro»	9 947 100$80	1 976	419$50
«Maquinistas e Fogueiros»	3 411 446$30	1 015	296$75
«Piedense»	29 582 383$30	3 580	688$60
«Alhos Vedros»	5 440 539$90	782	587$44

Apesar de serem cooperativas das mais progressivas dentro do Movimento Cooperativo de Consumo, e com uma estabilidade económico-financeira normal, prestando até outros serviços para além dos puramente económicos, nem por isso os seus filiados consomem em média mais do que seria normal. Bem pelo contrário, as médias são inferiores ao que seria de esperar, por razões idênticas, afinal, áquelas que são alegadas pelos retalhistas, como adiante se verá.

UMA CLARA INJUSTIÇA

Passemos ao segundo ponto.

Queixam-se os retalhistas de mercearia de concorrência desleal por parte de vários organismos e têm justa razão. Verifica-se que, quer entidades oficiais, quer empresas particulares têm, de há muito — e ultimamente com um ritmo mais frequente — favorecido a criação de certas formas indirectas de assistência aos seus funcionários, que são, para os circuitos comerciais normais, verdadeiras anomalias. Não se trata já de grupos de consumidores que justamente se agrupam para evitar alguns dos intermediários entre si e a produção (caso das cooperativas). Não! A esses até o Estado lhes reconhece uma função util e por isso os isenta de contribuição industrial; a situação é bem diferente, e misturar as cooperativas com tais organismos é cometer clara injustiça; o que se passa, afinal, mostra-se num exemplo simples: uma empresa — seja por sentimentos paternalistas dos seus administradores, seja por fins menos altruistas (evitar pedidos de aumento de salário é um deles!) — encoraja e apoia a criação de um organismo por meio do qual os seus empregados passarão a abastecer-se de todos os artigos correntes em vez de o fazer num retalhista ou... numa cooperativa! Instalado o estabelecimento em local cedido pela empresa — ou pelo Estado, quando se trata de entidade oficial — os preços de todos os artigos, com grande surpresa dos comerciantes, dos directores das cooperativas, e até dos próprios consumidores beneficiados, baixam a níveis incompatíveis com uma gestão normal. Esses preços provocam um prejuizo no final do ano? Não importa! Lá está a entidade patronal para cobrir com um subsídio esse prejuizo. E, muitas vezes, nem prejuizo há, pois as despesas se reduziram práticamente a nada, visto que a entidade patronal ou oficial além do local de vendas cedeu aos funcionários transportes, telefone, água e luz, etc.

E que acontece nas zonas onde esses organismos pseudocomerciais funcionam? Todo o comércio a retalho, quer privado, quer cooperativo, sofre com isso. E insistimos: sofre tanto o comércio privado como sofrem as cooperativas de consumidores que não recebem afinal subsídios de ninguém, e *práticamente* só estão isentas de contribuição industrial, ao contrário do que tantas vezes se apregoa. Vejamos alguns exemplos típicos, bem conhecidos dos cooperadores responsáveis:

O primeiro caso é o do Barreiro. Vila operária, seria aí o local ideal para a criação de cooperativas de consumo e assim aconteceu há muitos anos, pois surgiram duas: a «Operária» e a «Popular». Tudo levaria a crer que o seu progresso continuaria sempre, sem obstáculos. Mas não sucedeu assim. Depois de uma expansão nítida, há alguns anos que entraram em decadência. E porquê? A explicação é simples: uma grande empresa local criou no seu seio um organismo que abastece os seus empregados por preços verdadeiramente impeditivos de qualquer concorrência, *pelo menos*

(Continua na pág. 10)

Uma caravana para todas as estações!
na
MARCAMPO
agora, maiores facilidades
• ECCLES • EUROPE • SPRITE •

CARAVANS INTERNATIONAL
O maior e mais experiente fabricante de caravanas do mundo

Av. Almirante Gago Coutinho, 56-D • LISBOA 726776

Dificuldades de integração dos po

(Continuação da 1.ª página)

vos da instituição e os problemas da colónia portuguesa no Canadá. Começou vor nos dizer:

— Nos termos do artigo 1.º dos Estatutos, o Congresso Canadiano Português é constituído pelo conjunto dos representantes dos interesses sociais, culturais e económicos da comunidade portuguesa residente em Ontário, organizada em associações e entidades similares.

— *Como nasceu o Congresso Canadiano português?*

— A comunidade portuguesa no Canadá é das mais recentes. Sòmente há cerca de dez anos a esta parte é que se tem vindo a verificar uma larga emigração para este país. Só debaixo da jurisdição do consulado de Portugal em Toronto existem mais de 20 mil famílias inscritas e calcula-se que o número de portugueses residentes na área da cidade de Toronto ascenda a cerca de 50 mil.

Muitos e graves problemas

E o dr. Costa Gomes prosseguiu:

— Imagine-se uma cidade como Braga, à qual tivessem tirado toda a camada intelectual, com gente ida de todos os cantos de Portugal e ilhas, e teremos uma ideia aproximada da comunidade portuguesa em Toronto.

— *Há muitos problemas?*

— Os problemas sociais, culturais e políticos desta comunidade são muitos e graves. De cultura latina, os portugueses têm dificuldades em se integrarem num meio anglo-saxão como é o do Canadá de língua inglesa. A barreira da língua, a diferença de usos e costumes, de organização social, de instituições jurídicas, a dificuldade no exercício do direito de associação (tão desenvolvidos entre os anglo-saxões), a falta de porta-vozes em número suficiente com preparação intelectual de nível superior tudo isso leva os portugueses a juntarem-se numa espécie de «ghetto», onde procuram criar um microcosmos português isolado das realidades canadianas.

— *Pode concretizar através de um exemplo concludente?*

— Por mais estranho que lhe pareça, os portugueses de Toronto continuam a discutir futebol português, como se vivessem em Portugal! Isto significa que estão totalmente alheios às realidades do país em que vivem e trabalham e no qual virão, provàvelmente, a passar a maior parte da sua vida. O emigrante português de um modo geral, não participa na vida social, cultural e política do Canadá. Como, por outro lado, o seu nível de cultura, em regra, não vai além da instrução primária, os portugueses vão-se alheando

Totalmente alheios do país em que vivem...

progressivamente da cultura portuguesa, sem se integrarem na canadiana. Exemplo claro disso é o facto pugente de a maioria esmagadora dos filhos dos emigrantes portugueses nem português falarem!

Um jovem português assassinado

— *Mas os portugueses são respeitados?*

— O problema das relações da comunidade portuguesa com as autoridades municipais, provinciais ou federais ainda não foi resolvido e é bastante grave. Há até quem se queixe com fortes motivos, de descriminação por parte do baixo funcionalismo. Por outro lado a comunidade está dividida em pequenos grupos dispersos, que não representam mais do que interesses limitados. A gravidade da falta de representatividade e unidade da comunidade portuguesa em Toronto revelou-se bruscamente há uns meses atrás, quando o jovem Nóbrega — originário da ilha da Madeira e residente em Toronto com a família — foi brutalmente abatido a tiro por um detective da Polícia de Toronto, sem qualquer razão válida. O movimento de protesto que então se gerou, não só dos portugueses como dos próprios canadianos, teve

QUANDO O AUTOR SE INTERROGA A SI MESMO

Roteiro sentimental de um ano que chega ao fim

CHIANCA DE GARCIA

O autor, numa hora de lazer, interroga-se a si mesmo. Devaneio inofensivo, é claro. Mas bastante actual. Estamos em Novembro. Portanto, a meia dúzia de semanas do fim do ano. Às vésperas de 1970. Então, por aqui, no Rio de Janeiro, e, por certo, do mesmo jeito aí em Lisboa, começam surgindo os primeiros balanços jornalísticos do que foi 1969.

O que aconteceu de válido e importante? Quem se destacou no bem e no mal? Quais as lutas, as ilusões, as esperanças que não viraram derrotas, desilutar para trazer — arrancada de tantas ansiedades para o futuro, deste ano que chega ao fim?

Quem foram, por sua vez, aqueles que souberam lutar para trazer — arrancada de tantas ansiedades em transe — a notícia certa? Que pensam, agora, esses hábeis informadores, de tanto mergulho no mundo difícil da informação?

É o que estão começando a contar, nos jornais do Brasil, os seus «cobrões» mais esclarecidos...

— Mas, e eu? Eu, que pertenço a linha B, isto é, que faço parte dos que apenas vivem de espalhar anedotas, mexericos e fofocas? Porque não hei-de explicar as sábias razões das minhas (embora veridicas) «mentiras cariocas»? Eis as razões do texto que vai seguir-se. Leitor, vou entrevistar-me a mim mesmo: — O que penso, afinal, do ano de 1969?

O Outro: — Qual foi, em sua opinião, no Brasil, a obra poética mais importante do ano?

Eu: — O livro *Boitempo*, de Carlos Drumond de Andrade. E a terceira edição brasileira da *Obra Poética* de Fernando Pessoa.

O Outro: — Qual o romance estrangeiro que mais o impressionou?

Eu: — «Cem anos de silêncio».

O Outro: — E qual o poeta sul-americano que leu com mais entusiasmo?

Eu: — César Fernandes Moreno, autor de um elogiado «Argentino até morrer». Também eu, ai de mim, serei português até à morte.

O Outro: — Qual o livro português que mais apreciou durante o ano?

Eu: — Li algumas dezenas de livros que recebi de Portugal. Muitos me entusiasmaram. Muitos me comoveram de tanta paisagem esquecida. Muitos me deixaram orgulhoso. Nalguns encontrei, também, dedicatórias, que, infelizmente, não mereço. Mas, entre todos, o livro que li com mais encanto, por muitas razões que não saberia explicar agora, apressadamente, quero destacar o volume de Jacinto Prado-Coelho: *A letra e o leitor.*

O Outro: — Qual a peça teatral que viu com mais interesse?

Eu: — Por certo o *Galileu*, de Brecht, nas mãos implacáveis de José Celso, o recriador de textos.

O Outro: — Leu algo de teatro português?

Eu: — Sim, li. Recebi muitas obras de teatro. Li-as a todas. O que me espanta é que não haja, em Portugal, um elenco nacional, oficializado, que represente sistemàticamente um reportório português de grande classe. Como se explica, por exemplo, que não seja representada assiduamente, num elenco efectivo, seguro, homogéneo, essa obra admirável que é *Jacob e o Anjo*, do grande poeta José Régio? O que se torna necessário é disciplinar o teatro português. E há outro aspecto: teatro não é só texto. A importância dos intérpretes também é teatro, e valor básico. Glória, pois, às grandes actrizes e aos grandes actores que representam a mais alta tradição dos palcos portugueses. O Brasil não esquece muitos desses nomes.

O Outro: — Qual foi o melhor filme a que assistiu em 1969?

Eu: — Vi tanto filme, que não recordo nenhum. Mas destaco o nome de um director: Fellini, porque é fácil o meu encontro, como espectador, com as suas bem elaboradas intenções.

O Outro: — Qual o homem mais importante do ano?

Eu: — Von Brown, o criador dos foguetes. Porque está sempre *irònicamente* certo dos seus cálculos.

O Outro, para me jogar no fogo. — E do Brasil?

Eu, sem pestanejar: — Diria Pelé, se o Brasil não estivesse pondo as suas esperanças no presidente Garraztazu Medice.

O Outro, firme: — E de Portugal?

Eu: — Aqui coloco o nome de um escritor que muito admiro: Urbano Tavares Rodrigues.

O Outro: — Qual foi a sua maior gargalhada de 1969?

Eu: — Não sou de dar gargalhadas. Uso uma só por ano, que divido em pequeninos e mínimos sorrisos. Duram para 365 dias.

O Outro: — Em todo o caso, o que foi mais cómico?

Eu: — Ver os outros viverem.

O Outro, forçando a nota: — Qual o dia deste ano em que os seus olhos se encheram de lágrimas?

Eu: — Aquele em que, ao fim de longos anos, voltei a receber uma carta de minha irmã.

O Outro: — Como vê o amor em 1969?

Eu: — Não tão erótico como nas peças de teatro em cena em São Paulo e no Rio de Janeiro.

O Outro: — Viajou em 1969?

Eu: — Só dentro do Brasil. Pensei, e certo, em ir à Dinamarca, ver uma exposição que está por lá com grande êxito...

O Outro: — Para tratar do assunto nas *Cartas do Brasil?*

Eu: — Você tá besta, meu chapa?

O Outro: — Ganhou muito dinheiro em 1969?

Eu: — O que me foi possível para pagar algumas dívidas antigas...

O Outro: — O que o desesperou no ano que está chegando ao fim?

Eu: — Certos pequenos mal-entendidos entre portugueses de Portugal, com referência ao Brasil. Olha aqui este caso: — Contou-me um amigo que adquirira uma *História da Música*, editada em Lisboa. Bela obra em dois volumes. Mais de mil e quinhentas páginas. Óptimas ilustrações. São seus autores dois nomes dignos do maior respeito: Tomás Borba e Fernando Lopes Graça. No entanto, o meu amigo está desolado. Correu à página onde esperava encontrar um texto de importância sobre a música popular brasileira, e encontrou apenas isto: — «*SAMBA*, s. m. dança de origem chilena, actualmente muito vulgarizada na Argentina e outros países da América do Sul. É dançada por um só par. Os sambas que gozam de maior estima são os brasileiros, sendo especialmente apreciados mais pelo sotaque da língua que os cante, que pela música, se bem que esta se baseia numa sincopação muito original e interessante».

O Outro: — O que tem sido durante toda a sua vida a paixão constante?

Eu: — O mar.

O Outro: — O que escreveu em 1969 com mais vontade de ser útil?

Eu: — A carta-aberta ao professor Marcello Caetano, publicada no mês de Junho no nosso «Diário de Lisboa».

E dei por finda a entrevista. Na hora H.

Nov. 969, Rio.

portugueses radicados no Canadá

larga repercussão na Imprensa, Rádio e na TV.

— *Que resultados foram obtidos com tais protestos?*

— Algumas pessoas procuraram, em nome da comunidade, manifestar a indignação que lavrava entre os portugueses, mas sem qualquer resultado positivo. O agente da polícia foi ilibado de culpa, num inquérito que deu muito que falar na Imprensa local e a morte do infeliz madeirense ficou impune. Nessa altura fez-se sentir, de maneira aguda, a necessidade de criar uma organização cúpula, que pudesse representar a comunidade portuguesa do Ontário, considerada no seu conjunto. O movimento de opinião que então se gerou teve a sua concretização numa reunião que teve lugar em 25 de Outubro passado no consulado de Portugal em Toronto, durante a qual se discutiu a ideia da formação de uma tal organização. Mais três sessões e o Congresso Canadiano Português nascia no dia 26 de Setembro passado, depois da aprovação dos estatutos e da eleição da primeira direcção. Nelas participaram muitas das pessoas que constituem aquilo que aqui em Portugal é costume designar-se por «forças vivas».

— *Porquê o nome de Congresso?*

— Hesitou-se na escolha do nome, mas acabou por se adoptar o de Congresso Canadiano Português com o correspondente em inglês de Portuguese Canadian Congress. Em inglês a palavra «congress» tem um significado muito próximo da palavra latina de que deriva e pensou-se que um tal nome facilitaria a sua aceitação no meio canadiano-inglês. A comunidade italiana, por exemplo, escolheu a palavra «federação» para uma organização semelhante.

— *Quais os fins do Congresso Canadiano Português?*

— Nos termos do artigo 3.º dos Estatutos, a finalidade fundamental do Congresso é a de representar e defender as aspirações e direitos da comunidade portuguesa no Canadá, considerada no seu conjunto. O artigo 5.º estabelece que, na prossecução dos seus fins, O Congresso Canadiano Português actuará no sentido de:

— *Promover, salvaguardar e fazer progredir os interesses da comunidade portuguesa constituída pelos portugueses e seus descendentes que residem no Canadá;*

— *Promover e desenvolver as potencialidades culturais especialmente portuguesas, nomeadamente nos campos da literatura, do folclore, do teatro, da música, das artes plásticas, etc., em íntima relação com a mãe-pátria e um conveniente enquadramento nas realidades culturais canadianas;*

— *Promover o desenvolvimento paralelo da língua portuguesa e das línguas oficiais do Canadá;*

— *Promover entre os portugueses um continuado interesse pela história e geografia de Portugal e do Canadá;*

— *Promover uma sã camaradagem e um bom entendimento entre os portugueses e entre estes e outros grupos étnicos no Canadá;*

— *Promover entre os portugueses a ética e a prática dos princípios do bom governo e da boa cidadania;*

— *Promover a cooperação com outras organizações de objectivos comuns ou coincidentes, cultivando um espírito de tolerância e compreensão;*

— *Promover a participação dos portugueses na vida social, cultural e política do Canadá.*

No artigo 6.º diz-se que o Congresso funcionará como uma corporação apolítica, não confessional não partidária e não sectária.

— *A existência de uma tal organização irá limitar a acção das organizações aderentes?*

— Pelo contrário, o Congresso Canadiano Português irá permitir às organizações aderentes o tornarem-se mais fortes e mais habilitadas a enfrentar as dificuldades que se lhes deparararem para a prossecução dos seus fins específicos. A independência das organizações aderentes encontra-se plenamente garantida nos estatutos nos quais se estabelece que, em nenhum caso o Congresso se sobreporá à acção das organizações aderentes nem interferirá na sua vida interna.

Possibilidades futuras

— *Quais as principais dificuldades a vencer?*

— O espírito de desconfiança que reina entre a maior parte dos elementos da comunidade portuguesa, a enorme relutância que esta tem em se organizar e associar e a política dos grupos com as consequentes questiúnculas que a nada levam. O português emigrado, saído na sua grande maioria dos meios rurais está habituado a viver em comunidades que se estruturaram em séculos de existência com os seus chefes naturais. Posto em novas condições tem dificuldade em criar outras formas de associações e outros chefes. Tudo isto precisa de tempo e de uma acção constante e desinteressada de todos quantos desejam ver a comunidade portuguesa no estrangeiro enriquecida culturalmente e a participar activamente na vida dos países que os acolheu.

— *Não citou, entre as dificuldades a do diálogo com as autoridades e comunidade canadianas. Pode dizer-nos alguma coisa sobre este aspecto?*

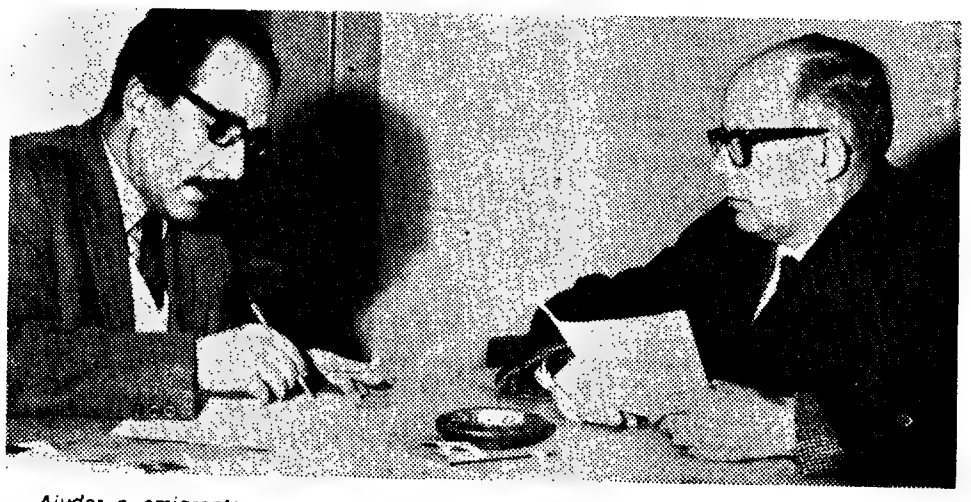
— Sem dúvida. Esse diálogo é fácil de estabelecer uma vez que já está criada a organização cúpula que representa a comunidade portuguesa no seu conjunto. As próprias autoridades canadianas manifestaram em várias ocasiões o seu desejo de que os portugueses residentes no Canadá se organizassem unitàriamente. A criação do Congresso foi bem acolhida por todos. A Imprensa deu-lhe particular relevo e antes de partir do Canadá havia eu recebido uma carta do deputado federal Charles L. Caccia, hoje secretário parlamentar, na qual me expressava a sua satisfação por ver finalmente a comunidade portuguesa no Canadá organizada unitàriamente

— *Que possibilidades encara de uma ajuda da parte de organizações existentes em Portugal?*

— Aparte uma provável ajuda, no campo cultural, que nos poderá ser dada no futuro pela Fundação Gulbenkian, não vejo como poderá a comunidade portuguesa no Canadá ser ajudada a partir daqui. Enquanto a Junta de Emigração não ultrapassar os acanhados limites de refreadora e meramente regulamentadora da emigração, as comunidades portuguesas no mundo terão que bastar-se a si próprias. A Itália e o Japão, para não citar outros países, têm estupendos serviços de ajuda aos emigrantes e muito teriam a lucrar os portugueses espalhados pelo mundo se existissem aqui no país idênticas iniciativas. A emigração clandestina que continua apesar da repressão de que é alvo, acabará no dia em que a Junta de Emigração se resolver a reconhecer o movimento migratório como um fenómeno que surge como fruto de dadas circunstâncias económicas e sociais e a ajudar o emigrante, não a desistir de emigrar, mas a preparar-se para enfrentar as dificuldades que vai encontrar.

— *Há escolas de português?*

— Há uma no First Portuguese Canadian Club, em Toronto. Essa escola, que vive da boa vontade e sacrifício de uns quantos portugueses, não chega a nada. Enquanto a comunidade grega, por exemplo, com idêntico número de emigrantes, tem onze escolas a ensinar grego, nós temos apenas uma. E é o Canadá que está a ajudar-nos mais eficientemente. Ainda há pouco foi concedido um crédito de 3000 dólares para a compra de livros em português, destinados, na sua maior parte à comunidade portuguesa que vive nas proximidades da biblioteca Sanderson, em Toronto. E isto, note, é uma gota de água no oceano. Mas mostra que há ali ainda muito que fazer no campo cultural.



Ajudar o emigrante a preparar-se para enfrentar as dificuldades que vai encontrar

Trans(e)ito em Lisboa

Afinal. Afinal a experiência nem sempre tem suficiente força para nos ensinar.

Desta vez tínhamos esboçado um planozito. Em lugar de comprar o bilhete mesmo à hora prevenimos a eventualidade de se esgotar a lotação para ver o raro teatro às 6 e 1/2. Depois resolvêramos não cometer o tão lamentado erro de ir de automóvel para o Tivoli. Sairíamos do emprego, deixaríamos o carro perto de uma praça de táxis onde estivesse algum (livre) e... teríamos hipóteses de chegar a tempo.

Praças fomos encontrando. Táxis é que não, nem lugar para deixar o nosso carro. Além disso, começou a chover e sabe-se como é quando se tem um volante nas mãos e se caminha para qualquer sítio. Vamos mesmo até lá ... e com o volante nas mãos. Até lá mesmo não. Passa-se num raio razoável para deixar o instrumento de locomoção (?). No caso presente, começámos a pensar nisso por alturas das Belas Artes. Como não aparecia nenhum buraco perto dos passeios, fomos andando (?). Já agora tentávamos um local onde nos alugariam espaço para ficar o carro se não tivessem sempre aceso um letreiro LOTAÇÃO ESGOTADA, e uns tantos condutores em paciente (íssima) espectativa de que saia um dos carros que esgotam a lotação.

Bom. Como chovia e a hora (adiantada) era de grandes decisões, ela ficou á porta e ele (eu) «vou num instante deixar o carro mais acima». Forte ironia. Se até aí se andava e parava, andava e parava, passou-se a parar e andar, parar, parar e andar, parar e parar. Devo dizer que me entusiasmei com a experiência e resolvi não abdicar do tal raio (que o parta) de trânsito; resolvi não recorrer ao grande recurso de usar a Praça do Saldanha (honra lhe seja) e voltar de Metropolitano. E por cá ando a fazer círculos à roda do Tivoli, por vezes arrastado para caminhos que nunca pensava percorrer. (Se passar pelo «Diário de Lisboa», deixo lá isto).

Mas palavra que é experiência riquíssima. Já vou conhecendo algumas caras. Há casos humanos em barda: rostos angustiados, semblantes iluminados de bonomia, rictus de ira em faces congestionadas, lindas caras descompostas de irritação, até calmíssimos leitores da última edição de qualquer jornal da noite, até deleitados ouvintes do programa B da E. N. De vez em quando tudo a buzinar. Buzinares também vários, também humanos: angustiados, toques de bonomia, congestionados, esganiçamentos irritados, escalas distraídas e solidárias, acompanhamento de buzina para o concerto de violino e orquestra.

Há paragens que dariam um catézito na Smarta, isto para não exagerar e dizer um jantarinho em qualquer casa de pasto da Rua de St.ª Marta.

Nem sei que horas são. Era capaz de me começar também a enervar, e perdia esta experiência admirável só possível desde que «distanciado» (se lá ao teatro tenho de me lembrar de Brecht).

Continua a chover e tudo se complica mais. Se possível!

Na verdade parece que sempre vou passar no «Diário de Lisboa».

Já desisti do teatro. Sinto-me como aquele que dá voltas ao Campo Pequeno, de vez em quando e de bicicleta. Com a diferença de que ele o faz para deitar remendos á vida, e eu para aqui ando a gastar gasolina. A propósito: se calhar tenho de abandonar a prova porque a gasolina não dá para muito mais.

S. R.

Economia portuguesa —o diálogo possivel

«A Política Económica Portuguesa» (último volume dos «Cadernos Seara Nova») é a transcrição fiel do registo gravado de um «diálogo entre dois economistas», os drs. Francisco Pereira de Moura e Sérgio Ribeiro.

Numa pequena nota de abertura, lê-se: «*grato é para a «Seara Nova» reunir, em franca troca de opiniões, o seu jovem colaborador, Sérgio Ribeiro e Francisco Pereira de Moura, exemplo dos mais fecundos de magistério vivo na Universidade portuguesa e um dos maiores economistas do nosso País*».

Efectivamente, é esta a primeira nota positiva do pequeno volume da «Seara Nova»: o diálogo possivel entre o professor e um seu antigo aluno, diálogo que, noutras circunstâncias e em outro tempo seria impossivel.

Mas há mais: o «diálogo entre dois economistas» constitui uma serena e útil discussão sobre alguns dos grandes problemas de economia portuguesa: «Entre o II e o III Planos de Fomento», «Grupos e Opções», «A distribuição de rendimento», «Do papel das *élites*», «A participação na política económica», «A inflação (conceitos...) e a estagnação (más estatísticas'?)».

Câmara Municipal do Concelho da Moita

ANÚNCIO

Faz-se publico que nos termos da deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião de 14 do corrente, se procederá no dia 19 de Dezembro próximo, pelas 21 horas, na sala das Sessões desta Câmara Municipal perante a mesma reunida ordinàriamente, á abertura de propostas apresentadas para a obra de «Pavimentação das Ruas 10, 11, 23 e 38 da Baixa da Banheira — 3.ª fase».

A base de licitação é de 438 282500

Para ser admitido ao concurso de adjudicação daquela empreitada é necessário apresentar, além dos restantes documentos, guia comprovativa de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, o depósito provisório da importância de 10 958$00, mediante guia passada pelo interessado.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa de concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Secretaria desta Câmara Municipal.

As propostas deverão dar entrada nesta Câmara, sob registo de correio, até ás 17.30 horas do referido dia 19 de Dezembro.

Paços do Concelho da Moita, 19 de Novembro de 1969.

O Presidente da Câmara
VICTOR BRITO DE SOUSA

AUXILIARES DE ENFERMAGEM

PRECISAM-SE

No Hospital Militar Principal em Lisboa para admissão imediata ao serviço. Não possuímos alojamentos.

O PENSAMENTO POLÍTICO PORTUGUÊS NA ÉPOCA CONTEMPORÂNEA

VII—A «regeneração» republicana

JOEL SERRÃO

Como é por demais evidente, uma descrição do trajecto histórico das metamorfoses de uma ideologia, tal a que nos artigos anteriores se esboçou, embora necessária não é suficiente para a plena compreensão daquilo de que se trata. Dificilmente ela escapa aos perigos da superficialidade. Importa ir mais fundo e revelar, mediante sucessivas tentativas de análise e de síntese, a partir de hipóteses, o significado, o conteúdo desse republicanismo ascendente. Sim: que é que, afinal, a ideologia republicana trazia no bojo?

Antes de mais, afigura-se-nos que o republicanismo é, matricialmente, *um* liberalismo em clara oposição à feição cartista-conservadora que ele assumira, entre nós, e na qual se fixara, rotineiramente. Vinculado, pelas suas raízes, ao vintismo, ao setembrismo e à patuleia — ou seja, à esquerda liberal —, o republicanismo aspirava ao trânsito do libearlismo para a democracia, tal como ele se encontrava implícito no germinal projecto de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Em todos os ideólogos do republicanismo — Teófilo Braga, Sampaio Bruno, Basílio Teles —, nos seus historiadores — como José de Arriaga —, nos seus jornalistas, se apreende, sem dificuldade, a intenção bem definida de valorizar as virtualidades democratizantes do liberalismo. Dir-se-ia até que as balizas do seu conceito de democracia eram os postulados pela prevalência da liberdade burguesa. Aquilo que, de fundamental, separava e distinguia os momentos históricos de 1820-21 e de 1880-90, reduzia-se, ao fim e ao cabo, ao facto social de que aqueles que, pelos fins do século, reclamavam a liberdade na plenitude das suas virtualidades não só eram outros, como é evidente, mas, sobretudo, eram *mais* e *diferentes*.

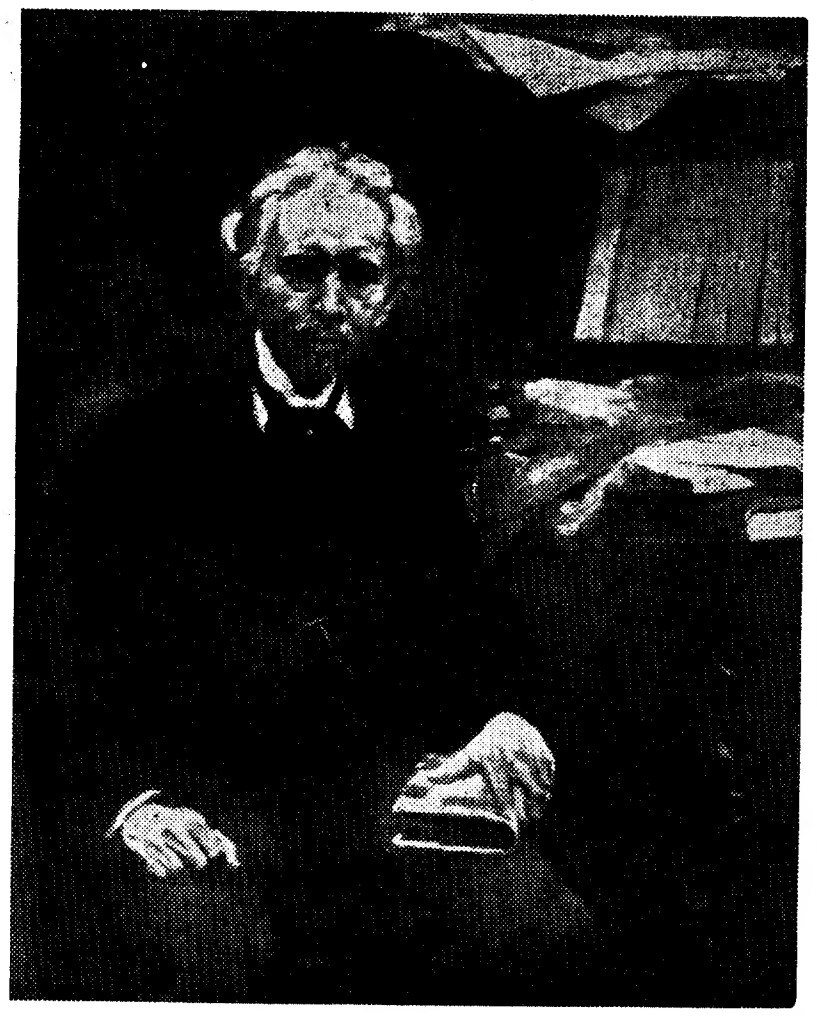
A mobilidade social, desencadeada pelo *processus* liberal português, conquanto a ritmos próprios do contexto histórico em que se integravam, provocou um dado engrossamento dos cidadãos reais ou virtuais. A tradicional aculturação, na monarquia constitucional, da aristocracia e da burguesia, não impediu, todavia, a ascensão, aqui ou além, de indivíduos de clara raiz popular ao estatuto socioeconómico da burguesia, do qual decorriam dadas consequências de carácter político.

Ora, se acertamos, teria sido esse aumento e essa transformação dos cidadãos reais do País que possibilitou e incrementou o ideário republicano. Porém se o condicionalismo que alimentou a génese e o desenvolvimento do republicanismo se tivesse reduzido, estritamente, a tal vinculação social a uma burguesia recente, o mais que poderia ter acontecido à ideologia antidinástica seria constituir-se ou em partido independente ou na ala esquerda do partido progressista, integrando-se, afinal, numa dada estruturação política que não parecia em riscos de ser abalada por esse surto de liberalismo «jacobino». Numa análise deste teor, que, sob tantos aspectos se afigura certeira, basear-se-ia, afinal, a opção política de um Oliveira Martins, ao ingressar no partido monárquico da esquerda ...

A verdade, todavia, é que Oliveira Martins se equivocou acerca das possibilidades de remoçamento do partido progressista, e não é menos verdade que o republicanismo, ao congregar-se e ao concretizar-se num partido não se confundiu nem com o partido monárquico que detinha a tradição setembrista, nem perdeu a sua virulência antimonárquica.

É que o republicanismo era bem mais do que uma tomada de posição política ante a contenda ideológica do seu próprio tempo; o seu conteúdo extravasava dos limites históricos em que se definira e concretizara o liberalismo.

Importa, pois, acentuar que, para além das suas raízes estritamente liberais, o projecto republicano retoma e revendece as esperanças da *Regeneração* nacional, nascidas com a Revolução de 1820 e sempre presentes, sob sucessivas metamorfoses, no decurso de toda a história portuguesa contemporânea. Na verdade, em todos os momentos fundamentais da história do nosso liberalismo, este assumiu carácter *regenerador*, ou seja, assumiu a ambiguidade fundamental de sentidos que o termo *regeneração* encerra: gerar ou produzir de novo; reproduzir o que estava destruído. Assim, enquanto o liberalismo vintista procura abrir o futuro mediante a «observância da sua antiquíssima constituição», como afirmava Garrett, o republicanismo, por seu turno, entendia que, para abrir as vias do porvir, o que importava, isso sim, era retomar, na sua integridade, o projecto do vintismo, dado que este se malograra, afinal, jamais tendo chegado a efectivar-se na plena pujança das suas virtualidades



Teófilo Braga visto por Columbano

Tal anelo de *regressar* ao momento matinal do liberalismo, entre nós, é bem patente em toda a obra política de Sampaio Bruno como na de Teófilo Braga, por exemplo. O pensador portuense viveu, após o fracasso de 31 de Janeiro de 1891, na angústia resultante de essa tentativa revolucionária republicana, da qual se considerava um dos responsáveis, e concebida e levada a efeito à luz da tradição histórica do longínquo dia 24 de Agosto de 1820, se não ter transformado numa apoteose, entre vivas, abraços, olhos acendidos na flama patriótica... Ora, a verdade, muito outra, estava ali diante dos olhos... Na amargura de tão funda decepção, Bruno tentou, obsessivamente, uma resposta para perguntas como estas: Porquê, senhores, é que a catástrofe desabou? Porquê, senhores, a longínqua manhã se não repetiu?

Por sua banda, Teófilo Braga declarava, em 1879, com a sua firmeza bem característica: «Quem há-de fundar a república em Portugal não serão os centros políticos, mas a Nação pela sua vontade soberana legalmente expressa em uma Convenção [...] A união está nos espíritos, e a expansão nas doutrinas: o que pertence aos sentimentos propaga-se por todos os meios na sua maior amplitude; o que atingiu a coerência das ideias concentra-se, e torna-se o motivo consciente da acção.»

Dir-se-ia, pois, que o republicanismo se alimentou, ideològicamente, da utopia quer do regresso às origens sem mácula do liberalismo, quer da crença de que a República se tornaria em realidade mediante um acto de vontade da consciência nacional, unanimizada pela esperança comum «de um ressurgir da pátria portuguesa» (Basílio Teles).

Cingindo melhor o objecto da nossa pesquisa: o republicanismo teria sido um novo projecto de *regeneração*, e *novo* porque o seu condicionalismo social era diverso do de 1820. A diferença fundamental reside, acaso, nisto: enquanto o vintismo apelava para a Nação, base do novo conceito de soberania em vias de institucionalizar-se, o republicanismo dirigia-se ao Povo, a todo um Povo. Verifica-se, por este modo, o que parece legítimo caracterizar-se como uma translação do centro de gravidade social do liberalismo de uma convergência aristocrático-burguesa (1820) para um núcleo social predominantemente burguês (incluindo a pequena burguesia), tal como se divisa em Portugal, a partir da década de 1880-90. E por essa via se definem o sentido e os limites do *democratismo* republicano. Pois não seria a *democracia*, na sua mais pura acepção etimológica — pensava-se, então —, «o Governo do povo»? Sem dúvida que assim é; mas sendo assim, a qualidade da democracia dependeria da qualidade da cidadania o povo convidado a autogovernar-se. Ora, o republicanismo, naturalmente, apelava para o povo *que havia*, circunscrevendo-se às suas possibilidades de audiência e de receptividade.

De tudo isto decorreu o carácter não só nacional, não só nacionlizante, mas também tendencialmente nacionalista que o republicanismo português assumiu, o que lhe permitiu, primeiro, sobreviver e, depois, a partir de 1880, progredir, polarizando, si-

(Continua na pág. seguinte)

Concentração de empresas

Foi anunciada a fusão de duas grandes empresas da indústria química suiça — a «Ciba» (31 000 assalariados, 3300 milhões de francos franceses de volume de negócios) e a «Geigy» (24 000 assalariados, 3400 milhões de francos franceses de volume de negócios).

As duas sociedades possuem actividades idênticas — nomeadamente produtos farmacêuticos e veterinários, matérias corantes e produtos fitosanitários —, facto que veio facilitar a referida fusão.

O novo grupo assim constituído passará a ocupar o segundo lugar entre as empresas helvéticas, situando-se após a «Nestlé», mas precedendo a sociedade de produtos farmacêuticos «Hoffmann Laroche» (Roche) que era, até agora, a mais importante firma do sector químico da Suiça.

Em virtude de a fusão ser efectuada na base da paridade, a «Geigy» terá de efectuar um aumento de capital de 65 milhões de francos suiços, visto aquele ser apenas de 110 milhões de francos, contra 175 milhões da «Ciba».

ao acaso da rua

Sabe o que é uma cooperativa?

● Um papel importante a desempenhar

A compreensão dos verdadeiros benefícios da cooperativa implica, além do reconhecimento de uma utilidade imediata, concretizada materialmente, a adopção de um espírito cívico que toda a autêntica cooperativa supõe.

São vantagens decorrentes desta circunstância que o sr. Alberto Pedroso, de 42, técnico de contas, refere em primeiro lugar.

— Embora não me pareça que as cooperativas possam resolver todos os problemas económico-sociais, acho que, em determinados momentos da evolução histórica, elas podem ter um papel muito importante a desempenhar. A criação de um espírito associativo ajuda as pessoas a trabalhar colectivamente, a cooperar com as outras para a obtenção de um benefício comum.

O sr. Alberto Pdroso não pertence a nenhuma cooperativa. Porquê? Porque, diz ele, outros interesses mais urgentes o têm desviado para outros problemas.

● Um meio de responder à emigração

No largo do Camões há estabelecimento com características especiais: é uma das raras casas da capital, especializada da venda de lacticíneos e produtos dietéticos. Chama-se: «A Casa do Mel», propriedade de um técnico apicultor, o sr. Francisco da Assunção. É um homem singular, com interesses curiosos e opiniões interessantes, um destes raros comerciantes que alia a sua profissão a uma sentida filosofia dos homens e da vida.

— Se as cooperativas — diz ele, repetindo a nossa pergunta — Aos abastados pode não interessar. Aos outros, seguramente que sim. As cooperativas são uma ajuda para a venda ou consumo dos produtos, a possibilidade de dar a quem não tem posses habitação própria

Não obstante a sua opinião, o sr. Assunção não pertence a nenhuma cooperativa. Mas defende a sua criação, inclusive no ramo principal da sua actividade: a apicultura.

— Hoje em dia a situação nos campos está fortemente afectada pela emigração. Um apicultor fica velho e não tem quem continue o seu trabalho. Por outro lado, se precisa de ajuda não encontra quem lha dê. E ao preço que o produto é vendido, o produtor não pode pagar os salários que se exigem actualmente. A cooperativa seria uma solução ideal porque, com a acumulação do produto e com as facilidades que o Estado concede, uma organização deste tipo pode adquirir meios técnicos que facilitam o trabalho, reduzem a mão-de-obra e permitem pagar aos trabalhadores salários altos, uma vez que esses encargos são suportados pela colectividade. Este ano foi um ano fraco de mel. Mas cada vez será pior se não se tomarem medidas que ajudem ao incremento da produção e facilitem a distribuição.

O sr. Assunção refere-se ao desenvolvimento, nos últimos tempos, das cooperativas agrícolas e às dificuldades de ligar o produtor a este tipo de organização.

— Bem vê — explica — o homem do campo está habituado á ideia de receber o dinheiro mediante a entrega do produto. Acontece muitas vezes que a cooperativa não pode pagar imediatamente a produção que lhe é entregue, mas á medida que a vai escoando para o mercado. O camponês não quer esperar. Prefe-

(Continua na pág. seg.)

A «regeneração» republicana

(Continuação da pág. anterior)

multâneamente, ou seja, *regeneradoramente*, os modelos de tradição e de renovação do País. A tradição assentava, aos olhos do republicanismo, numa dada imagem da Pátria que tendia a afeiçoar-se de acordo com a vivência política da necessidade de um salto em frente; quanto à renovação, era-se levado a confiá-la aos cuidados e às virtudes maternas da liberdade, da qual se esperava o prodígio, senão o milagre, de «uma revivescência nacional» (Teófilo Braga)

Teófilo Braga como, aliás, todos os outros propagandistas da República com responsabilidade mental e moral, pensava que eram indissociáveis esses dois alvos a atingir: o salto em frente e o regresso à «verídica» tradição nacional. «A Nação move-se», explicava aquele que viria a ser o primeiro Presidente da República Portuguesa, «mais por sentimentos do que por ideias; a sua força não provém da unidade moral do dia de hoje, mas sim da solidariedade com o passado, donde viemos, e da aspiração do futuro, para onde tendemos.» E reforçando essa dupla e convergente aspiração: «Tudo quanto tender a desenvolver em um povo o conhecimento do seu passado histórico, despertando-lhe o sentimento da sua tradição nacional, orientado-lhe a veneração no sentido moral de admirar os vultos mais eminentes que cooperaram na civilização humana, e não em degradar-se pela bajulação servil a mesquinhas personalidades que tiram a sua importância do *acaso do nascimento*, tudo isso é uma obra profícua de fortalecimento, mais resistente do que todas as muralhas ou fronteiras que salvaguardam a integridade de um país.»

Serão precisos comentários a documentos tão inequívocos na sua transparência histórica?

Cremos que não. O que importa lembrar ou relembrar é que tal «síntese afectiva» entre a tradição e a renovação, consagrou-se a letra bem inequívoca do hino republicano, que viria a ser, após 1910, o hino português:

Heróis do mar, nobre povo,
Nação valente e imortal,
Levantai hoje de novo
O esplendor de Portugal

Ora, aquilo que na agitação já nacionalista do Ultimatum (1890), e na primeira arremetida republicana do 31 de Janeiro de (1891), moveu e comoveu a consciência pública foi, precisamente, esse apelo ao passado glorioso («levantai», anote-se, e de modo algum «levantemos») na esperança de que ele tivesse forças ainda para soerguer-se, garantindo não só o presente mas o futuro também.

Se, como parece, o republicanismo foi, na sua verdade histórica, algo do que tentámos perscrutar, afiguram-se lógicos os corolários que dele decorreram, e que resumiremos por este modo um tanto sumário:

1) O colonialismo; 2) o democratismo *político*; 3) o anticlericalismo.

À guisa de conclusão sintética da pesquisa levada a efeito, tentaremos explicitar, nos limites da brevidade, o significado desses corolários

«Todo aquele governo que atentar contra a conservação das colónias de Portugal, enfraquece as condições da nossa autonomia e prepara a entrega da Nação ao inimigo secular [a Espanha].» Quem assim se exprima, era Teófilo Braga, em 1879 e em 1912. Nessa crença comungavam um Basílio Teles, um Sampaio Bruno e todo o estado-maior do republicanismo. Que saibamos, dúvidas sobre a pertinência do asserto, só Oliveira Martins as levantou, mostrando os perigos para a metrópole do projecto de erguer novos Brasis em África, o que não significa, claro está, que ele fosse de parecer que era legítimo «atentar contra a conservação das colónias de Portugal.»

Ora como é evidente, as colónias eram, no contexto da vida nacional — como continuariam a ser —, a presença viva do passado histórico, desse passado que era pensado como condição *sine qua non* da sobrevivência no presente e do resgate no futuro.

Mas se a isso se tivesse reduzido o projecto regenerador republicano, não seriam apreensíveis diferenças de vulto entre ele e as anteriores regenerações, todas elas igualmente atentam às colónias, de acordo com os condicionalismos dos seus respectivos contextos históricos. É que a regeneração republicana — insistamos — é de aspiração «democrática»: o salto em frente, que se pretendia, haveria de ser dado por outra gente, pelo «povo», enfim, senhor dos seus destinos, mediante a liberdade, alargada até à sua negação que veio a ser o anarquismo, de tanta importância sobretudo no primeiro quartel do nosso século.

Outro dos aspectos mais sobressalientes do democratismo republicano traduziu-se, ideològicamente, pelo anticlericalismo e pelo projecto do afeiçoamento de uma sociedade laica.

Esse anticlericalismo, cujas raízes, como sugerimos, remontam a Herculano, denota o seguinte: por um lado, a força e o peso tradicionais do clero na sociedade portuguesa, mesmo que «liberalizada»; por outro lado, a consciência de que, sem a separação da Igreja e do Estado, não era possível abrir caminhos que possibilitassem o salto em frente que o republicanismo implicava. Dir-se-ia que o republicanismo, para não esgotar de todo as suas virtualidades de renovação, se viu necessàriamente compelido a arremeter contra o padre, com razão considerado no contexto português sobrevivência do passado, da tradição, da rotina, da estagnação.

Ora, se tendemos a pensar que o padre foi, de algum modo, o bode expiatório dos limites do revolucionarismo republicano tais limites eram traçados, em boa parte, pelo que o clero significava no contexto social e cultural português.

JOEL SERRÃO

ao acaso da rua

(Continuação da pg. ant.)

re, por vezes, receber menos, vendendo directamente ao intermediário. Tudo isto é complicado. No fundo, é um problema de educação. É preciso persistência para levar as pessoas a deitarem fora ideias antiquadas e a aceitarem os benefícios do nosso tempo. Não é o que diz o eng. Veloso da Televisão?

● **Algumas vantagens**

Eurico Mamede é estudante de Direito. Não pertence a nenhuma cooperativa. Mas quando lhe perguntamos: «Sabe o que é?», ri-se e diz: Sei.

— Vê vantagens?

— Claro que vejo. Muitas mesmo. Se não sou sócio de nenhuma é por um certo comodismo e também porque nunca tive disponibilidade de dinheiro para pagar a jóia que geralmente se exige para nos fazermos sócios. Foi o que aconteceu quando pensei entrar para a PALCO, cooperativa de teatro, e para a LIVRELCO, cooperativa de livros, organizada por estudantes.

— Poderia enumerar algumas das vantagens que apontou atrás?

— Certamente. Numa cooperativa de livros, como a LIVRELCO, os livros ficam não só mais baratos como é possível obterem-se rápidamente, mesmo aqueles que, no momento, não existam na livraria. Porquê? Neste caso, a razão é simples: sendo os estudantes quem dirige a cooperativa é natural que se interessem pelo pedido de outro estudante, o que não acontece nas livrarias, onde somos tratados como qualquer outro cliente, provàvelmente longe de sermos o que damos maior lucro. Quanto à PALCO, esta proporciona, como se sabe, preços reduzidos em quase todos os teatros de Lisboa. Julgo que só o «D. Maria» e o «Trindade» as não concedem. Em todos os outros sítios pudemos pagar apenas metade do preço, o que para nós, estudantes, com mesadas cada vez menos rentáveis, é extremamente importante. Repare que o teatro, como aliás, o cinema, a música e os livros, é um elemento essencial na nossa formação cultural.

As cooperativas e o comércio retalhista

(Continuação da pág. 5)

nos moldes actuais Dessa decadência só se libertaram em parte porque, nos últimos dois anos, estenderam a sua acção aos arredores.

O que aconteceu no Barreiro aconteceu em toda a Lisboa e principalmente em Alcantara e Ajuda — onde as seis cooperativas aí existentes vêem diminuir todos os anos as suas vendas pela concorrência de organismos do mesmo tipo.

CONCENTRAR ESFORÇOS

Cremos assim ter provado a afirmação contida no segundo ponto, fàcilmente atestado por qualquer director das cooperativas citadas e em especial as de Lisboa, principais vítimas desta situação anómala

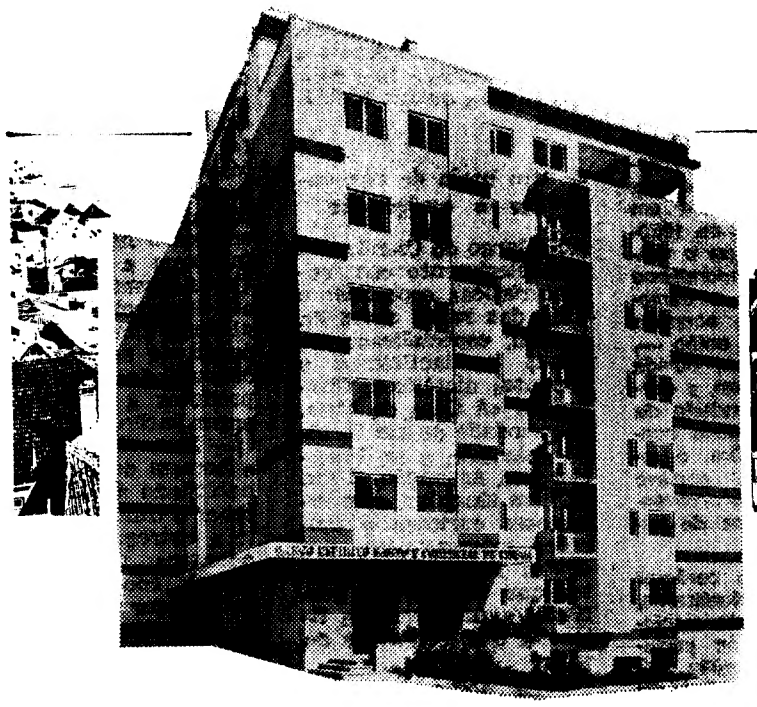
Resta-nos dizer algo sobre o terceiro ponto.

Não há qualquer razão para fazer das cooperativas bodes expiatórios da situação difícil do comércio a retalho português. Seria melhor que os retalhistas nacionais em vez dessa atitude negativa, seguissem o caminho que algumas das suas vozes esclarecidas têm indicado. Afinal o caminho seguido em todo o mundo: a concentração de esforços. Porque esperam os retalhistas de Lisboa para constituírem uma grande cooperativa de retalhistas da cidade? Não têm aqui bem perto o exemplo da GRUMA de Madrid?

O papel das cooperativas de consumidores, organizadas segundo as leis vigentes em qualquer país, é de constituírem um sector cooperativo, que funcione como regulador do mercado, constituindo ao mesmo tempo um estímulo concorrencial para o comércio privado, o qual busca, para lhe fazer face, uma melhoria acentuada dos seus serviços e métodos. E diga-se de passagem que este muitas vezes o consegue (as revistas especializadas de cooperativismo europeu assim o assinalam), obrigando por sua vez o Movimento Cooperativo de Consumo a rever a sua actuação.

Em Portugal, infelizmente para as cooperativas e principalmente para a economia dos consumidores, a debilidade do sector cooperativo é notória (não chega a 1% do comércio a retalho). Atribuir-lhe os males que sofrem as pequenas empresas retalhistas é cometer uma grave injustiça e, ao mesmo tempo, perder de vista as verdadeiras razões. O comércio retalhista precisa de fazer face ás dificuldades da distribuição actual mas só o conseguirá reformando os seus processos de actuação e não agarrado á «tulha», ao «balcão», aos «cartuchos de papel», bramando contra as «cooperativas» e esperando um D. Sebastião vingador que corte a cabeça aos «infiéis» cooperativistas.

FAUSTINO CORDEIRO



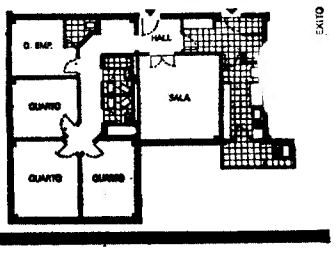
uma paisagem sobre o futuro

EDIFÍCIO PANORAMA

Um panorama para o futuro do seu capital

EM PAÇO DE ARCOS
UMA VALORIZAÇÃO RÁPIDA DO SEU CAPITAL

■ EXCEPCIONAL LOCALIZAÇÃO
■ JARDIM INFANTIL PRIVATIVO



EDIFÍCIO PANORAMA Propriedade construída pelo Eng. civil J. J. Luz ■ Av. Senho... ...s Navegantes (Junto à Igreja Nova) PAÇO DE ARCOS

Férias para o termostato...

BANDEIRA DE LIMA

Para um número considerável de pessoas chegou a ocasião de mandar pôr, no sítio respectivo, no circuito de refrigeração do motor, o termostato, retirado «durante a Primavera» a conselho de mecânicos «entendidos». Ficamos conscientes, hoje, de ter recordado a um número considerável de leitores uma «combinação» feita há meses com o mecânico, que explicou: «— é conveniente tirar o termostato durante o tempo quente. Depois volta a colocar-se...»

Mas se para o tal «depois» já chegou a ocasião, a realidade é que aquele aparelhozinho nunca deveria ter saído do respectivo lugar: ainda não encontrámos, ao longo de um já considerável número de anos de automóveis e automobilismo, uma especificação de construtor que fizesse tal recomendação. E, construindo-se motores de explosão há mais de 80 anos, não devemos andar muito longe da verdade se afirmarmos que os fabricantes não devem estar mal documentados nessa matéria...

O termostato é uma pequena válvula intercalada no sistema de refrigeração dos motores, e que, accionada por uma célula sensível á temperatura a que está submetida, estabelece a circulação do refrigerante (água ou ar) quando o motor atinge o mínimo de temperatura admissível para o funcionamento correcto e rentável, fechando-a novamente desde que a temperatura desça abaixo daquele valor.

Ora, um motor deve trabalhar quente, ou, melhor, deve manter a sua temperatura entre dois valores extremos, para os quais todos os seus órgãos, bem como respectivas folgas de funcionamento e tolerâncias de fabrico, foram estabelecidos. Fora daqueles limites, o motor gasta-se e perde rendimento, como é fácil de entender.

Ora, na medida em que estes inconvenientes se entendem fàcilmente, torna-se difícil a compreensão do ponto de vista que preside ao tal conselho de «retirar o termostato no tempo quente».

Mas sabe-se de onde nasceu este conceito, e isso ajudará, decerto, muitas pessoas a «defenderem-se» dele.

Os termostatos nem sempre foram as peças de funcionamento seguro que são hoje: há poucos anos ainda avariavam-se fàcilmente. Se isso sucedia quando a válvula estava aberta, o motor limitava-se a trabalhar mais frio. Mas, talvez por virtude de a maioria das avarias terem origem no choque térmico, numa maioria dos casos o termostato «enguiçava» de válvula fechada, e o motor aquecia anormalmente, por falta de circulação conveniente do refrigerante. Eliminar o termostato, portanto, representava uma medida de segurança: é preferível um motor a desgastar-se mais e a render menos a um motor gripado, ou a uma junta de cabeça queimada de espaço a espaço.

Hoje, no entanto, os termostatos, especialmente os de elemento de cera (compreendem uma cápsula metálica cujo conteúdo de cera se liquefaz e se dilata, abrindo a válvula) são completamente seguros.

Tem uma força extraordinária: há dias, na fábrica, preparando uma dessas cápsulas para um ensaio, verificámos que nem toda a força de um homem, somada ao seu peso, era capaz de obstar á abertura da válvula de um elemento de cera quando a temperatura atingia o valor para que fora concebido: os, talvez, 80 quilos da pessoa, a que se adicionava a força dos braços, recuavam inexoràvelmente da distância de cerca de nove milímetros (que correspondia á abertura da válvula) de cada vez que o termostato era aquecido — isto numa pequena célula de pouco mais de uma polegada de comprimento...

Da competição automobilística, que tantos pormenores de interesse fornece sempre que se trata de ensaiar a fundo qualquer órgão mecânico, também podemos colher elementos de interesse. Por exemplo: em tempo quente, um circuito de velocidade põe tantos problemas de aquecimento, hoje, num carro de Grupo 5, no qual é autorizada a supressão do termostato, como, no ano passado, originava no «Grupo 2», em que o uso do termostato era obrigatório, e isto é tanto mais significativo quanto se sabe que os motores foram prèviamente aquecidos antes da partida para uma prova.

De facto, nunca mais «conseguimos entender» a actual supressão dos termostatos, que reduzem a um mínimo o tempo de aquecimento dos motores e quase eliminam as grandes flutuações de temperatura durante o funcionamento normal. Mas este é um assunto para ser tratado separadamente.

TRAVE COM Raybestos
Calços para travões
Discos para Embraiagem
PEREIRA & BESSONE
Av. 24 Julho, 52, 1.º D.

AMORTECEDORES
RIV
EQUIPAMENTO ORIGINAL
FIAT - OM - LANCIA
AUTOBIANCHI
LAMBRETTA
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-77 — LISBOA

Escolheu BMW porque tem uma personalidade muito de acordo com a sua. É firme, rápido, seguro! Pronto no arranque, faz caminho com a segurança veloz que lhe exige a vida moderna. Atento à evolução dos detalhes actual conforto, o BMW alia a potência técnica às linhas da moderna elegância. Obediente à mão firme que sabe conduzir, o seu BMW responde com rapidíssimo arranque e segurança que o satisfazem. E depois, o BMW é fora-de-série e o chassis é um verdadeiro seguro de vida expresso em termos de engenharia.

a classe do seu carro é a sua classe

BMW

Pelo prazer de conduzir — B M W

BMW É O ÚNICO CARRO QUE LHE VAI BEM

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO: SOCIEDADE COMERCIAL E INDUSTRIAL DE AUTOMÓVEIS FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO, S.A.R.L. AGENTES EM TODO O PAÍS

BMW 2002 — Aceleração 0/100 Km = 10,9 seg

LINTAS 69-BMW-05

NOVA MISSÃO DA R. A. U. A MOSCOVO

O Cairo assegura o apoio soviético

JERUSALÉM — Os diplomatas israelitas suspeitam de que o principal propósito da missão egípcia de alto nível que vai a Moscovo é o de dissuadir os soviéticos de expressarem quaisquer esperanças (nas conversações que estão a travar com os americanos) sobre o Médio Oriente.

Essas fontes afirmam que os egípcios estão sem dúvida ansiosos por que não haja qualquer indicação por parte da U. R. S. S. sobre a possibilidade de uma regularização negociada do conflito israelo-árabe antes da reunião da conferência cimeira árabe, em Marrocos, no mês que vem. Uma declaração desse género iria minar, ou mesmo destruir, a posição que se pensa que o presidente da R. A. U. tenciona assumir na reunião, uma posição na linha do seu recente discurso sob o signo de «a ferro, fogo e sangue».

Contudo, altos funcionários israelitas pensam que Nasser, na verdade, não tem muito a temer por esse lado. Eles mantêm desde há muito tempo (ao contrário das notícias que chegam de Washington dizendo que os americanos e os soviéticos se estão a aproximar de um acordo no sentido de se encontrar uma linha de negociações possível de levar a uma regularização do conflito) que os russos não têm qualquer intenção de trabalhar por uma paz verdadeira.

Se no entanto — especulam as fontes israelitas — os egípcios pensarem que há uma possibilidade da U. R. S. S. e os Estados Unidos chegarem ao tal acordo, podem estar a assegurar-se de que isso não vai acontecer, mandando a Moscovo a sua delegação de três pessoas.

Em Israel pensa-se que os «leaders» da República Árabe Unida pretendem aparecer na conferência cimeira como tendo o apoio total da U. R. S. S. na posição de que não há alternativa para uma futura guerra com Israel.

A missão da R. A. U. à União Soviética é chefiada pelo segundo homem do regime, Anwar Sadat. Os outros membros da delegação são o ministro da Defesa, Mohammed Fawzi, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Mahmoud Riad.

Segundo se pensa em Israel, a missão terá um outro propósito: o de negociar um maior apoio económico e militar da U. R. S. S. à R. A. U.

ALFRED FRIENDLY
Exclusivo «The Washington Post» - «Diário de Lisboa»

Nasser (ao centro) durante a sua ultima visita á capital soviética. Ladeiam o presidente egípcio o comandante militar de Moscovo e o embaixador russo no Cairo

ESCOLAS

Pelo interesse de que se reveste, transcrevemos do jornal «Correio Português», que se publica em Paris, a seguinte notícia:

«Finalmente, recomeçaram as actividades escolares da Associação Nacional dos Portugueses, estando já a funcionar os cursos de Língua, História e Geografia de Portugal, em regime de complementaridade da escola francesa.

Com grande prazer registamos, neste ano, a substituição de um dos cursos de Champigny por outro em Paris-20, onde habitam cerca de 1000 crianças portuguesas em idade escolar, e um novo curso em Saint-Denis (Escola da Avenida Casanova) na vez de um outro que existia em Clichy-sous-Bois.

Assim, a Escola Portuguesa está mais junto parisiense, se considerarmos a situação geográdos maiores núcleos de portugueses da região fica de cada um deles, desde Champigny e Saint--Maur a Villiers-sur-Marne, desde Clichy a Saint-Denis e Versailles.»

No mesmo número do jornal vem a informação de que se iniciaram, em 3 de Novembro, as aulas da escola portuguesa em Villiers-sur-Marne, sob a orientação da professora Maria José Ceia Meirinho.

As armas nucleares e a sobrevivência da Humanidade

A propósito da conferência russo-americana para a limitação das armas estratégicas, têm vindo a público opiniões de numerosos cientistas americanos no sentido de que as duas grandes potências atómicas precisam de restringir a sua competição de armamento nuclear. Julgam esses cientistas que a evolução dos últimos anos tornou obsoleto o método dos antigos negociadores, que conferenciavam eternamente sem chegarem a resultados positivos. O assunto em causa tem a maior responsabilidade e pode contribuir para a sobrevivência da civilização humana, senão da própria Humanidade.

O resultado do ressurgimento da corrida aos armamentos, segundo o dr. George W. Rathjens, do Instituto de Tecnologia do Massachusetts, «tornaria mais provável e ainda mais brutal uma confrontação nuclear». Rathjens foi director da Agência de Projectos de investigação da Secretaria da Defesa e ocupou postos administrativos na Agência Norte-Americana de Controle de Armamento e Desarmamento.

Está, assim, familiarizado com as vantagens e as desvantagens das propostas de novos armamentos, e com as estatísticas sangrentas que mostram as centenas de milhar de pessoas que morreriam neste ou naquele caso. Também está convencido de que «as divergências profundas e as tensões perigosas que separam a Rússia dos Estados Unidos não serão resolvidas de um dia para o outro. Contudo, se se terminasse com a corrida aos armamentos, poderiam aumentar entretanto as oportunidades de sobrevivência das duas nações» — declarou.

AS CONCLUSÕES CATASTRÓFICAS DE STERNGLASS

Por outro lado, existem cientistas que temem que os armamentos nucleares, que o homem já construiu, possam não dar outra alternativa à corrirda aos armamentos. Mesmo se a U. R. S. S. e os Estados Unidos suspendessem a construção de novas armas nucleares e ainda que a competição na construção de «novas gerações» de armas nucleares, ofensivas ou defensivas, não culmine numa guerra de extermínio da civilização, o perigo não é eliminado; basta que as experiências que os dois países levem a efeito, agora proibidas por tratados internacionais, contaminem a atmosfera. Mas os resultados destas experiências seriam extremamente ligeiros em ocmparação com o que resultaria de uma guerra nuclear hemisférica.

Ernest J. Sternglass, professor de física radioactiva na Universidade de Pittsburgh, entende que as doses mínimas de radiação, devidas a experiências anteriores, podem ter causado a morte de mais de quatrocentos mil bebés e a morte de mais de dois milhões de crianças em período de gestação, desde o início de 1950, nos Estados Unidos.

Há cientistas que rejeitam as estatísticas do dr. Sternglass, afirmando que lhes faltam bases científicas — mas muitos louvaram-no, quanto mais não fosse por ter tocado no assunto.

Em qualquer caso, Sternglass conquistou o público, e as suas conclusões foram publicadas em jornais e revistas e difundidas pela televisão. Se se provar que Sternglass chegou a conclusões correctas quanto aos efeitos genéticos de pequenas quantidades de radioactividade, deduzir-se-á que quase todas as utilizações de energia atómica, tanto na paz como na guerra, são perigosas para a raça humana.

Esta hipótese irrita aqueles que, como o presidente da Comissão de Energia Atómica, Glenn T. Seaborg, crêem que a energia nuclear para fins pacíficos é algo que o homem deve desenvolver, e que a emissão radioactiva dos reactodes atómicos não é apreciàvelmente maior do que a proveniente das fontes naturais com as quais o homem tem vivido em contacto durante milhares de anos.

O veredicto da ciência, que se recusou por duas vezes a publicar as conclusões de Sternglass por motivos científicos, é o seguinte:

«Se Sternglass tiver razão, realizou um sreviço público incalculável. Mas, mesmo que esteja errado — e o peso das opiniões autorizadas parece crer que assim é —, a sua acção só tem uma função útil: a de obrigar os outros a aprofundar o assunto.»

Gerard Smith (à esquerda) e Vladimir Semyonov, chefes das delegações norte-americana e soviética às conversações entre as duas maiores potências mundiais para pôr termo ao armamento táctico. A conferência decorre em Helsinquia, capital da Finlândia

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 21 DE NOVEMBRO DE 1969 — N.º 20